ANNO XXX. N. 272.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

SEGUNDA FEIRA 27 DE NOVEMBRO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 1/2 a 27 3/4 d. por 1$000.
« Paris, 350 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 1 1/2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas	. . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas.	. .	16$000
» de 6$400 novas.	. .	16$000
» de 4$000.	. . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros.	. . .	1$940
Pesos columnarios,	. . .	1$940
» mexicanos.	. . . .	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 10 horas e 6 minutos da manhãa.
Segunda ás 10 horas e 30 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Novbr. 4 Lua cheia ás 6 horas, 43 minutos e 48 segundos da tarde.
» 12 Quarto minguante ás 7 horas, 40 minutos e 48 segundos da tarde.
» 20 Lua nova as 7 horas, 43 minutos e 58 segundos da manhãa.
» 27 Quarto crescente aos 21 minutos e 48 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

27 Segunda. S. Margarida de Saboia v.
28 Terça. S. Jacob da Marca f.; S. Sosthines.
29 Quarta. S. Saturnino. m.; S. Cizino diac.
30 Quinta. S. André ap.; S. Euprepetio m.
1 Sexta. S. Nahum propheta; S. Eloy b.
2 Sabbado. S. Balbina v. m.; S. Ponciano.
3 Domingo. 1º do Advento, S. Francisco Xavier ap. das Indias; S. Sofonias propheta.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 24 de novembro.

Officio — Ao Exm. bispo diocesano.— Quando estive na cidade da Victoria appareceu-me alli uma mulher septuagenaria pedindo esmola, e dizendo ser viuva do coronel Pedro da Silva Pedroso, que fallecera no Rio de Janeiro, onde se havia casado segunda vez com uma senhora, que se acha actualmente percebendo o meio soldo do fallecido coronel. Ordenando ao promotor publico que, tratasse de indagar esse facto miudamente, acaba elle de me dar a informação que por copia remetto á V. Ex., rogando se digne mandar ministrar-me os esclarecimentos e certidões de que trata o promottor, afim de se chegar ao conhecimento de um facto, que merece ser considerado. Estimo ter mais esta occasião de apresentar á V. Ex. os meus respeitos.

Dito — Ao presidente da relação, transmittindo por copia o aviso da repartição da justiça de 9 do corrente, do qual consta, que S. M. o Imperador, em vista de uma consulta do juiz de direito do civel desta cidade, houve por bem decidir, por sua immediata e imperial resolução, que os recursos das pronuncias ou não pronuncias dos juizes de direito do civel nos casos de quebras sejam interpostos para a relação do districto.—Officiou-se neste sentido ao mencionado juiz.

Dito — Ao commandante das armas, para mandar pôr em liberdade o recruta Manoel Joaquim Francisco Gomes, por ter sido julgado incapaz do serviço, em inspecção de saude.

Dito — Ao mesmo, recommendando a expedição de suas ordens, para que o lugar em que se tem de edificar a coxia da companhia fixa de 1.ª linha seja rondado durante a noite por uma patrulha tirada das guarnições da fortaleza do Brum e do forte do Buraco, afim de prohibir que sejam furtados os materiaes que alli se estão depositando para a edificação da mencionada coxia. — Communicou-se ao engenheiro encarregado das obras militares.

Dito — Ao mesmo, declarando que, ficam expedidas as convenientes ordens não só para que o inspector do arsenal de marinha faça apresentar a vela e remo de que necessita a canoa de transporte da fortaleza de Itamaracá, mas tambem para que seja pago ao canoeiro Manoel Lourenço pela thesouraria de fazenda o frete, na importancia de 12$000 rs. da conducção de vinda e volta da referida canoa. —Deram-se as ordens de que se trata.

Dito — Ao commandante da estação naval convidando a S. S., e aos Srs. officiaes dos navios da estação sob seu commando, para acompanharem a procissão de *Corpus Christi*, que deverá ter lugar na tarde do dia 26 do corrente.—No mesmo sentido officiou-se ao inspector do arsenal de marinha e capitão do porto.

Dito —Ao mesmo, remettendo por copia o aviso de 10 do corrente, no qual o Exm. Sr. ministro da marinha declara que não se deve aceitar a indemnisação do valor da ancora que o brigue *Cearense* perdeu, quando, á requisição do consul inglez, esteve de guarda no Lameirão a galera ingleza *Golden*. —Igual copia tambem remetteu-se ao inspector do arsenal de marinha.

Dito — Ao chefe de policia, inteirando-o de haver transmittido á thesouraria provincial, para ser paga, estando nos termos legaes, a conta que Smc. remetteu das despezas feitas com o sustento dos presos pobres da cadeia de Ouricury, desde 15 de fevereiro até o ultimo de junho deste anno.

Dito — Ao inspector do arsenal de marinha, concedendo a autorisação que pedio para mandar concertar em Paris a luneta meridiana, de que Smc. trata.

Dito — Ao mesmo, remettendo, para ter o conveniente destino, o officio dirigido ao Exm. presidente do Ceará, ácerca da remessa da polvora e mais objectos que tem de ser enviados para aquella provincia no hiate nacional *Ducidoso*.

Dito — Ao mesmo, recommendando que, não só mande proceder pela mestrança daquelle arsenal a uma vestoria no brigue-escuna *Legalidade*, mas tambem remetta ao referido commandante copia do termo que se lavrar, especificando os reparos de que necessita o referido brigue. — Communicou-se ao supradito commandante.

Dito — Ao director das obras publicas, para mandar entregar ao inspector do arsenal de marinha, afim de terem a conveniente applicação, os páos de pinho que serviram de linhas de suspensão do passadiço feito na ponte do Recife, por occasião da grande cheia que teve lugar em junho deste anno. —Communicou-se ao referido inspector.

Dito — Ao mesmo, approvando a compra que mandou fazer para a obra da ponte provisoria do Recife de dous barris de alcatrão, cem caibros e quatro duzias de taboas de assoalho de louro meio refugo.— Inteirou-se á thesouraria provincial.

Dito — Ao mesmo, approvando a deliberação que tomou de comprar dous mil tijolos para a obra da ponte sobre o rio Pirapama, empregando em algumas obras nesta cidade os outros dous mil que para esse fim foram comprados pela thesouraria provincial.— Communicou-se a esta.

Dito — Ao commissario vaccinador provincial, inteirando-o de haver transmittido por copia ao Exm. ministro do imperio, afim de dar providencias a respeito, o officio em que Smc. representa sobre a falta de objectos indispensaveis aquella repartição.

Dito — Ao inspector da thesouraria provincial, transmittindo, para servirem de base á arrematação das obras do 5.º, 6.º, 7.º e 8.º lanços da estrada do Norte, os orçamentos e clausulas que approvou, e para esse fim foram remettidas pelo director das obras publicas.—Communicou-se a este.

Dito — A' camara municipal de Olinda.—Informando-me o director das obras publicas, que convem conservar aberto o pantano de Olinda em quanto se procedem aos estudos para o seu dessecamento, cumpre que Vmcs. me indiquem quanto antes o meio de abastecer essa cidade de agua potavel, tendo em consideração o que a tal respeito observa o mesmo director das obras publicas no officio por copia junto.

Dito — A' camara municipal do Bonito, autorisando-a a mandar fazer os reparos e concertos de que necessita a cadeia daquella villa, os quaes foram orçados em 68$560 rs.—Communicou-se ao director das obras publicas.

Portaria — Ao director do arsenal de guerra, para fornecer por emprestimo ao commandante do 3.º batalhão de infantaria da guarda nacional deste municipio 250 bandoleiras de couro garroteado.

Dita — Ao mesmo, recommendando que forneça ao commandante do corpo de policia tres espadas para musicos.— Communicou-se ao supradito commandante.

Dita — O presidente da provincia, attendendo ao que lhe requereu José Hygino de Miranda, resolve conceder-lhe licença para mandar conduzir para esta cidade 169 pranchões de amarello, que fez cortar e preparar nas mattas de Una, em consequencia da licença que obteve do governo imperial, por aviso de 15 de julho de 1847, e por esta occasião recommenda as autoridades locaes inclusive o director da colonia militar de Pimenteiras, que tenham todo o cuidado para que se não commettam abusos na conducção dos referidos pranchões— Communicou-se ao inspector do arsenal de marinha.

EXTERIOR.

INGLEZES PRISIONEIROS NA RUSSIA.

Ultimamente o coração da nação tem palpitado com afflictiva e dolorosa anciedade. O pensamento dos milhares de bravos, que, sob todas as circumstancias de privação e soffrimento, estão sustentando, em terra estranha, á custa do seu sangue, a gloria da patria e os mais charos interesses da humanidade, traz com sigo um peso de apprehensões e miserias. Mas, por mais profunda que possa ser a nossa anciedade, duvidamos muito, se mesmo nesta crise, a commiseração que se experimenta em consequencia das provações porque estão passando os nossos valentes concidadãos he mais pungente do que a que transpassou a alma do povo inglez quando soube das primeiras noticias ácerca da perda do *Tiger*, e do mui provavel destino dos seus officiaes e tripolação. Esta noticia chegou como a primeira intimação do perigo real—como o actual arauto da mais cruel calamidade. Até então a Inglaterra não tinha motivos de luto. Até então os seus soldados não se tinham achado n'uma cruel desvantagem—nem tinham sido usados como escudos abandonados para os tiros do inimigo—nem tinham sido feitos prisioneiros pela Russia para soffrerem uma sentença russa. Temos imaginado homens estropeados caminhando atravez das infindas *steppes* do paiz sob toda a indignidade, até que, chegando á Siberia, podessem achar alivio para a viva miseria na morte prematura. Sabiamos o que tinha acontecido em Sinope. Lemos o que teve lugar no proprio navio *Tiger*, collocado por accidente ou pela Providencia, á mercê do inimigo. Que destino para os prisioneiros poderia a imaginação pintar peior do que aquelle que estava prestes a cahir sobre elles?

Podiamos ter poupado a nós mesmos grande angustia de espirito e mui desnecessaria especulação. O tenente Royer nos assevera que ha poucos prazeres debaixo do céo comparaveis ao de ser alguem por poucos mezes o prisioneiro do imperador da Russia. Com effeito, para ser bem tratado por S. magestade, he somente necessario ser seu inimigo e estar á mercê delle. Os Turcos talvez não tenham encontrado isto; os lastimosos marinheiros a bordo da esquadra em Sinope talvez tenham sido de uma opinião differente mas foram infelizes na sua experiencia, ou vagarosos na sua appreciação de beneficio. O official commandante do navio *Tiger* de S. Magestade viajou,—posto que prisioneiro—desde Odessa a S. Petersburgo, e talvez não tivesse passado melhor se houvesse viajado de Portsmouth a Windsor em uma visita á rainha. Não podemos dizer quantos primeiros-tenentes são recebidos por sua Graciosa Magestade a sua mesa hospitaleira. Mas o proprio principe Alberto não teria feito mais do que apresentar o seu vallente hospede a « minha mulher, » fumar um charuto com elle, manda-lo prover-se de vinho, e tomar algum conforto. Foi precisamente assim que o grão duque Constantino portou-se para com o capturado tenente Royer na sua primeira entrevista.

Não podemos dizer qual he o calibre exacto da communicação do tenente; mas o seu livro he mui suspeito neste particular. Elle deve ser referido, mais ou menos remotamente, á mui espalhada familia do *Green*. Esta expressiva cor está estampada em cada pagina do seu pequeno volume, e verde—não amarella—devia ser a capa. Fora impossivel não rir-se alguem e vista da sua pathetica simplicidade, se não fossemos excitados até a colera pela sua egregiatolice. Se o primeiro tenente do *Tiger* deve ser condemnado ou não por ter tão promptamente entregado o seu navio ao ataque russo, mas sempre civil e considerado, e se elle não devia ter conduzido a sua tripulação, de antes render-se, a um dos dous navios que estavam cruzando com elle ao longo da costa, são questões que as autoridades maritimas devem decidir. Mas que não deve ser mui altamente louvado pela sua perspicacia, e pericia depois da sua captura, e durante a sua breve retenção no paiz do inimigo, he cousa mui clara para qualquer pessoa. O « trapaceiro » que em vão tentou no caso do astuto Sir Hamilton Seymour, foi excessivamente feliz quando especulou sobre a natureza mais impressionavel e menos falsificada do bravo tenente. Todos na Russia, desde o mais humilde empregado até o commandante em chefe e o proprio imperador, tratam-no com notavel consideração, muito alem do que elle podia aspirar na sua cathegoria ou posição, em consequencia da sua illimitada gratidão para com a attenção que tem merecido, afirma que a Russia he o mais civilisado dos paizes do mundo, e o seu chefe o mais moderado e o mais cavalleiroso dos principes. Que todos os officiaes que estão em contacto com elle conduzem-no pelo nariz, « tão facilmente como são os asnos, » he segundo a sua propria confissão tão claro, como se a intenção fosse declarada. Mas o tenente Royer não pode ver isto. Elle toma amigavelmente tudo isto por garantido como o o pobre demonio da farça quando as honras da propria realeza são acummuladas sobre os orgulhosos hombros de um meritorio servente de pedreiro. Quem lamentar esse Royer não he Talleirand!

Observemos a profunda simplicidade do cavalleiro naval!

Chega a S. Petersburgo a fim de ser conduzido á presença de sua magestade imperial.

« O coronel Montandre, sob cujo cuidado elle foi collocado pelo general Sitinin, o commandante em chefe das tropas em S. Petersburgo, entendeu acompanhar-me ao meu quartel temporario, onde eu devia esperar até a chegada em S. Petersburgo do principe Dolgourouski, ministro da guerra, que devia decidir quanto ao meu futuro destino. »

Depois de um ou dous dias chega o principe; o tenente Royer vai fazer-lhe uma visita, e o commandante em chefe, assim que o official entra, corre para elle, toma-o pela mão, e lhe falla da maneira seguinte:—

« Sr. tenente, os revezes da guerra lançaram-no em uma posição que nos colloca agora na relação de amigos, e confio que em nossas futuras relações nos estimaremos reciprocamente como leaes cavalleiros. Sua magestade determinou que o Sr. tenente fosse alojado em um palacio e tratado com o maior cuidado. Faça sciente ao coronel qualquer pedido que me pretenda fazer. Devo declarar-lhe que a sua palavra não o isentará de ser acompanhado por um official, pois que assim a lei determina; mas se ha de fazer tudo a fim de que isto se lhe torne o menos desagradavel possivel. »

Esperamos que o estylo e a linguagem de Dolgourouski não serão perdidos para o duque de Newcastle. O grão de liberdade concedido ao tenente Royer pelo proprio imperador foi especificado nas instrucções seguintes:—

« 1. Eu tinha a liberdade de ir onde queria em roda da cidade; mas devia ser sempre acompanhado por um official.

« 2. Não devia communicar com subdito algum inglez, excepto com a Rev. O. Law, capellão da embaixada em S. Petersbourg.

« 3. Foi-me concedido ter os livros ou as gazetas que eu pedisse, mas todas as cartas que eu escrevia ou recebia deviam passar pela repartição do commandante em chefe.

« *Para coroar a sua liberalidade*, continua a faceto tenente, *o coronel apresentou uma carteira, com penna, tinta e papel, a qual collocou sobre a mesa, recommendando-me que fizesse notas da minha residencia na Russia*. Não se esqueceu de dar-me lacre, posto que as minhas cartas devam ser remettidas abertas. »

Por conseguinte, o tenente Royer sómente podia fazer notas do que se passava diante dos seus olhos, e as autoridades russas tiveram o maior cuidado que só as cores mui rosadas molestassem a visão do « primeiro prisioneiro inglez. » He um pouco singular que o tenente Royer, que nos diz que nada—ainda as cousas mais insignificantes— he feito na Russia sem o conhecimento, sem a sancção e ordem expressa do imperador, nunca tenha suspeitado que a civilidade geral, e a recommendação que lhe fora feita de tomar notas da sua residencia, tinha emanado daquella illustre parte. A innocencia deste official he realmente bella. Depois de esperar o imperador, que ao mesmo tempo deu ao prisioneiro a sua liberdade, o tenente Royer recebe uma mensagem do ministro da guerra, manifestando desejos de ve-lo.

« Dirigi-me immediatamente á sua presença. De novo congratulou-se commigo em consequencia da minha soltura, e acrescentou que sua magestade imperial ordenara-lhe que me presenteasse com uma espada, a qual elle confiava que não seria mal recebida por ser de producção *russa*, pois que não tinha uma ingleza para dar-me em lugar da minha. *Esperava que isto servisse como lembrança do tratamento que eu havia recebido na Russia; e concluio, observando que não duvidava que eu fallasse bem delles, e asseverasse ao meu paiz que elles não eram tão barbaros como os jornaes os representavam*. Apertou-me a mão, usando de algumas expressões benignas e obsequiosas, nas quaes predominavam mutua estima e respeito. »

Evidentemente o principe Dolgourouski não he tollo, e foi capaz de apanhar as dimenções do seu prisioneiro com um simples lanço d'olhos. Em verdade qualquer homem que se aproximasse delle parecia estar sciente da natureza do material com que estavam em contacto. M. Sharman he o nome do cavalleiro que teve debaixo da sua vigilancia o tenente Royer, durante a sua estada nos dominios russos, e ouçamos o que o tenente diz de M. Sharman:—

« Zeloso como o governo russo he reputado ser acerca da opinião que os estrangeiros formam do paiz, ninguem teria sido melhor adaptado para por os seus principios de governo em uma favoravel luz do que Mr. Sharman, o qual, sem embargo da intimidade que necessariamente vai crescendo entre dous homens que vivem tão unidos, como nós viviamos, nunca deixou de acreditar o governo que me havia confiado aos seus cuidados. »

Quanto he verde e tonta esta observação! Suppará o tenente Royer que Mr. Sharman era tão idiota como elle? Imaginará que o governo russo era capaz de entrega-lo á guarda de um homem disposto « a pôr os seus principios em uma luz desfavoravel? Fraco como infelizmente elle he, quereria que elle « houvesse deixado de acreditar o governo que tivesse consignado » um prisioneiro russo ao seu cuidado, que, desgraçadamente para aquelles que o empregaram, houvesse sido collocado em um lugar semelhante ao em que se achava Sharman? « Espero somente, diz o amavel tenente em um lugar, espero somente que o governo de Mr. Sharman ha de apreciar devidamente a sua delicadeza de comportamento para com uma pessoa tão estranha para elle. » Esperamos sinceramente que isto ha de acontecer; e esperamos igualmente que o governo do tenente Royer será capaz de apreciar como merece a singular agudeza e penetração do primeiro tenente do perdido navio *Tiger* de sua magestade.

Custa-nos a entender como aconteceu que o tenente Royer, assim que obteve a ordem de soltura não podesse voltar para a Inglaterra, em razão de se achar bastante fraco; porque, segundo a sua exposição, a Russia he o paiz, acima de todos os outros, para o verdadeiro gozo da liberdade e da vida. Elle encontrou no seu caminho a S. Petersburgo, em Toula, quatro officiaes turcos que tinham sido feitos prisioneiros em um dos paquetes a vapor no Mar Negro entre Trebizonda e Constantinopla. « Um delles fallava uma especie de *inglez estropeado*, o qual elle talvez colhesse quando funccionava como amanuense na embaixada em Inglaterra. Estiveram quasi tres mezes nesse lugar, e não manifestavam desejo de voltar ao seu paiz —mostrando-se totalmente satisfeitos com o *amigavel* tratamento que receberam das mãos dos seus *inimigos*. (Os italicos são do tenente.) Certamente asseveraram-me depois que um destes homens, em S. Petersburgo, se poz a chorar quando a ordem de soltura lhe foi annunciada. » Oh! pobre Turco! causa-nos admiração se o principe Dolgourouski não lhe recommendou tambem que tomasse notas da sua residencia na Russia. Desejariamos ter visto este Turco quebrar o coração assim como os Russos lhe quebraram os grilhões.

Mas, Turco ou Inglez, tudo he a mesma cousa se a vossa boa fortuna vos conduzir, em tempo de guerra, a S. Petersburgo ou a Siberia. No caminho de ferro entre Moscow e a capital o nosso autor profundamente meditativo encontrou tres homens robustos e pederosos. Eram Inglezes, os quaes estiveram por alguns annos no serviço russo como engenheiros. Não lhes foi permittido deixar a Russia na occasião em que arrebentou a guerra, mas se achavam agora sob a vigilancia de um gendarme, o qual os ia conduzindo para Moscow, o lugar que lhes fôra assignado como residencia. «Posto que estes homens, diz o nosso penetrante escriptor, apparentemente não estejam convenientemente detidos, elles dirigiram-me as seguintes expressões tranquillisadoras, as quaes dispensam qualquer commento da minha parte: —« Fique certo que, aconteça o que acontecer, elles hão de trata-lo como um cavalleiro. » O leitor se ha de lembrar que foi « como cavalleiro. » Sua magestade imperial propoz, no primeiro caso, arrombar a casa do Turco, e roubar a sua « justa heransa. » Foi como cavalleiro que Menschickoff ameaçou o sultão, a quem julgava tão infenso, como elle proprio agora se acha. Foi « como cavalleiro » que o imperador dictou o despacho que sem pejo algum confessava as suas intenções criminosas, e tornou a guerra inevitavel. Foi « como cavalleiro » que os seus capitães atacaram a frota em Sinope. Foi « como cavalleiro » que elle preferio cobrir a terra com sangue dos melhores e mais valentes soldados, confessando uma horrenda culpa e retirando a sua mão voraz das justas possessões dos outros homens. O tenente Royer não quer fazer commento algum ácerca da espontanea observação do engenheiro. Elle foi tratado « como cavalleiro. » Desejamos que houvesse recebido o tratamento no espirito de um official inglez, e com o senso commum de um homem ordinario.

Não sabemos quaes são as intenções futuras do tenente Royer; mas, se fossemos seus amigos, o aconselhariamos que immediatamente se retirasse do serviço de sua magestade, e fosse alistar-se nas bandeiras do imperador. Elle nunca será tão feliz na Inglaterra como foi na Russia. Primeiros ministros, commandantes em chefe, grãos duques, principes e imperadores nunca contenderam entre si aqui para honra-lo. Em S. Petersburgo elle foi evidentemente um mui gordo leão com uma cauda mui longa. Em Londres, assim como nós, elle se perderá no meio da multidão. Além disso, he claro que a atmosphera, as instituições e os costumes sociaes dos Russos estão mais de harmonia com os seus gostos do que os dos seus proprios concidadãos, os quaes não podem dar aos tenentes navaes o seu devido valor. « A sympathia que se lhe mostrava em qualquer parte, escreve elle, era notavel; e o procedimento dos nossos inimigos civilisados fazia um contraste evidente com o dos nossos barbaros alliados, aos quaes o nosso paiz estava generosamente coadjuvando. Ao passo que em quanto estivemos em Constantinopla fomos muitas vezes cuspidos nas ruas pelos meninos turcos. »

« Melhor, muito melhor, tenente Royer, he ser cuspido por meninos, do que enganado e vendido por homens! Os Russos com a sua linguagem disfarçada o injuriam mais do que os meninos infieis de quem o senhor se queixa. E o tenente gosta dos caminhos de ferro russos! O trem entre Moscow e S. Petersburgo, he uma prova de que elles são muito agradaveis.

« Eu gostava de ver tambem que não havia desnecessaria confusão nos transportes dos caminhos de ferro, como acontece ao viajante inglez. Em todas as estações concedia-se bastante tempo aos passageiros para prover as suas malas, e em cada uma havia todos os refrescos, que se podem desejar em uma viagem. O tempo concedido ao trem para ir de uma estação o outra he cuidadosamente fixado pelo boliteiro, o qual nunca ousa chegar um minuto mais cedo, ou mais tarde, de sorte que em alguns casos eramos obrigados a ir mui vagarosamente, afim de não chegarmos antes do tempo marcado. Quem he que na Inglaterra tem tempo para olhar ao redor de si? Os ricos e os pobres parecem ser impellidos ao longo por um impeto que impede o pensamento de cuidar em outra cousa que não seja os seus compromissos; e assim que estes são recebidos o pensamento procura outros. »

« He verdade, na Inglaterra não ha lugar para o tenente Royer. Alem disto os Russos são naturalmente um povo religioso; são dispostos a reverenciar tudo que he sagrado. O general Osten-Sacken em Odessa « nunca visitou o hospital sem ir as sepulturas dos seus inimigos, onde absorvido em meditação elle podia ser visto persignar-se e offerecer supplicas ao Senhor dos exercitos »; e o tenente he decididamente de uma mudança de espirito como elle mais de uma vez annuncia com pouca delicadeza. »

A historia do *Tiger* está fresca na memoria dos leitores. A 12 de maio passado tres semanas depois do bombardeamento de Odessa o navio encalhou quasi 50 braças distante da praia quatro milhas ao sul de Odessa Reinava uma densa cerração; quando essa se dissipou, os Russos fazendo fogo por traz de um banco de areia, atacaram o navio até que elle se rendeu, tendo ao mesmo tempo, entre outros feitos mortaes, tendo carregado a perna esquerda, e ferido a perna direita do capitão Giffard, o qual subsequentemente morreu em Odessa. Depois de uma breve prisão, durante a qual, segundo o tenente Royer, o maior cuidado foi prestado aos prisioneires, a maioria da tripolação foi trocada por igual numero de prisioneiros Russos, mas o proprio tenente Royer, o official commandante foi mandado a S. Petersburgo para esperar as ordens do imperador. O imperador e sua familia, quando o official inglez chegou a S. Petersburgo, a 16 de junho, estavam em Peterhof uma curta distancia da capital. Nesta conformidade o prisioneiro foi para ahi, sendo acompanhado até as portas do palacio pela civilidade e attenção dos mais eminentes officiaes do paiz. A 25 teve lugar a memoravel entrevista. Ouçamos Mr. Royer descrever a sua felicidade nas suas proprias palavras:—

« Pela volta de 10 horas e meia veio um mensageiro informar-me que a minha presença era requerida no palacio, e que uma carruagem estava esperando para nos conduzir. Posto que só tivessemos 100 braças a caminhar, entramos na carruagem, e em breve nos achamos as portas do palacio, onde eu encontrei o ministro da guerra, o qual estava impaciente, como se nós nos tivessemos demorado. Elle introduzio-me em uma sala de espera onde se achava grande numero de officiaes superiores para acompanhar o imperador e a sua comitiva a igreja, entre estes havia tambem muitos officiaes de graduação inferior, pertencentes aos regimentos aquartelados em Peterhof, e reunidos para o mesmo objecto. A ante sala era de grandes dimensões e apresentava um notavel espectaculo, que eu não observei em parte alguma das salas deste palacio ou de outra qualquer. As paredes estavam cobertas desde o alto até 5 pés do assualho com pinturas de rostos femenis em toda attitude, e com toda a variedade de expressão. Estas pinturas eram a oléo simplesmente de 3 pés a 2, collocadas juntas, e sem molduras; o todo offerecia um mui agradavel espectaculo. O principe Lichtenstein, um dos ajudantes de campo do imperador, chegou-se para mim fallando um inglez mui correcto, e benignamente pedio-me que eu recorresse a elle no caso que precisasse de alguma cousa durante a minha residencia na Russia. Varios outros officiaes se dirigiram a mim, cujos nomes não me posso lembrar; alguns fallaram em francez, alguns em inglez, mas todos eram assiduos em prodigalisar-me polidas atenções.

« Durante a espera na ante sala, dous bellos mancebos evidentemente mui altos para a idade, e trajados com o uniforme de general comprimentaram-me em excellente inglez. Quando eu lhes fallava, respondendo as suas perguntas, o principe Dolgorouski conduzio-me a presença da imperador, sube depois que elles eram os dous mais jovens dos grão duques, Nicolao e Michael, os quaes me honraram com a sua attenção. As suas perguntas eram de um benigno interesse, e meramente se referiam á minha estada na Russia, o que me pareciam as cousas que eu tinha visto, etc. etc. Segui o principe a uma pequena escura sala; e ahi apresentou-me a sua magestade e se retirou um pouco para traz.

« O imperador estava no meio da sala vestido com um uniforme azul escuro de general em chefe, e usava de uma simples cruz da ordem de S. Jorge-honra conferida somente ás pessoas que tem prestado importantes serviços ao paiz. Creio que sua magestade ainda não assumio a decoração das mais altas classes da ordem, a qual he usada por homens como Paskiewtsch, Woronzow, etc, e que me foi descripta como differente em grandeza d'aquella usada pelo imperador. Eu esperava ver um homem abatido, mas não estava preparado para achar sua magestade tão superior á generalidade dos homens collocados tão alto. Certamente não mostra ter mais de 50 annos, nem ha o mais particular signal de cuidado no seu semblante— ao menos aquelles que se encontram em todos os homens da sua idade. As suas feições são delicadas e regulares, a cabeça calva no centro, e os olhos de uma suavidade expressiva, inteiramente de harmonia com as suas palavras. Eu estava informado que sua magestade fallava o inglez e o francez, e esperei que elle se me dirigisse a mim na minha lingua natal. Assim que eu me inclinei para diante, elle me disse « senhor tenente » e perguntou-me pela minha saude, se já estava livre das febres, e como e onde eu as tinha apanhado. Fallou-me ácerca da perda do *Tiger*, e inquirio se não tinhamos ancorado, estando tão perto da praia. Respondi-lhe que a cerração era muito espessa, e que suppunhamos estar distante quando o navio encalhou. Perguntou-me se era casado, e fez algumas indagações acerca do meu fallecido capitão, e informou-me que Mad. Giffard tinha ido para Odessa, reunir-se com o marido, ignorando que elle havia morrido.

« Então sua magestade disse-me que tencionava dar liberdade ao capitão; mas, como isto era agora impossivel, estenderia essa graça a mim como immediato em commando, e perguntou-me quando eu queria voltar para a minha patria.

« Hesitei a vista deste annuncio, porque, posto que me houvessem dito em Odessa que eu seria solto, com tudo não previ fosse tão cedo. Por tanto não estava preparado para responder a pergunta acerca da minha partida, e disse que realmente não tinha pensado nisto; ao que sua magestade imperial rio-se admirado, da minha sorpreza e embaraço, e disse-me, « *Allez donc, pensez-y* » (Pois bem, pode retirar-se, e pense a este respeito) e tenha a bondade de dizer-me esta noite, pelo intermedio do ministro da guerra, que caminho pretende seguir. » Então acompanhou-me até a porta da sala, voltando-se para o principe, a quem fez algumas observações em russo, e este seguio-me.

« Quando chegamos a outra sala o principe apertou-me a mão, dando-me os parabens pela minha soltura, e disse-me, « Talvez que o não vejamos outra vez contra nós? » e ao reunirmo-nos com os outros officiaes que estavam na sala, tambem recebi os seus parabens, dizendo-me um delles que ha cousa de uma semana antes ja sabia que eu estava para ser solto; com tudo, isto ainda não tinha chegado ao meu conhecimento. Aceitei com prazer o offerecimento do principe Dolgorouski para fazer parte da comitiva de sua magestade imperial, que se estava preparando para assistir ao serviço divino na capella do palacio.

« Quando estavamos conversando, o imperador, conduzindo a imperatriz, e acompanhado pelo resto da familia imperial e pela sua comitiva, passou para a capella, e nós remalamos o prestito. Eu não teria seguido para diante, se o principe Dolgorouski não me tivesse benignamente tomado pelo braço e conduzido-me a capella, em que a familia imperial tinha tomado os respectivos assentos, de sorte que se achava na distancia de 20 varas do altar; o resto dos officiaes da comitiva estavam na parte exterior, n'uma sala que vai dar na capella por uma pequena porta, e onde, segundo me informaram, eu não teria podido ouvir a musica.

« A imperatriz occupava um assento a minha esquerda; o resto da assembléa estava de pé durante o serviço. Evidentemente sua magestade estava incommodada na sua saude, e somente se levantava durante certas occasiões; as damas da corte estavam por traz da imperatriz e do imperador. A familia imperial estava a direita, no lado opposto da capella, com os officiaes generaes após si; os ministros estavam no centro, onde eu estava. Tres arcos, sustentados por quatro columnas quadradas, separavam a familia imperial das respectivas commitivas. O serviço foi dirigido por dous sacerdotes, trajados com explendidos vestidos auri-verdes, com mitras na cabeça. Um estava dentro do anteparo do altar, cuja porta central estava aberta; e o outro na capella, no lado exterior do anteparo, sustentando um livro, no qual lia pedaços da escriptura. O serviço era cantado e algumas vezes resado, por um coro de 50 homens e mancebos de todas as idades, collocados 25 em cada lado do altar, defronte uns dos outros. Não havia musica instrumental, mas só depois de algum tempo foi que observei esta circumstancia; porque era tal a entoação, e as differentes vozes eram tão perfeitamente harmonisadas, que imitavam os sons de um orgão, o que dava evidente solemnidade a ceremonia. As vezes o anteparo era fechado—supponho que a consagração da Eucharistia, e outras vezes dous assistentes entravam pelas portas lateraes com thuribulos fumegantes de incenso, que elles davam ao sacerdote; este tomando, incensava tres vezes durante a congregação a qual se persignava repetidas vezes, e isto, com a repetição de algumas palavras (Kyrie eleiron), era toda a parte que a congregação tomava no serviço e nas respostas. Uma vez durante o serviço fui honrado com a observação do imperador; n'outra occasião os olhos de todas as pessoas presentes se voltaram para mim; certamente estavam orando pelos seus inimigos.

« Concluido o serviço, os ministros e generaes sahiram da capella para a sala em que os outros officiaes tinham ficado, e todos nós nos collocamos em uma linha de um lado, ao passo que as damas formavam o outro lado da avenida por onde a familia imperial devia voltar para os seus aposentos. »

A direcção fixada para a volta do tenente Royer foi pelo caminho de Varsovia. A 5 de julho elle chegou a quella cidade a 8 de julho chegou a Berlim A 9, diz-nos elle, pôz outra vez pé na « Linda velha Inglaterra. » Somos obrigados a dizer que o tenente Royer satisfez os desejos do coronel Montandre, e do principe Dolgorouski, e com effeito fez notas da sua residencia na Russia, taes como elles e o seu amo desejavam e tencionavam. Iscaram bem a ratoeira, e apanharam um tenente.

(*Times*.)

A CRIMEA.

Kertch.—Caffa ou Theodozia.—Simpheropol.—Yalta.—o Tchatir.—Dagh.—Alushta.—Ayupka.—o palacio do principe Woronzoff.

O livro de Mr. Lourenço Oliphant, que no principio deste anno causou tão viva sensasão na Inglaterra, recebe um vivo interesse de actualidade dos acontecimentos que agora se passam na Crimea. O torysta inglez visitou não ha mais de um anno, quando a questão do Oriente estava ainda no principio, todas as cidades da Crimea, todos os portos do seu littoral. Elle passa-os em revista, descreve-os successivamente com essa precisão e esse *humor*, que são o caracter distinctivo das obras deste genero, onde brilha particularmente o enthusiasmo britanico.

Illudindo a vigilancia da policia russa, Mr. Oliphant conseguio penetrar em Sebastopol sem a licença do governador, a qual sómente facilita aos estrangeiros o accesso daquella cidade. Elle póde melhor que ninguem examinar minuciosamente e apreciar a força e a fraqueza desse tão gabado baluarte do poder russo.

Mas tem-se escrito tanto sobre Sebastopol, que uma nova discripção desta cidade, não seria bastante para excitar a attenção do leitor. Porém o mesmo não acontece com as outras duas cidades da Crimea. Abandonadas á segunda ordem, ellas são conhecidas imperfeitamente e muitos até apenas sabem os seus nomes.

A historia de Mr. Oliphant he o unico livro recentemente publicado em França, no qual se encontram noticias sobre Kertch, Caffa ou Theodosia, Simpheropol, Bagtchi-Serai e sobre todo o territorio da peninsula de Crimea, que nossos exercitos pisam victoriosamente. Vamos fazer em seguimento a Mr. Oliphant, a viagem da Crimea e extrahir de seu livro as noticias preciosas, que contem sobre o solo e habitantes daquella peninsula.

O viajante inglez, depois de se ter demorado pouco tempo em são Petersburgo, e ter visto Moscou de passagem, tinha descido o Volga e o Don até o mar de Azoff, Embarca-se em Taganrog para a Crimea, e vem desembarcar em Yeni-Kalé, antiga fortaleza turca arruinada donde se dirige a Kertch situada a sete milhas dalli.

« Kertch, diz o viagente inglez, he quasi a unica cidade da Russia, que he completamente edificada de pedra. As casas são bellas e parecem solidas. Kertch he um dos lugares da Russia meridional, que offerecem mais interesse pelas antiguidades. Esta cidade, a Panticapea de Strabão, foi fundada pouco mais ou menos no meiado do seculo dezesete, antes de Jesu-Christo, pelos primeiros colonos Milesienses, que vieram estabecer-se na Taurida, duzentos annos depois: veio a ser capital do reino do Bosphoro e a residencia de seus reis.

« Theodosia e Panticapea tiveram durante trezentos annos um commercio florescente, a peninsula da Crimea tinha-se tornado o celeiro da Grecia. A conquista deste paiz pelo Romanos deu um golpe funesto sobre o reino do Bosphoro, cuja prosperidade dependia sobretudo de um commercio, que devia deixar logo de existir, e Panticapea foi uma presa facil a Mithridates, na época em que subjugou o resto da Taurida.

« Para esta cidade he que se retirou o celebre rei do Ponto, depois de ter sido vencido por Pompeu. Foi alli que elle terminou sua gloriosa carreira, não podendo resistir por mais tempo os exercitos victoriosos dos Romanos e á perfidia de seu filho. Foi ainda na Crimea que Pharnaces ergueu o estandarte da revolta, e que Cezar veio, vio e venceu.

« Os successores dos filhos de Mithridates reinaram sómente ao capricho dos imperadores romanos; sem territorio, depois de ter sido devastado muitas vezes pelos Hunos e Godos, foi definitivamente conquistado em 375 depois de J. C., por essas hordas de barbaros, que acabaram por agitar completamente o mundo antigo. Algumas tribus destes feroces conquistadores ficaram na peninsula taurica e a occuparam por mil annos.

« A mais celebre dellas foi a horda dos Khazars, que em uma certa época, deram a Kertch uma grande importancia. Foi então que uma grande parte da peninsula tomou o nome de Khazam. No principio do seculo treze, um grande numero de Circassianos se estabeleceram por sua vez na Crimea e a cidade de Kertch ficou sujeita a uma tribu daquella nação.

« Pelo mesmo tempo, os Genovezes se apoderaram das costas meredionaes da peninsula; fundaram uma colonia em Caffa, com o consentimento do Khan de Kazaria, depois desconheceram a autoridade deste chefe, e travaram contra elle uma guerra muito tempo incerta. Esta guerra durava ainda, quando Bathineto de Gengis-Kan, o chefe da Horda de Ouro, tendo partido dos desertos da Tartaria para marchar a conquista da Russia, invadio a Crimea, exterminou o Comanes, que então a possuiam, e fixou a capital de seu imperio tartaro em Eski-Krim.

« Em 1365, a colonia grega de Soudag, que tinha gozado um momento de uma bella posição commercial, enfraquecida por suas dissenções intestinas, cahio debaixo do dominio daquella potencia maritima, que fez de Caffa uma cidade celebre. Cem annos depois, aquelles aventureiros inconstantes estavam confundidos com o povo, que occupava então a peninsula, e ao qual deviam sua emancipação. Emquanto os Tartaros sitiavam por terra as suas colonias, estas eram bloqueadas por uma esquadra, que a Porta tinha enviado em soccorro dos Khans, que se tinham tornado tributarios do seu imperio. A destruição das colonias genovezas foi o signal da decadencia e da ruina do commercio no mar de Azoff e no mar Negro. »

Kertch era apenas uma cidade turca de pequena importancia, quando foi cedida á Russia pela Porta em 1774. Hoje contem uma população de 10,000 habitantes, cujo unico commercio se reduz a enviar uma pequena quantidade de sal para alguns dos portos russos. Esta cidade não possue em si mesmo nenhum recurso, e deve unicamente sua prosperidade á politica, que arruinou Theodosia e comprimio o vôo do commercio no mar de Azoff.

Os campos visinhos da cidade de Kertch são completamente incultos, apezar da riqueza do solo, que não he inferior a nenhum outro da Europa; porque o trigo mourisco de Kertch obteve o premio na grande exposição de Londres. Mas a residencia da peninsula só he permittida aos Russos com mil difficuldades muito onerosas; e a respeito dos estrangeiros, nenhum delles pode, por um ukase recente, possuir na Crimea uma geira de terra antes de se ter feito naturalisar subdito russo.

FOLHETIM.

O CAMINHO DO DEVER.(*)

Por A. de Bernard.

CAPITULO SETIMO.

«Monsieur, je tiens pour le becarre. Vous savez que je m'y connais. Le becarre me charme; hors du becarre point de salut eu harmonie.»

(Moliere. *O Siciliano*.)

(Continuação.)

Gastão tinha offerecido o braço a castellã para ir a sala de jantar; elle sentio o braço da moça tremer-lhe contra o peito, e julgou que era effeito do temor causado pela presença do marido; mas não pôde deixar de pensar nas vagas accusações, de que fôra confidente na vespera. Sua imaginação discorrendo sobre esse thema, considerou logo a Mr. de Saulieu como o mais terrivel tyranno do mundo. Pareceu-lhe mesmo que esse homem, que só tinha alma para as pedras velhas devia ser extravagante, máo e cruel, e que seu caracter feroz unindo se instinctivamente com as idades barbaras tomava dellas maior dureza, e uma perversidade mais brutal e mais selvagem. Todavia Gastão convinha comsigo mesmo que Mr. de Saulieu sabia occultar bem seus defeitos terriveis debaixo da mais glacial, porém da mais perfeita polidez.

Uma doce voz veio distrahi-lo de suas peniveis reflexões.

— Perdoe-me, senhor, dizia a voz, o não ter ainda perguntado por sua saúde.

Gastão ficou perturbado a esta pergunta, que parecia feita com um interesse particular, e respondeu em meia voz:

— Oh! a da senhora he que me inquieta. Sua fronte parece-me pensativa, e seu rosto está pallido.

— Dormi mal, tornou madama de Saulieu recobrando o sorriso da vespera; mas que ha de admiravel nisso depois do que se passou?

Chegando a sala de jantar, a moça agradeceu a Gastão recobrando seu ar composto, e o fez assentar junto de si. Depois continuando em voz alta a conversação começada, disse:

— E Mr. de Chavilly não nos disse como passou a noite.

Ouvindo estas palavras, Mr. de Saulieu lançou sobre a mulher um olhar menos sereno que de costume.

— Passei uma noite excellente, disse Gastão depois de um breve instante de hesitação, e como se acabasse de decidir-se, só dormi um somno desde que me deitei até que acordei.

— Ah! disse Mr. de Saulieu sorrindo com ar mui satisfeito de si mesmo, e... e... e não teve medo?

— Medo! de que?

— Não sei... Digo isto por causa dos boatos que correm, e a idade do senhor he inclinada a crer todas essas historias.

— Oh! eu estava prevenido. Almas, não he? Não vi nenhuma... senão em sonho talvez; mas essas não são de temer.

Mr. de Saulieu respirou livremente, e como o capitulo dos phantasmas tornava a achar-se encetado, julgou dever esgota-lo afim de não ser obrigado a voltar. Era um tributo que convinha necessariamente pagar a todos os recem-chegados; porque a fama das almas de Ostreval estendia-se longe, e não havia hospede no castello que não soubesse que a torre era frequentada por espiritos. Na falta dos criados os donos da casa encarregavam-se de fazer-lhes bellas narrações a esse respeito.

Mr. de Saulieu passou, pois, em revista com sua complacencia habitual todas as aventuras, todos os terrores, todas as scenas tragico-burlescas causadas pelos espectros de Ostreval. A narração foi longa; mas foi feita com espirito, em tom frio, mas affavel. Terminou ao mesmo tempo que o almoço, e quando voltara ao salão, Gastão, cujas idéas estavam mais confusas do que nunca acerca do dono da casa, chegou-se a elle assas mysteriosamente, e pedio-lhe alguns minutos de conferencia.

Mr. de Saulieu tomou o pretexto de suas collecções da antiguidade, e levou comsigo a Mr. de Chavilly.

Este achava-se em grande perplexidade. Mr. de Saulieu era ou não um tyranno domestico? Tinha ou não o segredo do passeador nocturno? Os habitantes de Ostreval eram acaso enganados por algum patife? Fosse como fosse, Gastão estava resolvido a esclarecer o negocio do phantasma, e primeiramente devia dirigir-se ao dono da casa. Um instante a frieza apparente de Mr. de Saulieu para com elle o tinha retido; mas a attitude menos affectada que este tomára durante o almoço, fizera o mancebo voltar as primeiras disposições.

De sua parte Mr. de Saulieu encarava-o com vaga expressão de inquietação, e atravez de sua polidez calma e reflectida percebia-se não sei que sentimento de apprehensão.

CAPITULO OITAVO.

« Alors ton faix plus aisé me será,
« Quand avec moi quelqu'un le portera.»
(Louise Labé dite la Belle Cordiere.)

— Mr. de Saulieu, disse Gastão, quando achou-se a sós com elle no famoso museo de antiguidades, que já conhecemos, está bem certo de seus criados?

— Certo! Em que? perguntou o castellão.

— Está certo de não ter em seu serviço algum patife ou algum corredor de aventuras?

— Não posso responder-lhe; mas se soubesse expelliria logo o culpado.

— Pois receio que o senhor terá brevemente de fazer uma execução dessa natureza.

E como Gastão guardasse o silencio, o archeologo disse:

— Por favor, senhor, explique-se, he um serviço que me faz.

— Ah! mas infelizmente as explicações tornam-se mui difficeis de dar-se, porque eu mesmo estou reduzido ás conjecturas.

— Porém quaes são essas conjecturas? O senhor me assusta.

— Mr. de Saulieu, não tenho ha muito tempo a honra de conhecê-lo; mas a conversação que acabamos de ter durante o almoço, bastou para provar-me que o senhor não he mais credulo do que eu. Posso, pois, fallar-lhe com desembaraço.

Este exordio nebuloso pareceu captivar vivamente a attenção do castellão.

— Mr. de Saulieu, tornou Gastão com o ar mais severo que póde tomar, se não ha em sua casa velhaco nem corredor de aventuras, então sou obrigado a reconhecer que ha phantasmas.

A' palavra phantasmas, a fronte de Mr. de Saulieu assombrou-se, elle exclamou esforçando-se por sorrir.

— Phantasmas!

— Sim, phantasmas que veem alta noite e por caminhos singulares.

Pronunciando estas palavras, Gastão fitava em Mr. de Saulieu um olhar penetrante e escrutador. O archeologo coçou os beiços e disse:

— Meu charo hospede, não o comprehendo.

— Vou procurar fazer-me comprehender. Não quiz fallar do que descobri diante de madama de Saulieu, receiando causar-lhe terror; mas ao senhor devo referir o que aconteceu-me esta noite...

E Gastão contou ponto por ponto os factos de que fôra testemunha, insistindo em todas as particularidades, e fazendo observar que o passeiador nocturno devia ser bem familiar aos recantos e mysterios da habitação para aventurar-se assim de noite por escadas espiraes e corredores tortuosos.

Durante esta narração, Mr. de Saulieu passou muitas vezes a mão pela fronte com inquietação, e tomando o lenço poz-se a agita-lo por entretenimento. Quando terminou-se a narração, elle disse com ar distrahido:

— Está fazendo muito calor.

Gastão não reparou nesta reflexão, cuja justeza teria sem duvida contestado.

— Então, perguntou elle depois de um momento de silencio, não acha esta aventura soffrivelmente extraordinaria?

— Com effeito he extraordinaria. Está bem certo de não ter sonhado?

— Sonhado! julguei ao principio como o senhor; mas quando levantei-me, achei fechada a porta que tinha deixado aberta, e agora as lembranças voltam-me, e tomam uma clareza que não me permitte mais duvida. Parece-me que ainda vejo esse espectro ou antes esse homem: estatura alta, andar assás nobre, caminhando com precaução, e tendo na mão uma lanterna de furtafogo.

— Sim, a lanterna indispensavel de todos os romances tenebrosos e de todos os sombrios melodramas.

— Se eu tivesse uma arma, saberia mais; porém nada tinha, nada, nem mesmo um bastão. Todavia como estou certo de ter visto esse phantasma, julguei dever informar ao senhor disso, primeiramente para preveni-lo contra visitas dessa natureza, e depois para saber o que devo crer dessa apparição.

— Nada sei a esse respeito; mas comprehendo o que semelhantes visitas tem de desagradavel, e se o senhor quer, mandarei dar-lhe outro quarto.

— Não, não, interrompeu Gastão, quero ficar naquelle mesmo, e com tanto que o senhor ponha á minha disposição uma boa arma, passarei lá ainda a noite proxima.

— Como quizer.

— Mas isso não he tudo, tornou o mancebo, tenho resolvido esclarecer este negocio.

Mr. de Saulieu franzio as sobrancelhas, e disse com indifferença:

— Para que?

— Para que! Então o senhor não sabe que madama de Saulieu passa aqui a vida em transes e angustias? Não sabe que essas apparições estranhas, inexplicaveis ou ao menos não explicadas tornam-lhe a existencia intoleravel? Não sabe que ainda hontem durante sua ausencia ouvio-se debaixo de nossos pés um rumor singular que gelou-a de terror? E se ella soubesse o que vi esta noite, o senhor julga que sua razão não seria abalada? uma mulher tão moça!

Gastão tinha fallado com tanto calor, que o gelo do archeologo pareceu um momento derreter-se; mas Mr. de Saulieu recobrou logo toda sua serenidade, e respondeu com o mais imperturbavel sangue frio.

— Engana-se, Mr. de Chavilly, madama de Saulieu sabe que caso deve fazer desses boatos e dessas pretendidas apparições, e fique persuadido de que ella está ao abrigo de todo o terror desse genero. Deixe, pois, de assustar-se por ella, e creia que se minha experiencia da vida não necessita de nenhum conselho, sabe comtudo apreciar devidamente os impulsos de um ardor cavalleiroso.

Estas palavras cahiram de uma em uma, lenta e friamente, da bocca de Mr. de Saulieu. Gastão ficou um momento como espantado, e emfim tornou:

— Mas o senhor que he proprietario e habitante desta casa não tem inquietação de que alguem possa entrar nella de noite?

— Assevero-lhe que não!

— Oh! eis o personagem mais singular que tenho visto, disse Gastão comsigo.

Mr. de Saulieu continuou:

— Esses boatos, essas apparições de que o senhor me falla, e que pela minha parte nunca vi nem ouvi, não produziram nunca em minha casa a menor perturbação, e não vejo porque me inquietaria uma cousa sem consequencia.

— Mas a curiosidade?...

— Não sou curioso.

— O senhor, um sabio, um archeologo!

— Justamente. Os phantasmas, os espectros e as almas não são de minha especialidade, como usam dizer agora, e não me encarrego de explicar ou de negar sua existencia; limito-me a não crer. Mas vejo, meu joven hospede, que o senhor não participa a esse respeito de minhas opiniões.

— Oh! não sei mais o que pense; todavia desejava propor-lhe uma cousa?

— O que? perguntou o castellão com tom inquieto.

— Se o senhor quizer, antes de retirar-me exploraremos todos os seus mysteriosos subterraneos.

— O senhor graceja!

— Pelo contrario, fallo mui seriamente.

— Isso he impossivel; todas as sahidas estão obstruidas.

— Nós as desempediremos.

— Mas ellas são semeadas por toda a parte de poços profundos e de passagens perigosas.

— Nós as evitaremos com prudencia.

— E os desabamentos?

— Isto he mais grave, se o senhor crê que haja desabamentos, he uma razão de mais para visita-los, pois dahi depende a segurança de sua casa.

Mr. de Saulieu tornou a morder os beiços. O ardente mancebo achava resposta para tudo.

— Mandarei descer ahi o meu architecto, disse o archeologo.

— Sim, e entretanto o senhor dorme sobre um volcão.

— Roma e Paris tambem dormem sobre suas catacumbas.

— Sou mais curioso que o senhor, e se não quer acompanhar-me em minha expedição, hei de faze-la sozinho.

A fronte do castellão tornou a carregar-se, e elle respondeu friamente:

— Será contra minha vontade.

Gastão nada mais tinha que dizer, e ficou desde então certo de que Mr. de Saulieu sabia mais do que queria confessar; mas como Mr. de Chavilly não abandonava facilmente os projectos que tinha concebido, prometteu a si mesmo aproveitar a primeira occasião que se apresentasse de visitar os mysteriosos subterraneos. Absteve-se de pronunciar uma só palavra que podesse despertar no dono da casa a idéa das apparições nocturnas, e continuou com elle atravez das antiguidades fingindo admirar de boa fé, e fazendo mesmo ao archeologo perguntas que davam-lhe uma bella occasião de desenvolver suas theorias.

Tratando da introducção da folha da couve crespa na ornamentação esculpida da media idade, o archeologo disse:

— A folha da couve crespa precede immediatamente a do cardo. A couve he o emblema das virtudes privadas, virtudes de uma ordem menos elevada que as virtudes publicas; he um legume rustico, de que se nutre o pobre; exprime ao mesmo tempo a humildade, a sobriedade e o trabalho. Chega ao seculo decimo quarto depois da rosa, do lirio, das folhas de golfão, dos trevos e das folhas de phantasia derivadas do acantho; estes symbolisavam sobre tudo a caridade, a esperança, a fé; a couve he empregada quando já a fé he menos forte, a esperança menos viva, e a caridade menos ardente. A couve he o primeiro passo dado para o materialismo; com a couve a ornamentação desce de seu idéal e entra na vida real, faz um compromisso com as necessidades da natureza, e separa-se dos pensamentos do céo para abandonar-se aos da terra.

— Eis certamente uma explicação na qual eu jámais teria pensado, disse Gastão com tom de sorpreza.

Mr. de Saulieu metteu a mão direita no bolso, e tomando uma attitude magistral, continuou:

— Ainda isto não he tudo. Porque razão preferio o artista do seculo quatorze a couve crespa a todas as outras especies de couve? Eis o que convém saber.

— Não seria por acaso, aventurou Gastão, porque a couve crespa presta-se melhor aos caprichos do cinzel do que a couve lisa?

— Ha alguma verdade no que me diz, Mr. de Chavilly; no seculo quatorze a bella arte gothica começava a romper com as tradições nobres e simples que lhe legára o seculo treze; tornava-se mais affectada; os esculptores compraziam-se nas particularidades e seus ornamentos eram mais cavados. Foi este o primeiro passo para a decadencia do seculo quinze. Mas esta razão não he a unica, ha uma razão symbolica, e ei-la: a couve crespa he, como o senhor não ignora, toda coberta de rugas espessas, são relevos desiguaes e cavidades de differentes formas.

Gastão applicava o ouvido e arregalava os olhos perguntando comsigo até onde as desigualdades da couve crespa iriam levar o espirito do archeologo no dominio das hypotheses.

Mr. de Saulieu tirou lentamente a mão do bolso, e estendendo-a sobre uma pedra gasta, que podia ter representado uma folha de couve, tanto como de qualquer outro legume menos pacifico, tornou:

— Pois bem, Mr. de Chavilly, essas asperezas são a imagem da vida humana, a qual he como essa folha semeada de asperezas sem numero.

Gastão teve grande vontade de rir; mas conteve-se.

— Assim são precisas todas as virtudes privadas de que essa folha he emblema para que o homem possa triumphar dellas, continuou o archeologo animando-se pouco a pouco. E veja a logica da arte! A' medida que ella inclina para a decadencia, tende a exprimir mais vivamente as miserias de nossa existencia neste mundo. Depois da couve crespa, a couve escabrosa como o caminho da vida, vem o cardo, o cardo espinhoso, o cardo que não he um habitante dos jardins, porém um hospede selvagem dos campos sem cultura, o cardo que não he menos rugoso que couve; mas que tem espinhos. O cardo cresce nas terras abandonadas, assim como o vicio nas almas que a fé não cultivara. O cardo he o alimento do burro, o animal desherdado, laborioso e paciente; sem a fé o homem não he um burro digno tambem de pastar os cardos do caminho? Sublime satyra, admiravel ironia completada pouco depois pela introducção da vinha na ornamentação.

— Eu tinha pensado até aqui que a vinha era na linguagem symbolica da media idade o emblema do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, observou Gastão timidamente.

Mr. de Saulieu não foi desconcertado por esta observação judiciosa, e aquecendo-se gradualmente, disse:

— Sim, em algumas circumstancias, talvez seja assim, e se eu fosse um homem de systema exclusivo tentaria sem duvida fazer entrar a vinha do seculo quinze no symbolismo primitivo do sangue divino; mas ninguem leva menos longe a exageração e o espirito de systema; não quero que jámais se diga que violentei os factos para curva-los ao jugo de minhas idéas. Eu mostrava-lhe a ironia, a satyra penetrando na ornamentação monumental, e traduzindo em pedra os livros contemporaneos. O senhor vio essa satyra allegorica começar na couve crespa, emblema da vida material, e passar pelo cardo emblema da dor e da estupidez humana. Farto de desgostos e embrutecido pelo vicio, que resta ao homem? resta-lhe descer só um degráo; elle afogará na embriaguez seus males e suas torpezas; o sumo da uva lhe dará o esquecimento dos outros e de si mesmo. Comprehende agora porque os pampanos e os cachos de uvas succedem ao cardo? porque são as ultimas palavras *ultima verba* da esculptura de adorno e da arte gothica? Depois delles a veia está esgotada, a arte se transforma, começa novo cyclo. Chamam este novo periodo o Renascimento; mas eu dou-lhe outro nome, chamo-o Decadencia.

Mr. de Saulieu tornou a metter a mão no bolso e continuou lentamente seu passeio atravez dos destroços desformes da media idade, como quem não espera os applausos do auditorio para estar satisfeito.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 271.

ILEGÍVEL

« Ora, accrescenta maliciosamente o escriptor inglez, he uma condição, que ninguem aceita de boa vontade; apenas alguem se resolveria sujeitar-se a ella com a certeza de uma magnifica remuneração. »

De Kertch, Mr. Oliphant se dirige para Simpheropol, atravez de um caminho muito pittoresco. Depois de muitas aventuras, elle chega a nova capital da Crimea, sobre a qual nos dá impressões completas e noções de um vivo interesse:

« Quando a Crimea foi cedida á Russia em 1781, Bagtchi-Serai, a velha e pittoresca capital, foi julgada indigna de ser a cidade principal da nova provincia. Ergueu-se nas planicies de Salghir, uma linda cidade moderna, a qual se deu um nome grego magestoso. Simpheropol he inteiramente edificada no gosto russo, com ruas estreitas, casas brancas muito altas e pintadas de cores as mais vivas do mundo. Se a população se compunha inteiramente de Russos, o interior da cidade está, como em Kazan ou em Saratof, longe de corresponder ás esperanças, que seus arrabaldes fazem nascer. Felizmente Simpheropol foi outr'ora Akmetchet ou a *Mesquita Branca*. Ainda hoje os descendentes daquelles que habitaram antigamente Akmetchet, vagueiam nas portas da cidade e animam um pouco a fria monotonia da nova capital.

« Akmetchet foi por muito tempo a segunda cidade da Crimea e a residencia do soltão Kalga, ou vice Khan. Era então uma cidade importante, ornada de palacios, mesquitas e banhos publicos. Ella trocou a magnificencia oriental de seu passado pelo falso brilho da barbaria moscovita.

« De cada lado das ruas habitadas pelos Tartaros, ve-se paredes nuas, e se não fosse a gente, que as atravessa, seriam os lugares mais tristes do mundo.

« As casas so tem um andar; cada uma dellas está dentro de um pateo separado. As janellas, onde o pergaminho substitue o vidro, são tão baixas, que ninguem as pode ver da rua. Por está razão as desditosas mulheres, que vivem naquellas tristes moradas, não tem a distracção ordinaria das orientaes, e o passeador não vê scintillar seus olhos negros por detraz das grades das janellas.

« Além disto, as mulheres tartaras de Simpheropol não perdem muito nesta reclusão. As ruas são sem vida e sem movimento; as lojas são raras e distantes umas das outras, muito pequenas, pobres e regidas por mulheres feias e sem véos. As bellezas estão occultas desde os olhos até os joelhos debaixo do branco *feredje*. Os homens trazem as vezes o turbante e o manto fluctuante dos verdadeiros orientaes; mas a verdade pittoresca de seus trajes escapa quasi a toda descripção.

« O governador actual, Pestal, goza a protecção do czar. Sua casa he muito bella. A pequena distancia da cidade se encontra vastos quarteis; mas so o hospital he que está sempre occupado; os outros edificios recebem de tempos em tempos tropas que vão para o Caucaso, ou que dalli voltam.

« Ao lado da nossa habitação se abria a porta da bella synagoga dos judeos, onde uma escola parecia ser permamente. Simpheropol contém perto de quatorze mil habitantes, entre os quaes um grande numero professam a religião judaica.

No momento em que Mr. Oliphant visitou Simpheropol, havia naquella cidade uma grande feira que alli se faz todos os annos no mez de outubro, e goza de uma grande celebridade. O torista inglez conta as suas curiosidades, fazendo-nos assistir a ellas com elle, e depois accrescenta:

« Simpheropol offerece aos olhos do viajante dous encantos naturaes mais seductores que as curiosidades de sua feira. Quando alguem a vê do lado de Kertch, ella parece situada na planicie; mas uma grande parte da cidade está sentada na borda rapida do stepp. Ao pé de um rochedo alcantilado de duzentos pés de altura, serpeja o delgado fio de agua do Salghir, a que os habitantes do paiz tem dado o nome de rio. Pomares e jardins cheios de arvores fructiferas e atravessados por bellas avenidas de alamos, se estendem pelas margens daquelle ribeirinho até onde as collinas, elevando-se a uma altura maior, formam uma cadeia de montes cobertos de mattas, indo até o Tchatir-Dagh, cujos cimos grandiosos fecham o horisonte. »

Terminamos aqui esta citação, e como devemos ser breves, renunciamos seguir nosso viajante em sua perigosa e pittoresca subida ao cume do Tchatir-Dagh, donde a vista abraça quasi toda a extensão da Crimea em um circulo immenso. De Sempheropol a Yalta elle viaja em uma carruagem de posta do paiz, chamada telega, por caminhos apenas praticaveis, mas no meio de sitios e paisagens as mais admiraveis. Demora-se em Alushta, linda cidade tartara, que na media idade gozou de certo esplendor, com nome de Alustan Pruzion.

Pelo caminho Mr. Oliphant observa com um volver de olhos seguro e experimentado, os recursos agricolas da Crimea e as riquezas de seu solo. As bellezas poeticas destes campos e sua viçosa vegetação não lhe fazem perder de vista o lado especialmente util de sua viagem. O extracto seguinte, no qual descripções variadas se acham misturadas de observações judiciosas, dará uma idéa das bellezas que ha nos contos de Mr. Oliphant:

« Ao sahir de Yalta tornamos a subir montanhas. Filas de cypestres e de oliveira, de romeiras e de loureiros bordam a estrada até Alupka. Na extremidade das avenidas umbrosas, que se abriam de todos os lados, viamos casas de campo e castellos. Alguns casaes se acham espalhados nos valles, onde a colheita de feno está reunida em feixes nas arvores esgalhadas, emquanto montes de romãas, de nozes, ramos de oliveira carregados de fructos bordavam o sopé da estrada. Grupos de moças tartaras estavam ao redor de uma fonte borbulhante, á sombra dos ramos frondosos de uma nogueira secular. Devemos renunciar pintar os encantos desta terra fovorecida do céo.

Descemos rapidamente ao castello de Alupka, residencia do principe Woronzoff, atravessando immensas vinhas dependentes da propriedade. Por cima das arvores apparecem os zimborios de um palacio de uma magnificencia toda oriental. Alguns passos mais longe, a cupula mais brilhante e os elegantes minaretos de uma mesquita faziam pensar, que o senhor daquellas maravilhas deve ser pelo menos o celebre Hadp-Selin-Ghiri-Khan. Poucos instantes depois, passamos, não sem alguma anxiedade, por baixo das muralhas elevadas e ameias ameaçadoras de uma fortaleza feudal. Entramos por solidos postigos em um pateo espaçoso, no qual se eleva uma torre quadrada, massiça e coroada de um campanario.

« Apezar da mistura dos estylos os mais contrarios, he magestoso o effeito geral deste esplendido castello. O principe gastou nesta residencia sommas quasi fabulosas, mas conseguio levantar um edificio digno da paisagem que o cerca. O castello he de um gosto quasi irreprehensivel. A fachada de uma extrema magnificencia, olha para o mar. O terraço e os jardins, ornados de plantas raras, descem até a beira da agua. Pequenas veredas correm entre rochas quebradas e destroços volcanicos. Finalmente o prodigioso pico do Ahi-Petri domina toda a scena e parece ameaçar o nobre edificio, que repousa na sua base.

« Ainda não ha muito tempo que a Crimea tornou-se o *rende-vous fashionable* da nobreza russa. O principe Woronzoff foi o primeiro, que deu o exemplo, o qual foi seguido pelo imperador e pelos membros os mais ricos da aristocracia. A maior parte dos nobres estabeleceram suas residencias entre Alushta e Alupka ao longo do estreito caminho que temos seguido. Estas propriedades são atravessadas por valles encantadores, que variam o seu aspecto e abrigadas dos ventos nordestes pela alta cadeia de rochedos calcareos, a cuja existencia essa parte da peninsula deve sua extraordinaria fertilidade. Ha pouco tempo he que se começou a tirar vantagens dessa terra fecunda.

Não ha muito tempo que existia um pequeno numero de vinhas, situadas sobre os declives septentrionaes da cadeia taurica no Soudagh e nos valles dos arrabaldes. Graças aos energicos esforços do principe Woronzoff a cultura das vinhas na Criméa faz espantosos progressos, e não obstante as difficuldades, que acompanham sempre semelhantes emprezas.

Comtudo os relatorios estatisticos mostram pouco augmento na quantidade de vinhos exportados da Criméa nos ultimos dez annos. Isto resulta sem duvida da difficuldade de achar um mercado para vinhos de qualidade inferior, e apezar dos nomes pomposos com que os enfeitam, os vinhos da Criméa são geralmente mediocres. De outro lado, posto que eu bebesse casualmente vinho da Criméa em São Petersburgo, a ausencia das vias de communicação atravez dos steppes torna impossivel uma exportação de qualquer importancia para o interior da Russia.

Por esta razão, emquanto os vinhos do Archipelago forem admittidos quasi livres de direitos nos portos do mar Negro, os vinhos da Criméa não poderão concorrer para o abastecimento do paiz do littoral. O valor da producção annual sobe hoje a quinhentos mil rublos ou ao duplo quasi do rendimento que se tira das vinhas no paiz dos Cossacos do Don.»

(*Presse.*)

INTERIOR.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

Parahiba 20 de novembro.

Tenho andado nestes dous dias com os humores um pouco carregados, accommettido do *spleen*, ou como em portuguez melhor nome haja, e por isso quas lhe não escrevo pelo presente correio, temendo que minha missiva não se resinta das negras sombras do meu humor, que não saia um pouco acre, e por tanto que me não comprometta mais; mas reconhecendo que aquelle máo tempo vai passando, vou tentar dizer-lhe alguma cousa, disposto com tudo a reduzir a cinzas o papel, se, depois de escripto, reconhecer que cheira a *spleen*.

Dirá Vmc., e o que me importam seus humores? O que tenho com seus *burros*? No que me interessam taes observações? Talvez tenha sobeja razão; mas ha de convir que eu tambem estou no meu direito em preveni-lo, quando desconfiar que minhas noticias, resentindo-se do meu estado moral não lhe podem interessar, afim de salva-lo de uma respeitavel massada de insipidez e de *rabugem*.

Se os seus compositores, por exemplo, me prevenissem com antecedencia do dia em que estarão accommettidos do *spleen*, eu regularia minhas missivas, de sorte a nenhuma chegar-lhes ás mãos em um tal dia aziago, e assim deixaria de vê-las estropiadas como a ante-penultima.

Se nós soubessemos antecipadamente os dias do *spleen* alheio, o escravo não folgaria no dia do senhor, o discipulo não gazearia no do mestre, o criado andaria diligente no do amo, o marido seria amavel no da mulher, o soldado escovaria o uniforme no do superior, o escrivão escreveria legivel no do juiz, o marinheiro andaria ligeiro no do capitão, as partes não iriam ás audiencias nos dos ministros.

E quantos arrufos, quantos agastamentos, quantas inimizades, quantas pancadas, quantas suspensões, quantos indeferidos, quantas opposições, não preveniria esse conhecimento tão simples!! Eu quando vejo qualquer individuo, seja qual fôr, de cenho carregado, passo de largo; assim como de largo passo do cão que me mostra a *ferragem*.

Apezar desta minha prudencia, por muitas vezes tenho tido encontros máos, porque ha caracteres tão promptamente mudaveis, genios tão versateis, que em um momento tomam humor e fazem mil variações. Com estes qualquer se enganará, ainda o mais habil cortezão.

Estou perfeitamente de accordo com um psicologista, que diz, que nada he mais versatil e caprichoso do que o espirito. Quantos genios, diz elle, e permittir-me-ha repeti-lo, escrevem hoje em um sentido e amanhãa em outro! Quantos advogados sustentam o *pro* e o *contra*? Quantos autores estão hoje alegres, amanhãa tristes e depois absurdos! Oh! E o bello sexo! A athmosphera não muda mais promptamente, o vento não corre com mais inconstancia os differentes rumos.

Uma beldade he amavel em quanto he o objecto de todos os cuidados, em quanto um só de seus olhares he solicitado como o maior dos favores; mas no momento em que uma outra a eclypsa, logo que qualquer motivo distrae a attenção de seus adoradores, ei-la agastadiça e irascivel. Um nada a irritará, a menor contrariedade fará sahir de seus nacarados labios amargas queixas, recriminações crueis. Oh! Continua o tal autor, não vos fieis no espirito de uma mulher, se não ha um pouquito de bondade que o tempere. Escusado he dizer-lhe que não tomo a responsabilidade do que diz o tal psicologista a respeito do bello sexo. Quanto aos homens estamos de perfeito accordo, e eu mesmo no começo desta me accusei.

Creio que ja está aborrecido de exordios; portanto passemos a diante. O tenente, que em uma de minhas passadas lhe disse, ter de ir como subdelegado de Itabaiana, teve não sei que accusadores, que lhe descobriram, ignoro o que, e em resultado não só não segnio, como ate foi exonerado do posto da policia. O *Argos*, que em tempos mais felizes fez áquelle tenente as accusações mais graves, as increpações mais exageradas, por mal informado, hoje tratando daquella dimissão diz, que foi justa, *se he verdadeira* a accusação que lhe fizeram.

Eu sei que um dos accusadores foi, não sei se ainda he, intimamente ligado ao *Argos*, e em qualquer caso elle não quiz certamente por em duvida a veracidade de um individuo, que até hoje não soffreu igual duvida da parte de seus desaffeiçoados politicos.

O mesmo *Argos* não ficou muito satisfeito com a nomeação do successor daquelle tenente, porque diz elle, he um homem que falla pouco, parece não ser deste mundo, e principalmente porque chama-se João *violinha*.

A primeira razão procede, porque he provavel que quem falla pouco obre muito, e não me consta que um tenente de policia tenha de subir á tribuna como tal.

Quantos não conheço eu que fallando muito para nada prestam, e quantos fallando muito em seus *penates*, perdem o dom da falla em novos ares!

A segunda razão parece-me a favor do nomeado, porque terá S. Exc. pessoa idonea, quando queira mandar após um criminoso além deste mundo. Fóra de brinquedo, eu sou natural desta terrinha, e sei bem que o Sr. João Xavier Vidal nasceu não só neste mundo, como nesta provincia, que seus pais tiveram com que educa-lo, e que tendo soffrido, além de outras infelicidades, a de perder seu pai, he hoje o arrimo de sua honesta familia, que conta duas irmãas solteiras, e que finalmente até hoje ainda lhe não foi notado um acto que o deslustre, e finalmente que he tenente da guarda nacional.

Eu nunca quererei os *estrompa-chalupas* para nada, e menos para commandar força armada pelo interior.

Quanto ao pseudonimo que o *Argos* lhe *empresta*, he certamente horroroso! He mesmo indigno de qualquer emprego, incapaz de exercer até o de continuo da assembléa provincial, quem tiver a desgraça de chamar-se, ou ser alcunhado—violinha.

Como sou muito curioso desejara saber se he de agora que o *Argos* tem essas *nicas*, porque eu já conheci um tenente de policia que tinha assim um alcunho a *peu pres*; e não me consta que o *Argos* o julgasse incapaz de todo o serviço. Não descerei a comparações odiosas; e o amigo me dispensa de boa vontade de faze-lo: Não he assim? Se me engano diga-o.

Admira, não posso deixar de dize-lo, que um orgão que quer campar de liberal, tendo de censurar uma nomeação, bem longe de apresentar os defeitos e máos factos do nomeado, desça a *improvisar* um alcunho, para assim cobrir de ridiculo um moço, que por suas bôas maneiras, proceder e educação merece melhor tratamento.

Não he por formas identicas, que se mostra querer moralisar o paiz e procurar suas melhoras.

E não dei tamanha importancia a um dislate, de que talvez o amigo esteja arrependido? Perdôe-me o *Argos* e Vmc. tambem.

Foi nomeado o alferes Fortunato da Silva Neves delegado e commandante do destacamento de Itabaiana, para onde seguio com uma força, devendo fazer antes uma diversão por Pedras de Fogo, para onde tambem seguio definitivamente o Dr. Bazilio, chefe de policia, para processar o autor da ultima morte alli havida.

Não se verificou a noticia das mortes feitas pelo soldado, creio portanto que foi um bello improviso de algum romancista.

Hontem entrou preso um pelintra, que tendo vindo recommendado dessa para esta provincia a um senhor de engenho, como bom carpina, mas passado por alto, pelo que devia ser conservado *intra muros*, por causa tambem de alguma constipação, quiz mostrar que tinha mais a habilidade despachante, exercendo-a no mesmo senhor de engenho.

Quanto a mim tem elle de se haver com o Exm. Sr. Paes Barreto, que, honra lhe seja feita, tem mostrado não brincar com os taes *meliantes*.

Estamos em vesperas de um telegrapho em miniatura, sómente para dar noticia da chegada dos vapores. Se eu podesse montar um electrico para dar-lhe as noticias! He bom não desanimar, porque eu ainda pretendo ir, em caminho de ferro, noticiar-lhe pessoalmente as occurrencias e voltar á casa para o refeitorio. Assim seja.

Chegou o joven Americo, natural da cidade da Arêa desta provincia, e segue para o Rio no primeiro vapor, á estudar o desenho e pintura a expensas do governo.

Esse joven, que tem 14 annos, he um aborto no desenho. De precoce idade e sem o menor auxilio d'arte, sómente com um lapis, começou a desenhar, com assombrosa propriedade, quanto lhe cabia no alcance da vista.

Foi encontrado por Mr. Brunet, que admirado de um tal talento, o recommendou ao governo provincial e este ao geral.

Eu vi entre outros desenhos, o retrato de Mr. Brunet, o mais parecido possivel. Tenho visto alguns retratos, mas poucos tão semelhantes ao original. Digo, como o naturalista Brunet, he um genio que convém approveitar para honra do paiz. Não sou exagerado, mas gosto de fazer justiça ao merito onde quer que o encontre.

Ainda não pude encontrar uma joven que queira unir-se a mim pelos doces laços de hymineu, e parece-me que comigo não se realisará o versiculo do Exm. Sr. José Ascenso—Obstaculos não ha que amor não vença.—He verdade que eu nunca fui dos *dilectos de amor*; mas conheço muita gente do meu porte, que está hoje sob o doce jugo. Digo-lhe isto como errata de minha ultima missiva, em que lhe noticiei minhas esperanças, e fi-lo conceber as de vir ver minha terra, para assistir ás bodas. Entretanto continúa a mania dos casamentos. Parece-me que Cupido está passando aqui a festa; e quanto a mim, encontrei-o de braço como Mereles hontem na *estrada do carro*. Se eu sei que era o magano!!!

Já que toco no artigo matrimonio, quero contar-lhe um soliloquio, que ultimamente tive a tal respeito. Reconciderava eu pela milesima vez se deveria tomar esse suave estado. Depois de poucos momentos decidi indubitavelmente que devia faze-lo, por todos os motivos e bons motivos, que então me appareceram e que hoje se me apagaram da memoria, mas entrei em outra grande duvida, a da escolha da mulher.

Quero-a bonita em primeiro lugar... mas não.... bonita he muito bom... mas.... mas, se he tola he insupportavel... E haverá uma beldade tola?.. Não, tolo sou eu em tal pensar.... mas... bonita he um perigo.

Além disso (que já era de mais) uma inchação, as bexigas, uma lepra ou qualquer accidente, faz de um anjo uma Megera... Nada, e então póde ficar tola... Nada, quero escolher minha futura pelo coração... coração... coração... onde tem ellas o coração? O coração he... fica... Ah! sim... O coração he exactamente o maior traidor que nós possuimos. Não somos senhores delle. Muitas vezes julgamos dirigi-lo, e he elle quem nos governa. Quantas vezes de boa fé julgamos have-lo dado a alguem, e em um bello dia elle acha-se no dominio e posse de outrem! Quando contamos com sua firmeza he quando nos falta, como cavallo cançado; quando o julgamos frio, elle se inflamma; quando procuramos impor-lhe silencio, he quando elle falla mais alto... Não, não escolho mulher pelo coração.

Muito bem, escolherei pela alma... mas... onde está a alma dellas? Eis uma grande questão, que se me apresenta de improviso... Vou lêr um pouco a respeito e de facto assim o fiz, e eis o que encontrei.

Erasistrato faz morar a alma, creio que de ambos os sexos, na membrana que envolve o cerebro; certamente não tem cesa espaçosa. Hippocrates a colloca no ventriculo esquerdo do coração; por isso he ella insubordinado. Epicuro e Aristoteles dão-lhe o corpo inteiro por homenagem; assim em verdade não erraram, a não querer algum outro colloca-la fóra do corpo. Empedocles e Moises entendem que ella está no sangue, mas que recúa quando nos sangramos, porque tem medo do ar. Strabão acha-a muito bem entre as duas sobrancelhas: Ahi nas meninas bonitas ha o quer que seja de alma, ou cousa que o valha. Platão a divide em tres partes põe a razão no cerebro, a colera no peito e os apetites nas entranhas. Estes ficam mal alojados. Parmenides pretende que ella seja fogo; Anaximandro que seja agua; Renou a compõe da quinta essencia dos quatro elementos; Heraclido quer que seja luz; Xenocrates um numero; Thales uma substancia que sempre obra; Aristoteles uma intelechia; e o poéta Mallebranche diz, que nós não conhemos a alma, senão pela consciencia. He sem duvida por essa razão que poucos a conhecem....

Nessas differentes opiniões a respeito da residencia da senhora alma, fiquei indeciso sobre a minha escolha e ainda me acho; portanto se tem noticias mais exactas, mande-me sua *adresse*, ou então aconselhar como devo haver-me para deixar o celibato.

No coração não me posso confiar, não sei onde reside a alma a certo, *ergo* esperemos.

Neste momento avisam-me que chegou o vapor, vou portanto tratar de saber o que ha de novo por esse mundo além.

Por aqui nada mais occorre que mereça menção. Saude e gordura, dinheiro e paciencia lhe desejo para passar a festa.

PERNAMBUCO.

RECIFE 25 DE NOVEMBRO DE 1854

A'S 6 HORAS DA TARDE.

RETROSPECTO SEMANAL.

Pouco temos a offerecer hoje aos leitores, porque quasi nada occorreu de notavel durante esta semana. Circularam alguns boatos assustadores ácerca de proximas desordens; mas isto, que aliás sempre inquieta as familias, parece-nos não ter fundamento algum, sendo que o governo da provincia acha-se disposto e bem preparado para reprimir qualquer tentativa desse genero, podendo-se esperar por outro lado que o nosso povo tenha já comprehendido que, sem socego e trabalho, nada póde lucrar, mas sómente perder.

No dia 19 teve lugar, na igreja da Madre de Deos, freguezia do Recife, a benção da bandeira do batalhão de artilharia da guarda nacional deste municipio, assistindo a essa ceremonia a irmandade de Sant'Anna, erecta naquella igreja, o que lhe deu maior realce.

A policia não tem descançado na pesquiza dos roubos, encetada por occasião do de 14 do corrente; e as suas diligencias hão sido coroadas de feliz exito. Na semana finda, quasi não houve dia em que não fosse trancafiado na cadêa algum dos meliantes sorripiadores, ou em que se não descobrissem e apprehendessem objectos furtados. Os relojoeiros *Bertrand* e *Chapron* tiveram a dita de rehaver a maior parte dos relogios e mais objectos tirados de sua loja da praça da Independencia, faltando-lhes apenas mui pouca cousa. Muitos roubos velhos tem sido descobertos, alguns até praticados ha cinco annos: roupas feitas, joias, etc. hão sido depositadas para se entregarem aos donos, depois de competentemente habilitados. Em summa, póde-se dizer que foi a semana da ressurreição dos objectos furtados, mortos pelo esquecimento, e enterrados nos esconodrijos de Caco.

A justa severidade, que, da vez passada, notamos ter-se desenvolvido na faculdade de direito, continua em sua marcha salutar. Só o terceiro anno juridico soffreu esta semana mais duas reprovações; e alem destas, outros R R foram lançados em diversos annos. Parece que o negocio tende a mudar de face. Com tanto que se faça justiça, segundo presumimos, não temos mais do que felicitar por isso aquella illustre e respeitavel corporação, que assim levantará e firmará o seu credito.

Quem o diria? Fomos visitados pela chuva, e o dia 22 apresentou-se como o de rigoroso inverno. Não obstante, o calor permanece em seu auge, ou antes parece augmentar.

Entraram 33 embarcações e sahiram 23.

Rendeu a alfandega 98,565$760 rs.

Falleceram 38 pessoas: 8 homens, 9 mulheres, e 12 parvulos, livres; 6 homens, 2 mulheres e 1 parvulo, escravos.

JURY DO RECIFE.

4.ª sessão ordinaria.

Dia 25.

Presidencia do Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

Promotor o Sr. Dr. Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque.

Escrivão Joaquim Francisco de Paula Esteves Clemente.

As dez horas e meia da manhãa, feita a chamada, acharam-se presentes 33 jurados.

Foram multados em 20$000 rs. além dos jurados já declarados nas actas anteriores os senhores seguintes:

Antonio Gonçalves Ferreira.
Firmiano José Rodrigues Ferreira.
Feliciano José Gomes.
Cypriano Luiz da Paz.
João Henriques da Silva Junior.
Dr. João Maria Seve.
José Maria Machado de Figueiredo.
Capitão Severino Henriques de Castro Pimentel.
José Bento da Costa.
Luiz Antonio Vieira.
Antonio Rodrigues d'Albuquerque.
Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.
Jorge Victor Ferreira Lopes.

Foram sorteados da urna suplementar os 15 jurados seguintes:

Izidoro José Pereira
Florencio Domingues da Silva.
Antonio Alves da Fonseca.
Dr. João Domingues da Silva.
Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca.
Dr. Luiz Rodrigues Villares.
João Baptista Ferreira d'Annunciação.
João Ferreira d'Annunciação.
João Francisco Regis Quintella.
João Antonio de Paula Rodrigues.
Joaquim Francisco de Mello Santos.
Dr. Francisco Pereira Freire.
Emilio Xavier Sobreira de Mello.
José Paulo da Fonseca.
Henriques Steple.

A sessão foi adiada para as 10 horas da manhãa do dia 27 do corrente.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 25 de novembro.

Illm. e Exm. Sr.—Partecipo a V. Exc. que, das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que foram presos: pela delegacia do 1.º districto deste termo, José Francisco do Nascimento, por furto; pela subdelegacia da freguezia do Recife, Manoel da Silva Pereira, e Vicente Ferreira da Conceição, ambos por uso de armas prohibidas; pela subdelegacia da freguezia de S. José, a parda Constancia Maria da Conceição, para averiguações policiaes; pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, Candido José dos Santos Vital, para recruta, Francisco José Sampaio, para averiguações policiaes, Thomé Ribeiro Gomes dos Santos, por furto, e o preto escravo Silvestre, sem declaração do motivo; pela subdelegacia da freguezia do Poço da Panella, a preta Joaquina, tambem sem declaração do motivo; pela subdelegacia da Muribeca, Francisco José do Nascimento, para averiguações policiaes.

Foram hontem recolhidos a cadeia desta cidade 24 sentenciados e 2 criminosos, sendo 1 no termo de Garanhuns por homicidio, e outro na provincia do Maranhão por crime de roubo, os quaes me foram remettidos a bordo do brigue escuna *Legalidade*, com officio de 18 do corrente pelo chefe de policia da provincia das Alagoas.

Deos guarde a V. Ex. secretaria da policia de Pernambuco 25 de novembro de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia,—O chefe de policia *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

COMARCA DE SANTO ANTA'O.

Villa da Escada 15 de novembro.

O promettido he devido. Eu cá que sou como Vmc. o sabe, como aguas de janeiro, tardo e não falto.

O enfado procedente de meus trabalhos semanarios me não permitte usar de floreios rhetoricos, ou rodeios oratorios: como costumo, e m'o consente o engenho ou inopia intellectual—formarei as minhas garabulhas, rabiscas, garatujas com toda a lhaneza e fidelidade. E quando se me alcunhar de insulso prosador, safio e sandeu, responderei que escrevo para todos—peritos e indoutos,; não para instruir, mas para noticiar-lhes e divertir-me nas horas vagas, —e quando repousando os lassos membros do diurno labor, revolvo na imaginação mil alheios pensamentos.

Alguns devotos meus já me tacham de desenchabido e sem pico. Ora saiba que isto em vez de amuar-me, me lisongéa; pois que se agora me não acham chistoso e faceto, he porque já me consideraram tal, e isto me eleva muito á meus proprios olhos, e faz-me mudar da idéa, que a meu respeito fazia. Porém concedida a hypothese da jovialidade e facecias de minhas epistolas, devem saber que não sou fonte inexhaurivel, assim como tambem não he sempre com o riso nos labios e o coração trasbordando de prazer, que escrevinho; aliás he muitas vezes para expellir o sombrio flato, que me occupa, neste serviço.

Valha-me Deos, que não sei como agradar a todos... Finalmente não sou moéda de vinte patacas.

Querem que eu appareça em todos os numeros do seu *Diario*.—Note bem, estes só buscam ver-me de meia cara! Querem amoldar-me á seu bel prazer; e eu que os ature! Va! que não ha outro remedio.

O Aldeão, diz este, veio agora muito rispido,—muito fraco,—muito insipido. O Aldeão, diz aquelle, não devêra tratar disto,—devêra fallar naquillo... etc. Mas nenhum me procura para coadjuvar-me. Muito obrigado! Quem quizer cousa que bem lhe ajuste, vá á fabrica, que he onde ha obras para todos os gostos.

Quererão monopolisar as minhas idéas? meus pensamentos? meu livre arbitrio?.. *O vous quelque soyez*.

Procurai o homem da capa ruça, e adevinhai quem vos deu!

Por me parecer este ensejo cabivel rogo-lhe que tenha o cuidado de corrigir as minhas lettras, pois que quasi sempre faço-as com tanta pressa, que me não resta tempo para a correcção. Motiva-me a exigencia desse obsequio o deparar constantemente nellas erratas innumeras; assim como recommende á seus typographos que me não omittam ou supprimam termos e até mesmo pensamentos, que cabidamente hei encaichado... á excepção d'aquelles que a sua prudencia, perspicacia, e intelligencia vir que he util e necessario passar pela pena da mudança ou suppressão.

Fallemos serios, e tratemos de outras cousas, que para cavaco basta o que fica dito.

In primo capite passo a rectificar-lhe uma noticia, que dei-lhe mal informado pelo meu Satageu.

He falso que o Sr. Barros pedisse vista da demarcação, que já lhe disse, se estava procedendo das terras concedidas por aforamento ao Sr. tenente coronel Marianno; continuou-se, digo, fez-se sem interrupção, havendo-se concluido logo no principio desta semana.

No dia 6 do andante reunio-se a camara para funccionar, como havia antecedentemente marcado, em sessão ordinaria. Durante o tempo do seu trabalho, assistio o Sr. Tiburtino para orientar aos vereadores, que hospedes na materia, mister lhes era um Mentor, que os guiasse e derigisse.

Era meio dia quando principiaram os seus trabalhos, faltando o Dr. João da Rocha Hollanda Cavalcanti, e José Sancho Bezerra Cavalcanti, este somente no primeiro dia; aquelle em todos.

Notei que sempre encetavam os mesmos trabalhos diarios muito tarde, terminando-os das 3 horas em diante; e no ultimo dia (sabbado) encerraram-se ás 7 horas da tarde.

Desta feita ignoro ainda que utilidade della nos vem, ou virá. Consta-me, que em lugar de se tratar de uma ponte, que se nos faz indispensavel (posto que eu mesmo sou o primeiro a reconhecer a sua impossibilidade—presentemente), determinou-se pôr uma jangada na passagem mais proxima e usada, com prohibição á qualquer particular ter ingerencia em negocio de tal jaez!.. Porém o mais engraçado foi haver quem se lembrasse, que em alteração ou appendix ás posturas, se cominasse pena, ou multa a todo o individuo, que ousasse tirar uma canna nos cannaviaes de qualquer senhor de engenho!!!

Marcaram-se os ordenados dos empregados. Para o Thomaz secretario 250$000; para o Franco fiscal 100$000; para o Feliciano porteiro 60$000; para o Cavalcanti procurador alem da porcentagem, mais um addendo de 50$000: pelo que a Illm.ª, apezar de seus quasi nenhuns recursos, vai cortando largo.

O Gregorio he quem ficou chispando! Tiraram-lhe da bocca a uberrima têta, donde elle chuchava o suave e gostoso succo, que lhe fartava as algibeiras.

A camara pois prevalecendo-se de seu direito comprou-lhe os edificios, que serviam de assougue, e casa de mercado.

Já se fizeram as arrematações. Quiz habilitar-me para ver se por esta via mudava de sorte e deixava a vida de agricultor, que para mim já he extraordinariamente insupportavel. Mas procura fiador, saca fiador, vou ter com o compadre João Gomes; porém elle negou-se-me, dizendo que ia levantar o seu engenho, e não estava para ser fiador de ninguem. Corro ao incomparavel Faustino para indigitar-me alguem que me fosse prestavel á esse fim. Disse-me que quem me podia ser util era o Quincas-fura-olho; mas que esse era criminoso, porque dando uma surra no preto Joaquim o cegára a ponto de o obrigar a mendigar para poder subsistir. Burlado no meu intento, desisti da minha empreza; e dou a mim os parabens!

Houveram todavia muitos pretendentes; entre os quaes compareceram alguns personagens nossos conhecidos. Lá vi o Caldas, que arrematou o imposto de 40 réis sobre cargas de farinha e legumes, que subio ao valor de 201$000; foi seu fiador o Bastos! —*Ambo florentes ætate, arcades ambo*!

Manoel Seraphim obteve o ramo do imposto do sangue por 352$000; foi seu fiador o José Rufino, senhor do engenho Bamburral.

Um tal Metico ficou-se com o das aferições por 90$000; e das licenças de mascates, boceteiras etc. por 173$000: afiançou-o o Cazumbá, senhor do engenho Camassary.

Aqui tem Vmc. o resultado das arrematações, com todos os seus pormenores, emquanto ao que obtive.

Eu sou camarada do nosso fiscal, por isso quero ser com elle, o que elle he no nome—franco. Antes delle affixar editaes, pelos quaes constasse que entrára no exercicio de suas funcções; antes da publicação, ou cousa que o valha, das posturas da camara, succedeu ser apanhado um cavallo de João Duarte em umas lavouras do Bastos; mas este conhecendo a nenhuma culpa, que tinha Duarte, relevou-o, tanto que não applicou os meios para se resarcir do prejuizo ou damno que soffrera; porém comtudo o cavallo foi posto em deposito, e multado o dono em 4$000. Duarte expoz com clareza e sem dolo a causa dessa eventualidade; mas não foi attendido. Joaquim Calisto acha-se em circumstancias identicas á Duarte, mas Calisto he perdoado, ou dispensado da pena. Oh! aonde está a igualdade da lei? He isto por ventura um negocio particular, ou pessoal, em que a vontade he a unica lei que o regula?! Ou existiam, ou não as posturas? Se *primó*, não se podia multar a este, e relevar á aquelle em identicas circumstancias, porque ninguem pode fazer favores em detrimento á lei. Se *secundó*, então ambos deviam gozar da mesma graça, isto he, nenhum era obrigado a multa. E obrar da maneira por que se obrou, he tão sómente firmado no—*Sic volo, sic jubeo*.

O Sr. Franco não deve agastar-se por esta minha ligeira observação, que só tem por fim alerta-lo e inhibi-lo da reincidencia, ou adverti-lo para eximir-se, o quanto lhe for possivel, de fallencias em seu ministerio. E deve recebe-la em boa parte tanto mais quanto estou compromettido para fazer-lhe toda e qualquer advertencia que me parecer justa e adequada.

O nosso delegado continua ainda por esta freguezia. Já concluio a demarcação do Sr. Marianno; e consta-me que tem de demorar-se para occupar-se com alguns inventarios.

Por fallar nesta autoridade, tenho de tornar ao meu nobre collega de Iguarassú. Diz elle que a historia do preso fugido da cadeia dessa villa he *má informação* minha, como que attribuindo-me falsidade nesse facto. Não nego que talvez tenha havido alguma inexactidão entre os factos, que refiro; mas o defeito vem de quem m'os transmitte; e quando entro no inteiro conhecimento de sua veracidade retifico-os. Mas para rectificar a minha informação responderei ao nobre collega pedindo-me destrinche este enigma: Como ou porque meios o Manoel Dias (o preso evadido) foi capaz e pode recitar partes de um officio mui particular, que deste delegado foi dirigido a esse? *Hoc opus, hic labor est.* O Faustino conta isto de cadeira. Longe de mim o querer —em tudo e por tudo—increpar o seu delegado; mas o facto deu-se; he isto uma pura verdade, e não mera invenção minha. Se seus empregados policiaes não tiveram ingerencia nesse negocio (como desejo, e quero persuadir-me), não procuro duvidar, já que o collega tanto abona a sua probidade, inteireza, e actividade: ao menos acautelem-se, e attendam que alguem os trahio.

Não deixou de produzir grande alvoroto a minha ultima, provando-me isto que se estes vão se costumando commigo, aquelles me estranham.

Asseveram-me que o reverendo Bandeira he quem mais se agastou; tanto que esta com uma correspondencia no cadinho,—se he que nesta occasião já não anda caminho dessa praça; buscando ser enserido nas columnas do seu conceituado *Diario*. Pretende desmacarar-me e desmentir-me. Como tambem he susceptivel! Já sabe quem eu sou, desconfio onde quer fazer o seu alvo para dar a pedrada; mas vai desapontado. . . Mas não antecipemos; vamos ver se ganhará as alviçaras pelo feliz achado. Pelo menos ha alguns interessados, que não deixarão de mimosea-lo com seus perús. Ah! magano! que estaveis com este segredinho, e nada dizieis aos camaradas!

Pretendia concluir esta sem me intrometter com alguma individualidade; mas como sou chamado á terreiro, bem vê, que a bom cavallo—bom cavalleiro. Oh! peccado! já nem sei mais o que ia dizer. Senão estou moribundo, quiçá esteja demente, caduco ou meditabundo—*Senetus est morbus*. Alguma cousa me opprime, me acabrunha. Será pena, dó, sentimento de ver o meu collega e visinho W. penetrado de dôr e saudades minhas?! Coitadinho! Tudo o vexa,—de lá certas *saudades*, e de cá o seu velho amigo. Não sei como pagar tantas finezas! Oh! que isto está me cheirando a verso.

Eu conheço, e venero, oh *charo mio*,
Vossas altas façanhas,—*gentilezas*. . .
A' heróe tão sublime, tão distincto
Não sei como pagar tantas finezas!

Bravos! Está vendo o nobilissimo collega, que está barrado commigo.

Pois não estou costumado
Tantos *carinhos* gozar.
Se commigo bem quer 'star
Traga o bedelho guardado.

Outra! caspité! Snr. amigo! Hoje estou mesmo de maré a preamar.

Lamenta o meu nobre collega a minha ausencia, não sabendo a que attribui-la, no entanto que eu me apresentára ao principio com fanforrices e a lança em riste (como agora me acho para repellir o attaque de qualquer adversario). Eu por sem duvida mereceria o epitheto de ingrato, se não fosse presto arrancar o meu amigo do penoso estado, em que se ha collocado por amor de mim. Aprecio muito a sua amizade; por isso vou satisfaze-lo, dando a razão da minha supposta ausencia, e dest'arte alliviando seu coração tão bondadoso, e ficando eu igualmente aligeirado do tal qual incommodo, ou pezar, que ora me succumbe. Deve de antemão saber que o meu mal he moral—uma verdadeira *apprehensão*!—e depois de ouvir-me, dir-me-ha se não tenho razão.

Em um dos sabbados preteritos, estando eu á feira, eis que vejo ahi chegarem muitas pessôas, algumas até de outras freguezias. Bem sabe que quem ama a sua terrinha, como eu, e a vê frequentada por certa ordem de gente, o como fica satisfeito e ufano: foi o que me aconteceu. Mas um desses visitantes poz-me assás *impressionado*: tinha um não sei *que*, que me pareceu mui differente dos demais: calça de casemira, camisa de riscadinho, collete, gravata, palitó de um verdadeiro chichisbéo da Italia, ou *dandy* de Paris; chapéo de abas taes, que figurou-se-me um guarda sol de feitor de campo, tudo isso junto ao ser elle rechonchudo, bochechudo, carrancudo, e mais o reverendo cachaço de um perfeito *bernardo*, deu-me visos de um sugeito, que não he inteiro christão. Fui ter com o Faustino para ver se elle me dizia quem o taful era.

—Em nhor sim; disse-me o Faustino; conheço como as palmas de minhas mãos essa pessoa de quem falla. E correu as prateleiras, tirou um livro, que estava enfardelado em papel pardo, folheou-o e deu-me para ler este trecho:

—Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilegios com as reliquias.
Proprio fradinho o tal da mão furada,
. . . .

Arremessei o livro ao balcão. e fui a retirar-me bastante enraivecido.

—Então, Snr.? . . .

—Alto lá! Sr. Faustino, com os diabos! Veja que não sou criança que se entretenha com lograções.

O Faustino abrio as ventas e leu:—O frade com ser frade. . .

—Safa! interrompi-o. Vá aos diabos, que o carreguem com essa historia de frades.

—Ah... ah... ah! Pois Vmc. não deprehendeu. . . .

—Que o tal bicho he frade?!...

—Em nhor sim, e de S. Vento!

—Virgem da benta hora! acudi batendo na cabeça. Nunca vi frade nesse estado, senão agora.

Mas elle não traz coroa, he por ventura apostata?

—Isto não sei eu: o que he certo he que elle he o *cujo dito supplicante* e *referido* no nobo methodo.

Deixei o Faustino, e voltei ao meu tugurio, pensativo.

Eis aqui meu collega, o motivo que deu lugar a Vmc. notar e sentir a minha ausencia. Console-se que seu velho amigo está sem outra novidade.

O tempora! o mores! No nosso tempo—de saudosa recordação—em um frade nada mais se divisava, que o respeito e circumspecção personificados; hoje mostra-se elle mesmo tão ridiculo como o mais insignificante petimetre. Eis a razão porque a religião de nossos pais hoje he tibia, menosprezada, e desrespeitada por os nossos descendentes. Um clerigo regular com trajes de secular he um escandalo, he uma falta de cumprimento ás santas regras, que professam, he uma falta de acatamento á religião.

O nobre collega desculpe a rispidez de algumas expressões, e releve as faltas do seu menos sciente amigo: até outra vez.

Antes que me esqueça, saiba, *aliunde* deve saber que ja foram nomeados os supplentes de juiz municipal desta Villa.

O José Pereira (affirmaram-me) foi preso por cauza daquelles bahús do Portuguez, cujo caso ja referi; mas prestou fiança, e supponho que espera justificar-se.

Hontem, ou hoje forão presos na villa—Francisco Lopes, por antonomazia Chico Cáca, dizem-me (o que eu ignorava) que para cumprir uma sentença de exilio em Fernando, sentença dada por um jury—presumo que de Caruarú, em consequencia de um tiro; dous sugeitos do Bonito, que por aqui negociavam, para averiguações policiaes; e Manoel das laranjeiras por escusar-se do cumprimento de uma ordem policial—rebeldia.

Sexta-feira tem de começar a festividade do Orago desta freguezia; Vmc. já conhece do meu fraco, portanto não he mister participar-lhe, que não pretendo perder uma só novena. Não estranhe se nesse interim lhe eu não escrever. Não o convido mais porque tenho conhecido que Vmc. he pouco amante do mato; se todavia se resolver a retirar-se da praça nesse tempo, venha de preferencia tomar os bellos e saudaveis banhos do Ipojuca, que ha de regalar-se.

Por cá tem apparecido seus casos de febre—mais ou menos rebelde—mormente nas crianças.

Sei tambem agora, que por toda esta semana aqui chega o Rm.º Pedro Marinho Falcão, vizitador da provincia de Pernambuco, e vem abrir o chrisma nesta freguezia. Ha muito que cá senão confere este Sacramento, por este motivo persuado-me que ha de haver grande concurrencia.

A noite ja vai bastante adiantada, ja toda a natureza dormita, he a hora do silencio, mas ouço o recongar da rapoza, e o agoureiro piar do noitibó; vou sem demora metter-me na cama, que o somno he muito, e o silencio quebrado por esses sons lugubres faz-me mêdo. . . Oi! que lá sibiou uma cascavel! Adeos.

Saude no corpo, tranquillidade no espirito e as louras nas algibeiras lhe deseja

Seu amigo e vr.º
O Velho Aldeão.

P. S. Soube neste momento de uma prisão feita pelo proprio Dr. Cirne. Francisco Pontual, senhor do engenho Contador, sendo devedor da fazenda publica, indo a casa da residencia neste lugar do delegado, aconteceu ahi existir uma precatoria para esse méco, o qual longe de sua expectação foi agarrado, em despeito á toda e qualquer consideração e prepotencia. . . O Dr. Cirne, por este e outros actos de justiça e equidade merecerá sempre os elogios e as sympathias de todos os seus comarcãos! Não pensem que assim me expresso por ter regosijo com os males alheios, mas por ver que aqui a justiça he dividida e applicada com igualdade. O coronel José Pedro responsabilisou-se, ou satisfez a divida pelo Sr. Pontual, e foi solto este.

Auto da installação da villa de N. Senhora da Escada—Aos nove dias do mez de outubro do anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo, de mil oito centos e cincoenta e quatro, nesta villa de N. Senhora da Apresentação da Escada, nos Paços, ou na casa determinada para os Paços da camara municipal onde se achava presente o presidente da camara municipal da cidade da Victoria, o coronel José Cavalcanti Ferraz d'Azevedo commigo secretario abaixo declarado, para o fim de deferir o juramento e dar posse aos vereadores eleitos para nova villa em conformidade do art. terceiro do Decreto de treze de novembro de mil oito centos trinta e dous, ahi se achavam reunidos os vereadores, capitão Antonio Marques d'Hollanda Cavalcanti, João da Rocha Hollanda Cavalcanti, reverendo vigario Simão d'Azevedo Campos, tenente Manoel da Rocha Lins, capitão André Dias d'Araujo, major Candido José Lopes de Miranda, José Sancho Beserra Cavalcanti, aos quaes foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos, em que pozeram sua mão direita e prometteram cumprir bem as funcções de vereadores da camara municipal da villa de N. Senhora de Apresentação da Escada, a qual he hoje installada em cumprimento da lei d'assemblea legislativa provincial que elevou a cathegoria de villa a povoação do mesmo nome tendo por limites a mesma freguezia, a qual lei he da forma, modo, e maneira seguinte.—Numero trezentos e vinte seis.—Copia—José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia de Pernambuco.—Faço saber a todos os seus habitantes que a assemblea legislativa provincial decretou e eu sanccionei a resolução seguinte.—Art. unico.—Fica elevada a cathegoria de villa a povoação de N. Senhora de Apresentação da Escada, e creado um municipio na freguezia do mesmo nome, revogadas as disposições em contrario. Mando por tanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referidade resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem. O secretario interino da provincia a faça imprimir, publicar e correr. Cidade do Recife de Pernambuco aos dezenove diasdo mez de abril de mil oito centos cincoenta e quatro, trigesimo terceiro da Independencia do Imperio.—Lugar do sello.—José Bento da Cunha e Figueiredo. Carta de lei pela qual V.Exc. manda executar a resolução da assemblea legislativa provincial que sanccionou elevando a cathegoria de villa a povoação de N. Senhora da Escada, e creando um municipio na freguezia do mesmo nome, para V. Exc. ver.—Sellada e publicada nesta secretaria do governo da provincia de Pernambuco, aos desenove de abril de mil oitocentos cincoenta e quatro, Joaquim Pires Machado Portella, official maior servindo de secretario.—João Domingues da Silva a fez—Registrada a fl. cem do livro terceiro de leis provinciaes. Secretaria do governo de Pernambuco dezenove de abril de mil oito centos cincoenta e quatro; João Domingues da Silva. Conforme Francisco Lucio de Castro. E para a todo tempo constar mandou o presidente da camara municipal da cidade da Victoria acima declarado lavrar o presente auto de installação em que se assignou com os vereadores juramentados. Eu Tiburtino Pinto d'Almeida, secretario e escrevi.—José Cavalcanti Ferraz d'Azevedo, presidente da camara; Antonio Marques d'Hollanda Cavalcanti, presidente, João da Rocha Hollanda Cavalcanti, o vigario Simão d'Azevedo Campos, Manoel da Rocha Lins, Candido José Lopes de Miranda, José Sancho Beserra Cavalcanti, André Dias d'Araujo.—Está conforme—O secretario da camara municipal, *Thomaz Rodrigues Pereira*.

(*Carta particular.*)

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PAGAMENTO DE UMA DIVIDA.

« *Necesse est enim ut veniant scandala: verumtamen væ homini illi per quem escandalum venit.* »

O periodico que nos obrigou a dirigir-nos ao publico, em nosso numero de 21 do corrente, não satisfeito ainda com a provocação que nos dirigio, contrariando em termos indignos a narração que fizemos do motim de 14 do dito mez, voltou de novo á carga, e talvez desesperado de poder tirar vantagem com seus velhos adversarios, assentou de tomar-nos á sua conta, com o duplice intento de achar materia para as *custosas elucubrações* que enriquecem suas columnas, e fomentar o germen da desunião, especie de sisania que com tanto esmero semêa duas vezes por semana. Deste modo, baldada foi a moderação e a reserva com que então nos exprimimos: uma e outra foram consideradas como indicios de fraqueza e pouca segurança de consciencia. E quem, possuido pelo desejo de brigar, não se atirará resoluto ao adversario que reputa mais fraco, supponho tê-lo descoberto?

Pois bem; enganou-se redondamente aquelle periodico; e para prova disto aqui estamos promptos á sustentar a nossa dignidade, a dignidade da folha que redigimos. Já que não são poupados os proprios amigos leaes, mas circumspectos da actualidade, força he que a defeza dos offendidos corresponda á *extensão* e á gravidade do ataque, recahindo afinal a responsabilidade sobre quem a merecer.

O *Diario de Pernambuco* deu materia a dous numeros do referido periodico, e a mais de um artigo no mesmo numero. Oh! poder da sciencia; oh! fecundidade do genio—unitivo por antiphrase.... Porem nós seremos mais sobrios: faltam-nos essas duas alavancas manejadas pelo gratuito e simulado inimigo; temos alem disso em que occupar-nos. Apanharemos por tanto unicamente os mais interessantes *bocadinhos*, os que mais nos offendem, e os reduziremos ao seu justo valor, á sua mais simples expressão.

Tendo a coragem bastante para não desdizer o *alcance* das nossas palavras, ou a intenção manifesta com que as proferimos, temos por isso mesmo repugnancia em contestar com argumentos o que disse o referido periodico, para mostrar que nos não provocára, e que a imputação da *mentira* não nos foi por elle lançada. Passemos pois a materia nova, que sobre a velha já póde ajuizar o publico.

Antes porem de irmos mais adiante, cumpre-nos frustrar a miseravel tactica a que se soccorreu o tal periodico para melhor combater-nos: a separação do *Diario de Pernambuco* e do seu redactor. Ora, já se vio *ardil mais grosseiro?* Pois não tirareis vantagem disso, escriptor ardiloso: os redactores do *Diario* não são redactores de *meia cara*; escrevem de intelligencia com o proprietario do jornal: todos são por conseguinte solidarios. E essa solidariedade he tanto mais perfeita, quanto, em artigos que não são meramente noticiosos, assenta sobre a mais inteira liberdade, não havendo convenção alguma onerosa a tal respeito. Os que escrevem por paga real, ou com alguma esperança terrena, podem muito bem não comprehender essa solidariedade, ou antes póde-lhes convir o dissolvê-la arbitrariamente; mas o publico, juiz competente da imprensa, sabe muito bem que os artigos de fundo de um jornal como o nosso, são obra dos redactores e do proprietario ao mesmo tempo, pelo menos emquanto a deslealdade não der motivo a escusas ou a denegações; e verificada esta hypothese, não tenham cuidado os ardilosos, porque o prejudicado terá meios para desonerar-se dos peccados alheios. O *Diario* portanto, em seus artigos, he uma só entidade, e com ella se devem haver os interessados. Redactores ou proprietarios, não declinamos a responsabilidade dos nossos actos.

Diz o tal periodico que o *Diario de Pernambuco* parece-lhe folha da actualidade porque della recebe, grandes soccorros para viver. Quaes são porém esses soccorros? Eis o que se não atraveu a dizer; e o tal Sr. que affecta de positivo, ficou desta vez no vacuo das expressões genericas, porque emfim he sempre este o melhor meio de detrahir.

Ja uma vez tivemos occasião de declarar que nenhum auxilio recebemos do governo para sustentação deste jornal; mas, para com gente de certa ordem, toda a prevenção he pouca. Tão verdadeiro he o proverbio—que o ladrão do que usa, disso cuida!—Vê-se pois a necessidade que temos de declarar pela segunda vez que o *Diario de Pernambuco* não recebe, nem nunca recebeu do governo, ou de qualquer repartição publica soccorro algum para manter-se. He verdade que o seu proprietario tem um contrato com a thesouraria provincial para a impressão do que he necessario ás cinco repartições provinciaes; outro com a assembléa provincial para a publicação dos seus trabalhos; outro finalmente com a camara municipal para a impressão de suas actas, etc. Mas, quem poderá dizer que isso he *receber soccorro*? Isto he prestar serviços, que exigem despezas, que são e devem ser retribuidas livremente por convenção. Se ha soccorro, he elle reciproco, e talvez que, bem apurado o negocio, podessemos dizer que se alguma generosidade existe, he da nossa parte, como podemos provar se o quizerem. Demais, sempre que se findam taes contratos, e de novo são postos em hasta publica, não costuma o mesmo proprietario apresentar-se logo como concurrente; e só quando não apparece lançador que os queira, he que vem a toma-los, recebendo convite expresso para esse fim. Que o *Diario* nunca precisou de *soccorros* para sustentar-se, foi bem provado com a sua existencia durante os annos em que dominou a actual opposição; porquanto, não só deixou todos os contratos, como até soffreu a guerra indirecta, promovida por alguns agentes do partido hoje do governo, os quaes ao mesmo tempo que pediam assignaturas para os *seus* jornaes, promoviam o abandono das do *Diario* sôb certas promessas e comminações. Ora, o *Diario* sustentou-se optimamente durante aquelle tempo, de sorte que, sendo sua subscripção de réis 12$000, foi elevada a 16$000, e augmentou o seu formato.

Insistindo sobre o motim de 14 do corrente, continua o mesmo periodico a que nos referimos, a esforçar-se por converte-lo em cousa burlesca e insignificante; e n'esse intuito quiz contrariar-nos especificadamente, chegando mesmo a ver em nosso artigo de 21 do corrente uma modificação ao que dissemos no dia 16. Vãos esforços, ridiculos argumentos... Que o motim não foi burlesco, provam-no as medidas tomadas pelo governo da provincia e pela policia desde então. E com effeito, se nada ha que receiar, se aquillo não passou de uma *farça de patriotagem*, para que essas grandes patrulhas pelas ruas logo ao anoitecer, para que esses reforços das guardas, etc., etc.? Outras medidas mais poderiamos apontar; mas temos necessidade de circumscrever-nos pelo que ainda nos resta a expender.

« Não houve *fecha-fecha* quasi geral (diz o mesmo periodico) porque a maior parte das lojas *já se acham fechadas ás ave-maria e ás sete horas, sendo que muitas tavernas se acham abertas.* » Por pouco deixamos de entender o que se queria dizer com isto; mas emfim sempre atinámos. Ora, já se vio maior semceremonia? Não sabe toda a população desta cidade que as lojas de fazendas, miudezas, ferragens, etc., em geral, costumam fechar-se somente as 8 horas da noite, e que as tavernas só as 9 horas o fazem? E como ha quem se anime a affirmar o contrario?! Tão aventurosa como esta, são todas as mais asserções.

O mesmo periodico ratifica pela sua parte que não houve *ferimentos, contusões, espancamentos*; e para acrescentar um ponto ao que dissemos falla tambem em mortes. E o que lhe havemos de fazer? Citar factos, e ei-los aqui. Constou-nos, e he verdade, que o padre Francisco Joaquim Pereira, morador na rua da Praia, soffreu uma grande pedrada nos peitos na noite do motim, achando-se na rua dos Quarteis; e bem assim que levou algumas pancadas um vendelhão da rua Nova, ao fechar as portas. Não havera ahi cousa que se possa chamar espancamentos, contusão ou ferimento? E quantos individuos mais não soffreriam o mesmo, deixando de o dizer com receio da repetição?

Não he exacto que modificassemos o nosso artigo de 16 pelo de 21. A importancia que pela primeira vez demos ao motim, foi e he ainda a mesma que lhe demos no segundo artigo. Somente, não podendo, sem injustiça, tornar logo responsaveis pela negligencia havida nessa noite a presidencia e o chefe de policia, pois sabemos que abaixo delles existem autoridades locaes constituidas, a quem mais immediatamente incumbe providenciar sobre as occurrencias dos seus districtos, fizemos ver ao publico que aquellas duas primeiras autoridades esforçavam-se para reparar a falta de seus subalternos. Entretanto a maledicencia, o desejo de detrahir, enxergaram em nossas palavras não só uma modificação, como até um cortejo ás primeiras autoridades da provincia. Que miseria! O periodico pensou ou talvez que lhe usurpavamos suas attribuições de thuriferario ou incensador, e quiz atalhar-nos pressuroso. Porém não; ninguem melhor do que elle sabe que o *Diario de Pernambuco* he incapaz de semelhante tarefa, sendo justamente por essa razão que se acha fora do pequeno e *amavel* circulo, em cujas iras tem incorrido.

Todo radiante de gaudio e de jubilo exclama o tal periodico: —Seriamos felizes, se todos os acontecimentos graves de nossa provincia fossem somente como os da noite de 14 do corrente.» São gostos sobre que não desejamos disputar. Pela nossa parte, entendemos que *as assuadas que deshonrám e envergonham pela perversidade e selvageria do pensamento que as dominam* (assim se exprime o desmemoriado em o n. 726), são cousas incapazes de trazer a felicidade a nenhum povo, sendo de ordinario por ellas que perecem os governos.

Afinal tirou-se o dito periodico dos seus cuidados habituaes, e pretendeu dar-nos uma lição de bem servir ao paiz. O nosso jornal para elle não tem mais do que o material do grande formato, e algumas noticias estrangeiras; quanto a artigos de propria lavra, não se lembra de um só pelo qual tenhamos concorrido para o desenvolvimento de questões que interessam ao progresso do paiz. E sabem os leitores que periodico ousa aventurar esta asserção evidentemente despeitosa? He o mesmo que, ha poucos dias, sendo apertado por seus antigos adversarios sobre uma questão grave e importante, sahio-se retorquindo por mais de uma vez, *que não responderia em quanto não fossem por elles respondidos os artigos do Diario de Pernambuco* a respeito. Dá-se maior displante! Não cahiremos aqui no trabalho desagradavel de enumerar os nossos escriptos: *escripta manent*. Temos convicção de que o publico nos faz justiça lembrando-se delles.

He verdade que o *Diario de Pernambuco*, sempre disposto a auxiliar o paiz e o governo com o seu fraco contingente de luzes, jamais deixou de tomar parte em todas as questões interessantes da nossa imprensa, achando-se alguma vez só nas mais perigosas, sem todavia envolver-se na politica corriqueira do—*dize tu direi eu*—que tanto a tem maculado; he verdade que todas as associações e empresas d'esta provincia tem encontrado constantemente animação em suas columnas. Mas o que pode valer isso na opinião de meros thuriferarios? Continuai, Srs., que o *Diario de Pernambuco* não se demoverá do seu proposito. Mas, se não estais satisfeitos com a nossa circumspecção, com o nosso commedimento, tende pelo menos paciencia e permitti-nos que, pensando de modo diverso, sigamos um caminho differente do vosso. Estamos persuadidos, por exemplo, que ninguem tem feito mais mal á actual administração do que vós, com os dithyrambos que ornam invariavelmente vossas columnas. E como vos havemos de acompanhar, se sabemos muito bem que não se pode provocar exageradamente o exame em favor de alguem, sem que se tenha depois de soffre-lo, e com uzura, em detrimento do objecto amado? Animar, exagerar o elogio, não he preparar a censura? Este resultado he infallivel; até o mais poderoso dos monarchas da França teve, como nos diz a historia, de experimenta-lo amargamente. « Quando os cantos se exhauriram, as discussões começaram » diz um celebre escriptor; e os philosophos do XVIII seculo succederam aos *litteratos* do XVII,; isto he, o throno dos Bourbons decahio á final e com os turbilhões do incenso que o haviam pereceo suffocado.

Eis ahi a verdadeira causa do nosso procedimento, e tambem o motivo porque se nos doesta hoje desabridamente!.... Mas deixemos o tal periodico. Outros nos dispensarão da ingrata e rude tarefa de desbravar escriptores noviços, que a torto e a direito querem recuperar o tempo perdido, e *fazer serviços*..., sejam de que qualidade forem. He bem provavel que ao terminarem elles a leitura destas nossas linhas sintam de novo o ardente desejo de invectivar-nos indignamente, chamando-nos pequenino e insignificante, e attribuindo-nos muita susceptibilidade e um *fofo orgulhosinho*. Porém nós, que não tememos na imprensa, e antes desprezamos o vulto material dos Adamastores e Polyphemos; nós, que sabemos distinguir o orgulho da altivez, e que preferimos francamente esta ás baixezas e cobardias da falsa modestia de mansinhos charlatães; nós lhes daremos por unica resposta estas palavras de evangelica e fraternal caridade: —*Hypocrita, ejice primum trabem de oculo tuo; et tunc videbis ejicere festucam de oculo fratris tui.*

CORREPONDENCIA.

AO PUBLICO.

Senhores Redactores.—Em satisfacção ao respeitavel publico, queiram Vmcs. conceder-me um cantinho em seu conceituado jornal, para expor o occurrido entre mim e o Sr. Antonio Ricardo Antunes Villaça, relativamente á loja de calçado da rua do Livramento n. 19. Eis o facto tal qual se passou em dias do mez de junho proximo passado, procurou-me o Sr. Joaquim Ignacio de Carvalho Mendonça, para lhe garantir duas lettras de 400$ rs. cada uma, sendo uma a vencer em 7 de dezembro, e outra em 7 de junho proximo futuro, sacadas a favor do Sr. Villaça, a cuja garantia me prestei, em virtude do que ficou o Sr. Mendonça de posse da loja em questão. Em 5 de agosto procurou-me o Sr. Mendonça, dizendo que me queria passar segurança em dita loja, visto ser eu o garante das lettras dizendo eu que sim, conservando em meu poder o documento competente, approxima-se o dia do vencimento de uma lettra por mim garantida, quero vender a loja para pagar, o comprador por mim advertido, (o que não nego) annuncia. Apparece o Sr. Villaça dizendo que a loja está sujeita ao pagamento das lettras garantidas pela venda, e por isso não se effectua a venda; advirta mais o respeitavel publico, que, eu vendia a loja a prazo, com lettras aceitas pelo comprador e garantidas com a firma social de Machado

& Pinheiro, e que a vista do annuncio do Sr. Villaça diz-me o comprador que os seus abonadores não garantem as lettras sem que o Sr. Villaça se desdiga ; vou em casa do Sr. Villaça, digo-lhe que desfaça o que fez afim de vender a loja para lhe pagar, não quer, digo-lhe que me passasse as lettras que eu as endoço e dou-lhas em pagamento dando-lhe garante ao restante da quantia de que sou responsavel, não quer, digo-lhe que as rebato e que lhe entrego seu dinheiro, dando para fiador de minha palavra, o muito honrado Illm. Sr. Dr. Vicente Pereira do Rego, não quer, em fim nada quer, em nada se fia ! ! (quer a loja.) Ora Sr. Villaça ! que conceito forma Vmc. daquelle que era muito capaz, quando Vmc. pregou o logro no comprador de sua loja muito ordinaria, porque Vmc. está servido. Pois bem, fique sabendo e fiquem sabendo aquelles que me não conhecem, que nunca me passou pela idéa deixar de pagar as suas lettras, e para prova leia os ns. do *Diario* do mez de setembro 216, 217 e 218, e verá que eu me lembrei das lettras garantidas ao Sr. Mendonça, e fique sabendo mais que a loja, isto he a armação e fazendas existentes importam em 573$710 rs., e que por sua causa não se vendeu nem se vende, e desde já protesto que Vmc. ha de recebe-la para seu pagamento pelo balanço que se deu em 15 do corrente, e quando se vencer a ultima lettra póde vir receber o restante, visto Vmc. ter tanta confiança na loja, isto he, val mais 573$710 rs., do que a minha firma e palavra, já não digo a minha, mas a das pessoas que lhe offereci.

Queiram, Srs. Redactores, publicar as simples más verdadeira narração do occorrido entre o Sr. Villaça e seu assignante *Francisco Lopes da Silva.*

ERRATA.

Na correspondencia e defeza do Sr. Firmino Theotonio da Camara Santiago, publicadas no *Diario* de 23 do corrente ha os seguintes erros entre outros :

Correspondencia.— Periodo 1.º linhas 13,—pana que a esta—leia-se—pena, que á este.—Periodo 5.º linhas 17 —houvesse—leia-se—houve.

Defeza.—Periodo 1.º linhas 6—accusado— leia-se—o accusado.

Periodo 6º linhas 6 —faria— leia-se —fazia.

Columna 3.ª linha 2—suppoz-se—leia-se—suppor-se.—

Idem, periodo 1.º linha 3.ª — tomará — leia-se—tornara—, linha 9—basear— leia-se—buscar.

Idem, periodo 12 linhas 10—do que— leia-se quando.

Idem, periodo 15, linha 13— tirarem— leia-se tiraram.

Idem, periodo 18, linha 3—que —leia-se—e.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

AO PUBLICO.

Publicando as certidões que abaixo se leem, rogo ao respeitavel publico e mui particularmente aos dignos membros da junta de justiça attendam para os meios de que se valeram os delapidadores do corpo de policia para comprometter-me. Os 15 prets, de que trata a primeira certidão, foram tirados sem duvida com o sinistro intento de delapidar os dinheiros publicos : pois que de outra sorte se não póde explicar o por que foram recebidos da thesouraria e entregues ao ex-major Padilha pelo quartel mestre José Francisco Carneiro Monteiro, sem que de qualquer maneira interviessem nisto os commandantes de companhia. Ao menos pelo que respeita aos prets da companhia, que eu commandava, nunca tive conhecimento delles, nem tão pouco dos grandes discontos, que mensalmente eram entregues pelo referido quartel mestre ao ex-major Padilha antes de serem entregues os prets á companhia. E se a importancia de todos esses dinheiros indevidamente recebidos do quartel mestre pelo ex-major Padilha não foi por este convertida em seu proveito, que foi feito della, e para que recebeu-a.

Ha porém uma prova evidentissima da má fé, com que o ex-major Padilha recebeu esses dinheiros, e he, que não obstante achar-se esse facto provado plenamente com os assentos do archivo do quartel mestre, tanto o ex-major Padilha como o mesmo quartel mestre o negam á pés juntos. O ex-major Padilha negou absolutamente o recebimento de taes dinheiros nos interrogatorios, que lhe foram feitos no conselho de investigação e no de guerra, e o quartel mestre nos depoimentos que deu em ambos os conselhos negou a entrega dos prets e dos descontos, declarando expressamente que todos os prets eram entregues aos respectivos commandantes de companhia ou aos inferiores por ordem escripta destes, e acrescentando no ultimo depoimento que os unicos dinheiros, que entregava ao ex-major Padilha, eram provenientes de descontos de inferiores a quem o ex-major adiantava soldos, e que esses descontos não excediam de 30$ a 40$ rs. mensaes ! ! !

Ora, que consideração levou ao ex-quartel mestre a negar um facto, cuja veracidade he attestada pelos assentos do seu archivo, do qual consta não só o recebimento dos prets, senão descontos avultadissimos, que, houve mez, em que montaram á 700$ e 900 rs.! Creio que o ex-quartel mestre não pode sahir-se desta alternativa—ou o facto se não deu, e são falsos os assentos do seu archivo—ou o facto se deu, e, sendo exactos os assentos, apartam-se da verdade os seus depoimentos! Mas quem crerá que o ex-quartel-mestre fizesse em seu archivo assento da entrega de dinheiros, que em verdade não houvesse entregado ? Quem crerá que designassem nesses assentos sommas consideravelmente superiores as que realmente entregava ao ex-major Padilha em desconto dos adiantamentos feitos por este ? Pois o quartel mestre entregava os prets aos commandantes de companhia, e escripturava em seus assentos que o ex-major Padilha os tinha recebido, ou o inferior Serra por ordem delle ?

O que fica dito em relação aos prets recebidos pelo ex-major Padilha applica-se ao pret geral recebido pelo ex-commandante João do Rego Barros. A segunda certidão extrahida igualmente do archivo do quartel mestre prova que o ex-commandante recebeu do mesmo quartel mestre um pret geral á vencer do 1.º de fevereiro ao ultimo de março de 1852 na importancia de 2:565$600 rs., e alem de que não era o commandante geral pessoa competente para receber prets das companhias, muito depoem contra elle as circumstancias de que foi acompanhado esse facto.

No 1.º de fevereiro do citado anno marchei em diligencia para Garanhuns com 60 praças, e não havendo tempo para se tirarem soldos á vencer, mandou-me o ex-commandante adiantar 600$ pela caixa do corpo afim de com elles ir soccorrendo os soldados ; em minha ausencia mandou o ex-commandante tirar o pret acima referido, e tendo eu dado contas e entregado o saldo existente em meu poder, quando recolhi-me da diligencia em que gastei 21 dias, sem que de tal pret fosse scientificado, continuou-se á tirar soldos para as praças recolhidas ! !

Mas quando mesmo não houvesse um documento, que prova que o ex-commandante geral recebeu esse pret, como authenticou elle os prets recebidos pelo ex-major Padilha ? Quem não sabe que os prets geraes são conferidos pelo fiscal, e assignados pelo commandante geral, e que com a autorisação deste he que o quartel mestre recebe sua importancia da thesouraria ?

Entretanto, apezar de não dizer o ex-commandante em sua defeza uma só palavra se quer, para destruir a força do documento que submetto á consideração do publico, foi absolvido, sendo eu condemnado, não obstante ser publico e notorio o que possuiamos antes de servirmos no corpo de policia, e o que temos hoje, e por ninguem ser ignorado que eu nada adquiri, nada possuo de mais, ao passo que o ex-commandante melhorou consideravelmente seus teres ! ! ! !

Recife 25 de novembro de 1854.

Firmino Theotonio da Camara Santiago.

Illm. Sr. tenente coronel commandante do corpo de policia.—Firmino Theotonio da Camara Santiago faz a bem de seu direito, que V. S. se digne mandar que o respectivo secretario a vista dos assentos pertencentes ao archivo do quartel mestre existente nesta secretaria, certifique quaes os prets e suas importancias recebidas pelo ex-commandante do corpo João do Rego Barros Falcão, pertencentes as differentes companhias. Pede a V. S. assim lhe defira.—E. R. M.—*Firmino Theotonio da Camara Santiago.*

Passe. Quartel do corpo de policia 23 de novembro de 1854.—*Carneiro Monteiro*, tenente coronel commandante.

Em cumprimento do despacho do Illm. Sr. tenente coronel commandante Pedro José Carneiro Monteiro, exarado no requerimento supra:—Certifico que dos cadernos de pagamentos dos prets existentes no antigo archivo deste corpo consta ter o ex-commandante João do Rego Barros Falcão, recebi do do respectivo quartel mestre um pret a vencer do 1.º de fevereiro de 1852 ao ultimo de março do mesmo anno, na importancia de 2:565$600 rs., a saber: da primeira companhia 558$600 rs., da segunda 564$600 rs., da terceira 860$100 rs., da quarta 636$000 rs. He o que consta acerca do que exige e supplicante dos referidos cadernos, aos quaes me reporto. E para constar passei a presente que vai por mim assignada.

Secretaria do corpo de policia 23 de novembro de 1854.—*Epifanio Borges de Menezes Doria*, tenente secretario.

Illm. Sr. tenente coronel commandante do corpo de policia.—Firmino Theotonio da Camara Santiago ex-primeiro commandante da terceira companhia do corpo do digno commando de V. S., faz a bem da seu direito, que V. S. se digne por seu respeitavel despacho, mandar que se lhe dê por certidão : 1.º a importancia dos prets pelo ex-major José Rebello Padilha, recebidos pertencentes as differentes companhias, desde que entrou de fiscal para o dito corpo; 2.º a importancia dos descontos que mensalmente recebia por conta dos prets, em todas as companhia, declarando espressamente o quanto montou esses descontos nos mezes de setembro e outubro de 1849, fevereiro, julho, e dezembro de 1850, janeiro, março, abril, agosto, setembro e dezembro de 1851. Pede a V. S. assim lhe defira.—E. R. M.

Certifique. Quartel do corpo de policia 23 de novembro de 1854.—*Carneiro Monteiro*, tenente coronel commandante.

Cumprindo o despacho do Illm. Sr. tenente coronel commandante firmado no requerimento supra: Certifico que revendo no archivo do corpo os cadernos de pagamento de prets dos annos de 1849 á 1853, delles consta ter o ex-major Jose Rebello Padilha recebido durante esse tempo 15 prets das 4 companhias na importancia de 12:752$810 rs., e de descontos feitos mensalmente nos prets a importancia de 9:694$350 rs., sendo a notar que no mez de setembro de 1849 montou a 206$880 rs., no mez de outubro do mesmo anno a 323$480 rs., no mez de fevereiro de 1850 a 341$600 rs., no mez de julho do mesmo anno a 435$840 rs., no mez de dezembro desse mesmo anno a 253$640 rs., e no anno de 1851 no mez de janeiro a 739$080 rs., no mez de março a 342$240 rs., no mez de abril a 204$970 rs., no mez de agosto a 358$860 rs., no mez de setembro a 200$900, e no mez de dezembro a 947$320 rs. : o que tudo affirmo em fé de meu cargo. E para constar passei a presente que vai por mim assignada.

Secretaria do corpo de policia 23 de novembro de 1854.—*Epifanio Borges de Menezes Doria*, tenente secretario.

O digno deputado Sr. Dr. Brandao'

« A verdade he sempre eloquente e se-
« ductora, e ella nunca perde seus
« direitos; não está nas faculdades do
« homem despoja-la da sua natureza.»
(*Mirabeau.*)

Uma força como que magnetica nos compellio a lançar mão da penna, depois que acabamos de ler os magnificos discursos proferidos na camara dos deputados pelo patriota e digno Sr. Dr. Francisco Carlos Brandão, em sessão de 28 de agosto proximo passado, por occasião dos debates havidos na dita camara em relação ao projecto relativo aos militares denominado por dirrisão—não ha de casar—: projecto contra o qual a opinião publica se ha em todo Brasil pronunciado de um modo tão imponente, que se pode considerar morto para nunca mais surgir : projecto, que offendeu a susceptibilidade de toda a valente, fiel, e dedicada classe militar ; por querer arreigar n'ella costumes contrarios as leis da natureza.

A verdade, pois, a santa verdade me encorajou a lançar neste pobre artigo o que acabamos de escrever, o que escreveremos em seguida a nós mesquinho e obscuro cidadão na sociedade brasileira; a nós, que não somos movidos de podre adulação, a nós, que fracas relações temos com o digno deputado a quem hoje rendemos justo tributo d'admiração ; a nós, que nenhum interesse além do dave rdade—nos impellio nesta voluntaria tarefa, por isso que não temos mesmo alliança ou afinidade alguma na heroica classe militar; a nós, emfim, estranhos a politica, aos interesses que ora, e em futuro proximo, ou remoto se hajam de debater no paiz, porque não temos aspirações pessoaes além daquellas que como cidadão obscuro nos competem, ou nos reflectem, e refletirão futuramente.

E, defeito, quem ha ahi dominado do santo amor da verdade—que se não haja enthusiasmado a observar a maneira digna com que se ha comportado no parlamento brasileiro, o digno deputado de quem nos occupamos desde que occupou tão dignamente uma das cadeiras dá camara quatriennal, e na da assembléa provincial?

Facamos uma breve synopse das importantissimas materias de que elle se há preoccupado, a que ha votado todos os seus esforços, eloquencia e talento transcendente, a guerra arteira e tenebrosa de tudo e de todos a quem as medidas por elle reclamadas offendem, emfim todos os ciumes dos que parlamentares que são, por falta de devoção civica, de carencia de vero patriotismo, e quiça, de carencia de coragem jámais hão querido alçar sua voz, esforçarem-se para se conseguir em prol do paiz toda essa serie de medidas tão tenaz e eloquentemente reclamadas pelo Sr. deputado Dr. Brandão.

Quem reclamou medidas efficazes em favor dos artistas Brasileiros, para que a mão d'obra nacional fosse protegida indirectamente pelo augmento de direitos da mão de obra que o estrangeiro nos importa, em detrimento d'essa nossa importante classe d'artistas?

Quem reclamou com mais afan em duas sessões do parlamento, e mesmo em nossa assembléa provincial em favor da agricultura brasileira, para que alem de se estabelecerem escolas theoricas e praticas em todas as provincias, as machinas e instrumentos agrarios sejam livres de direitos, e importados por conta do governo todos esses instrumentos mais modernos para serem distribuidos por nossos agricultores, e para que se acabem d'uma vez os direitos de exportação, aliviados os nossos productos d'esse pesado onus?

Qual aquelle que mais se ha empenhado na hygiene publica, no bem estar dos Brasileiros, e maxime d'esta provincia que se orgulha de o ter por filho bem querido?

Qual, emfim, aquelle que mais se dedicou á obter á conseguir para a importantissima classe militar todos os beneficios de que ella muito carece, porque se ha classe em prol da qual haja havido completo olvido, terrivel ingratidão e menosprezo, he essa que nos ha garantido a—liberdade—as instituições—a integridade do imperio e a monarchia ?

Pois bem: a verdade, a justiça nos deu coragem para levarmos ao conhecimento publico estes serviços importantes ao paiz: e—querer—por sem duvida he poder, e eis-nos na arena da imprensa a imprimir na memoria, nos sentimentos dos bons e gratos cidadães pernambucanos, de todos os Brasileiros esses altos serviços patrioticos ; e o quão digno da gratidão nacional se ha tornado esse independente e corajoso deputado pela abnegação de todas as conveniencias egoisticas, de todos os gozos do favor ministerial; que sacrificara a sua devoção civica e patriotica.

Ainda não fica aqui (e esse he o importantissimo objecto que nos levou á elaborar este artigo) a dedicação generosa, divina, religiosa a um ponto elevado, foi o debate em que na camara dos deputados se empenhou, como dissemos no exordio, a respeito da classe militar—: d'essa classe—que não dá votos—que infelizmente em nosso paiz não goza aquella consideração que em todos os paizes cultos e constitucionaes goza; classe que existe fatalmente em olvido—classe em prol da qual poucas, mas eloquentes vozes se alçaram na camara dos deputados, na qual muito se distinguio ; e por cujo motivo—e por outros serviços que a ella prestou, angariara demonstrações, ovações as mais lisongeiras, que não descreveremos ora, para não offendermos a reconhecida modestia desse digno parlamentar, desse patriota pernambucano, cujo nome se ha tornado um dos mais populares do paiz ! Sim ; nos o dizemos com orgulho ; o nome do patriota Dr. Francisco Carlos Brandão ressôa com uma aura immensa em todo o litoral, em todo o centro do Brasil, em todas as suas classes e immensamente em toda a grata—patriotica, independente, e digna classe militar !

Declinamos de fazer um apanhamento desses dous magnificos discursos, porque, nossa penna destruiria o effeito que no paiz, que na classe militar e de toda a população á ella ligada por laços mais ou menos intimos, elles produzirão ; e cumpre-nos reclamar de nossos concidadãos toda a devida attenção a esses discursos, insertos no *Diario de Pernambuco* de 11 de outubro n. 233, e delles se reconhecera o quão fortes foram os argumentos de que se servira no debellamento dos argucios, sophisticos e arteiros fundamentos em que se apoiára o autor e sustentadores desse atroz projecto : o quão bem estudara a questão, e quanto de sentimentalismo nelles existe, além das razões logicas cerradas, contra as quaes não era possivel argumentação alguma com a menor plausibilidade de successo.

Honra, pois, ao digno deputado, Sr. Dr. Brandão ; prosiga elle na senda trilhada, e a posteridade será sua !

Veritas.

O consul portuguez, e as contas de sûa administraçao' !

Por mais esforços que se empregaram, por mais obstaculos que se pozeram para que não fosse vista a conta dada pelo consul Joaquim Baptista Moreira, da administração dos bens do finado Rodrigues Costa, chegando taes esforços ao ponto de negar o juizo vista aos procuradores dos herdeiros do referido Costa, mesmo quando ja habilitados, para dizerem o que lhes fosse a bem, quiz a Providencia que uma fiel copia da tão mysteriosa conta chegasse ao nosso dominio ! !

Tinham sobejos motivos todos quantos se empenhavam em ver se podiam occultar um documento, que sobre maneira prova a necessidade, em que está o governo portuguez, por sua dignidade de apartar da gerencia do consulado o actual consul Joaquim Baptista Moreira, e seu chanceller Miguel José Alves.

Na quasi impossibilidade de no curto espaço desta publicação evidenciar os erros encontrados, a má applicação dada aos dinheiros alheios, em prejuizo dos herdeiros, e em offensa ás leis, concebemos o proposito de faze-la publicar pela imprensa, com as devidas observações, afim de que conheça o mundo inteiro os sobejos motivos que assistem aos Portuguezes quando contra funccionarios taes erguem suas vozes ! !

Ninguem acreditará, a não ver, que o consul pela arrecadação, administração e liquidação da herança Costa deduzisse para si, a titulo de sua porcentagem, a quantia de 6:169$403 (! ! !) tendo apenas entregue aos procuradores dos herdeiros em sedulas 50:000$, e tendo ainda para entregar aos mesmos, segundo a sua conta a quantia de 48:758$ e 28 réis a saber, 26:730$353 em lettras que não cobrou, em predios 21:500$, em obras de ouro e prata 139$860, e em dinheiro 387$813 ! !

Do pouco que fica dito se conclue, que o consul do total da herança, que diz ser 123:380$072, deduzio 5 % ! E podia elle fazer a deducção de sua porcentagem de tudo quanto arrecadou inclusivamente das lettras que não cobrou, e mesmo são incobraveis, dos predios que existem, do dinheiro que o fallecido tinha em deposito, e das dividas passivas ?

Ninguem responderá affirmativamente á esta pergunta, em face da tabella annexa ao regulamento consular de 26 de novembro de 1851, a que se abriga o mesmo consul, visto que nessa tabella se lê o seguinte. *Emolumentos ad valorem.— « Arrecadação, e administração dos bens dos Portuguezes fallecidos ab intestato, sobre o valor ao tempo da entrega —dous e meio por cento. »*

O consul, que subscreveu esta conta confeccionada pelo seu chanceller, ou a assignou de cruz ou incorreu na nota de fatuo, suppondo que os demais, e principalmente os interessados fossem cegos ! Sirvam estas poucas reflexões a despertar aos Portuguezes e a lembrar-lhes a necessidade de se não deixarem morrer sem testamento ; sirvam a justificar aos queixosos do consul, e finalmente sirvam ao governo portuguez de estimulo a fazer a justiça, que deve aos subditos, e ouvindo seus clamores, mandar quem tenha melhores habilitações para ser consul em Pernambuco.

Y.

VARIEDADES.

CARTA DO VISCONDE DE KIKIRIKI, A SUA ESPOSA, A VICONDESSA DO MESMO TITULO.

I
Chegou Maria Christina,
Duqueza de Rianzares,
Sacrificada aos azares
Da fortuna, ou boa ou má ;
São voltas que o mundo dá !

II
Quando foi trumpho, inda ha pouco
Seringou Dom Baldomero.
Hoje o fado assaz severo
Estas contas ajustou,
Baldomero a seringou.

III
Ninguem me diga, senhora,
Desta agua não beberei.
O fidalgo, o papa, o rei
Servem hoje de alcatrazes
Neste seculo das luzes.

IV
Madre del Pueblo era
E senhora varonil.
Dizem ter defeitos mil ;
E tambem muito dinheiro
No seu real mealheiro.

V
Eu quando vejo os ditosos
Que tem a testa coroada
Levarem palmatoada ;
Quando os vejo naufragar,
Eu não deixo de gostar.

VI
Não lhes quero mal, senhora,
Mesmo aos maos que tenho visto.
Mas gosto que provem disto,
Que tenham dias tambem
De dor, como o povo tem.

VII
Se a pobre arraia miuda
Só chorasse, e mais ninguem,
Quem poderia, meu bem,
Aturar estes senhores,
Do mundo dominadores !

VIII
He bom, portanto, que provem,
Tambem da desgraça o fel.
Sempre doce ! sempre mel !
Sempre ventura e prazer !
Priminha, não póde ser.

IX
Deos permitta lhe aproveite
Esta mui grande lição.
Mas he minha opinião
Que a mulher he mui capaz,
E que não se fica atraz.

X
Felizmente ella escapou
Ao furor das barricadas,
Venceu todas as ciladas,
Não teve perigo nenhum.
Salvou o numero um.

XI
Foram-se, prima, os anneis,
Porém ficaram os dedos.
Deixemos estes enredos,
Esta raiva das facções.
Passemos aos maranhões.

XII
Vou contar-lhe, prima eximia,
Uma noite que passei.
Por acaso hontem me achei
N'um soirée de Bemfica,
Em casa da prima Annica.

XIII
Rico em lettras, pobre em doces,
Foi todo no estylo vario.
Nem o Gremio Litterario,
Nem a lusa academia
Serão de maior valia.

XIV
A prima Annica he senhora
D'um talento collossal,
Sabe historia natural,
Não fica atraz do Linneu,
Segundo o juizo meu.

XV
A viscondessa bem sabe
Que estudei a Natureza,
E que com toda a certeza
Mesmo com certeza séria,
Tenho voto na materia.

XVI
Nas artes a prima Annica
Póde ser cosmopolita.
Dança, canta, toca, apita,
He mestra no berimbáo,
Monta bem e joga o pao.

XVII
Risca mappas com mais gosto
Do que o bom Moraes Soares.
Firmada nos calcanhares
Defende a cada momento
As vantagens do fomento.

XVIII
Os convivas todos eram
Artistas e litteratos ;
Uns fabricavam sapatos,
Outros chinós, cabelleiras,
Outros funis, cafeteiras.

XIX
Nos litteratos se viam
Poetas e prosadores,
Quatro ou cinco redactores,
Cinco ou seis folhetinistas,
Dez ou doze romancistas.

XX
Tres pais da patria lanzudos,
Eram da sucia, e mostravam
Que de Lisboa gostavam,
E das bellezas que tem ;
Já tinham visto Belém.

XXI
E os arcos das Aguas-livres,
E a quinta das larangeiras,
A mãi d'agua ás amoreiras,
E diziam maravilhas
Dos burrinhos de Cacilhas.

XXII
A prima Annica tomou
Da presidencia a cadeira,
E por ser a vez primeira
Que tomou este lugar,
Ella o fez sem gaguejar.

XXIII
Com *totis viribus* póde
Emancipar as mulheres ;
Um socio, que faz colheres,
Tal apoiado lhe deu,
Que toda a sala tremeu.

XXIV
Proscreveu a saia, e disse,
Que era um traste efeminado,
Que desde Adão tem causado
Desgraças que não tem conta,
Pois fazem a gente tonta.

XXV
Citou a guerra de Troya,
E a saia de D. Helena ;
E quando pintou a scena
Do cavallo de madeira,
Deu-me um pulo a cabelleira.

XXVI
Nisto pedio a palavra
Um socio que faz funis ;
Percorreu todo o paiz,
Fallou da barra do Douro,
Das miserias do thesouro.

XXVII
Pega de um lapis, e dá-nos
No papel pontes, canaes,
Arranja estradas, reaes ;
N'um quarto d'hora com giz
Torna Portugal feliz.

XXVIII
Seguio-se a fallar depois
O redactor de um jornal :
Era solemne animal !
Um leopardo, um leão,
Um jornalista sansão.

XXIX
As lavaredas da patria
O craneo lhe incendiavam !
Os cabellos fumegavam !
E como quem come um figo,
Engole o tio Rodrigo !

XXX
Derribou o Ministerio
N'um abrir e fechar d'olhos ;
Tirou do bolso dous molhos
De trinta artigos de fundo,
A favor do novo mundo !

XXXI
Mulher eximia, acredite,
Que fiquei atomatado ;
Se acaso tenho chuchado
Tres noites neste sentido,
Fico ás ordens do Polido.

XXXII
Pedi venia, e me safei,
Cá fóra muito me ri ;
Ceei um frango, dormi.
E toda a noite, meu bem,
A sonhar, sabe com quem ?

(*Braz Tizana.*)

TOMAR BANHOS.

REVISTA DAS BARCAS.

Lisboa 21 de outubro.

Se a moda não fosse a mais despotica das deosas, mais caprichosa mesmo do que a musa pedante de algum poeta *kikiriki*, juro sobre a mais santa das minhas crenças, que ninguem tomava banhos do mar!

Lord Byron cantou o enjoo das viagens maritimas o incommodo mais tolamente afflictivo que se conhece até hoje ; pois aposto que o *poeta da desventura*, se vivesse neste seculo, e neste paiz, não era humanamente capaz de obrigar a sua ardente musa a cantar em algumas estrophes os banhos da barca ! Mas a moda...

Não seria por certo no seculo das Montespan, e das Maintenon, que as rainhas da elegancia levassem o desvario ate envergar a classica *camisolla* de baeta, especie de alva já suja, com que as martyres do mão tom se immolam voluntariamente ao sacrificio das ondas, que he o patibolo da moda !

Se por desastroso azar a Marion Delorme houvesse tido a lembrança de tão célebre distracção, esse entretenimento ter-lhe-hia custado o eterno castigo de não ser cantada por Victor Hugo, nem romantisada por Méry ! Creio até que o velhaco cardeal não tinha sentido por ella a mais ligeira aspiração de amor, e que Cinq Mars se deixaria enforcar deslembrado, e não saudoso de sua preciosa amante ! o esquisito Didier, da tragedia, que he uma especie de legitima consequencia ao Anthony, e seus filhos e netos, esse então acompanha-la-hia no bote, mas pregava-lhe um sermão e depois de ter escrupulosamente attendido a todos os preceitos da oratoria, torcia-lhe o pescoço, e atirava-a para a região das sardinhas e dos cachuchos a gozar de um banho infinito !

He que este seculo he outro ! o que outr'ora matava de ridiculo, hoje ennobrece e popularisa ! todas as virtudes, e todas as qualidades adquiridas, as mais nobres acções, ou as mais elevadas faculdades, não valem para o juizo da sociedade, o mais pequeno e ligeiro ridiculo !

Assim como a virtude se enriquece de sacrificios, e a religião de humilhações e ultrajes, o ridiculo alegra todos, e torna felizes os que o possuem ! perante as leis e calculo da boa philosophia, o ridiculo he o mais solido dos laços que unem os homens ; he a unica reciprocidade constante, inalteravel, independente dos caprichos do coração ou das fraquezas do espirito !

Se esse dom precioso se encontra, por direito de herança, ou dadiva de natureza, n'uma viuva ainda moça e rica, oh! triumpho ! maneiras affectadas, exoticas, vestuario exagerado, linguagem pretenciosa e burlesca ! he uma victoria certa que a curiosidade lhe tributa.

Se he n'um baile, a primeira bas-bleu de penteado á Diana antiga, vestido á Maintenon, com as largas mangas da idade média, leque pretenciosamente agitado, e aquelle fallar estudado, decorado, repetido levará vantagem á donzela modesta e simples, de louros cabellos singelamente atados, vestido branco, cintura tenue e attitude graciosa e espontanea ! os heróes de salão talvez passem sem a ver, maravilhados da panthera que reunio no seu vestuario todos os generos, épocas e cores ! e a innocente verá decorrer o baile, passarem as horas, succederem-se as walsas, e ninguem irá anhelante de desejo e vaidade, repetir-lhe aquella phrase proverbial de um baile : « Digna-se V. Exc. conceder-me esta contradansa? E no fim da noite, ao entrar na sua carruagem, ella ira' já desgostosa do mundo, e desencantada das illusões da vida !

Não sou dos difficeis de contentar, estou ja' habituado a mil ridiculos e mil caricaturas ! ja' não me rio das fatuidades conjugaes, nem da misantropia dos autores que passam de moda, nem dos almoços que seguem os duellos, nem dos homens feitos que aprendem a dansar, nem de um baptisado, de um litterato que defende a sua obra, ou de uma senhora feia que desmaia ; todavia a que eu não posso ainda resistir sem romper na mais estridente gargalhada, he a figura burlesca, exotica e indefinivel, de uma mulher gorda de camisolla !

Oh ! Chlotho, serias uma deosa de formosura e encanto a par de uma rochonchuda matrona de coifa na cabeça, calças de baetilha e gibão, opa ou mortalha...

Oh ! Tsiphone, deixar-te-hia a perder de vista em irrisoria fealdade qualquer illegitima descendente de Eva, que só possa ser sua parenta por portas travessas, e que tendo ja' mais de cincoenta annos, e menos de vinte e oito dentes, soffrendo de nervoso, que he a molestia das tolas e das feias, se atreve ainda a apresentar em exposição...quasi universal, uma figura de esqueleto, e uma cara de furão, que excede os limites do horrivel quando sobe a escada a tremer com frio !

Eu comprehendo os banhos do mar, más no largo, na amplidão do espaço, no isolamento poetico de mar e céo ! gosto então de ver os longos cabellos de uma dama boiando a' flor d'agua, nos imprevistos caprichos e graciosas ondulações das vagas ! admiro, sem desejar imitar, essas constituições vigorosas cujo maior prazer he lutar com as ondas, e atravessar certa distancia a nado, nos incriveis sobresaltos que lhes desperta o mais valente dos bravi, o mar !

Mas na barca ! misericordia ! fazer penitencia de duas horas antes de entrar no banho, no cruel entretenimento de ouvir os patrões da lancha perguntarem de espaço a espaço « quem tem *tt* ? quem tem um *c* ? quem tem *p* ? e as sacramentaes lettras do alphabeto repetidas n'um sobrenatural tom de insipidissima interrogação !

E entre tanto, a verdade tem sempre lugar, e muito mais quando se trata de banhos, porque até dizem que anda sempre ao de cima d'agua, he forçoso confessar que as barcas do *Caes do Sodré* levam vantagem as do *Terreiro do Paço* no que diz respeito á belleza das concorrentes; apparecem alli menos velhas, e muito menos feias, o que concorre para a agua não ser tão fria !

Eu até creio que muita gente toma os banhos da barra como engraçado pretexto para passeiar, e se hão de ir para Cintra que já esta sufficientemente vista, digam os poetas o que disserem ; ou para *Caneças*, cuja estrada está intransitavel, graças á idéa pouco luminosa de attender á da *Luz* que estava quasi boa, para desprezar esta que está incapaz, e que he de muito maior transito, facto a que urgentemente se deve attender, e que he quando menos uma prova de má ordem, e de mal entendido deleixo para um sitio que he o principal caminho de quasi todas as lavadeiras de Lisboa, que teem ás vezes de voltar para casa por se atolarem os burros e se sujar a roupa, e a que he de esperar que a camara de Belem dê providencias transferindo o partido da *Luz* para a estrada de *Caneças* com a brevidade que o caso exige ; se hão de ir para o *Campo Grande* assistir á parodia das corridas ao uso inglez, e que não passam de uma *burricada* que só corresponderá ao Hipodromo de Paris visto em miniatura por um oculo embaceado ; se hão de ir para o Passeio publico, especie de picadeiro para creaturas chamadas racionaes, que andam leguas de cá para lá, contentes de si proprias, e na agradavel persuasão que se estão divertindo ; se hão de ir para o jardim da Estrella sonhar delicias e planear venturas, entre um cemiterio e um hospital ; ou para a feira.... da ladra, que he de tudo isto o melhor, e onde a gente se diverte mais, graças a tenção com que se vai para la de ninguem se divertir ; se hão de mesmo passear em casa que he na minha opinião, o mais agradavel dos passeios, devido talvez á commodidade do *sapato mouro*, e do *robe-dechambre*, mettem-se no bote e vão passear para a *barca* !

As senhoras, e principalmente as senhoras que namoram, isto he — todas, foram as primeiras motoras deste agradavel entretenimento ! fizeram a moda ; e se a moda entre os homens não passa de um capricho adorado, o ponto de partida para uma conquista, o caminho para um casamento : entre as damas, porem, he ella a sua idéa fixa, a que se limitam todas as suas aspirações, e que constitue o seu presente, e o seu futuro !

Mas entre nos não existe o typo da senhora da moda ! as *pantheras* não se acoitam neste paiz, que em compensação a essa falta possue mais ferozes, e temiveis animaes ! em toda a parte do mundo he condição essencial para se chegar á elevada cathegoria de senhora da moda, ter na sua carreira algumas anedoctas balzaciannas, ter causado a morte de um ou dous romanticos namorados, e não viver como o vulgar da humanidade. Mas, ai de mim, neste paiz virtuoso existe um terror panico ao escandalo, e ha concepções bastante elasticas para comprehenderem como elegante uma creatura que viaja no omnibus e toma banhos na barca !

Não ! em Portugal não existe o typo da mulher da moda. Vivem nesta santa cidade de Lisboa que segundo a expressão de Duarte Nunes de Leão — *he um reino per si só*, algumas damas elegantes, que se vestem soffrivelmente, que possuem um apreciavel caleche, e uma airosa americana, que riem sem rebuço aos *callembourgs* um pouco equivocos de mais de qualquer *vaudeville* do theatro francez e, que levam a instrucção a ponto de tagarelarem sobre diversas questões economicas, politicas, e litterarias, com grande offensa ao senso commum, e irreverente emulação aos que requerem o mais parco dos empregos — ser sabio !

Mas he preciso vê-las para a gente se lembrar dellas ! mas não se arruinam em agua de rosas ; mas não hesitam em sahir de casa antes da uma hora da tarde, mas não comprehendem o prazer das corridas, e choram nas toiradas durante o intervallo dos pretos !

Porque será pois que esta abençoada terra que em tempos remotos produzio muito boa casta de heroes, e guerreiros esforçados, e que hoje mesmo dá excellentes batatas, e saborosas melancias, não produzirá tambem a arvore apreciavel da mulher da moda ? !

Consolemo-nos entretanto com a agradavel certeza de que temos a primeira voz as barcas *Flor do Tejo, Diligencia, Tonneis, Flor de Lisboa* algumas outras, entre ellas a *Barca grande*, onde eu que tanto mal estou dizendo dos banhos das barcas ja tambem tenho tomado meus banhositos, facto de que terei eternos remorsos, e de que eu diria se não receiasse que me chamassem vaidoso, que « no melhor panno cahe a nodoa ! » E ou este anno cresceu o gosto pelos banhos da barca ou augmentou a população. Demonstra-se esta verdade tristemente historica pelo facto até certo ponto miraculoso de até agora se limitar a mania aquatica a tres barcas, e este anno se elevar o numero a seis ! Salve, seculo abençoado dos romances de palcoo, das pomadas brilhantes e dos banhos de barca !

Felizmente a epidemia vai cessar com o inverno, e he natural que com a mudança de estação que traz os bailes e os concertos, se limitem as aspirações dos namorados, que são os principaes amadores das barcas, aos *banhos* . . . . matrimoniaes ! — *Julio Cezar Machado.* (*Revolução de Setembro.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 25 DE NOVEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Assucar mascavado regular—1$450 por arroba.
Dito dito bom—1$550 por arroba.
Dito dito especial—1$650 por arroba.
Desconto de lettras de 30 dias — 8 % anno.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 24.	288:998$483
Idem do dia 25	22:886$128
	311:884$611

Descarregam hoje 27 de novembro.

Barca franceza—*Jeune Raymond*—pipas com vinho.
Barca ingleza—*Midas*—bacalhão.
Brigue inglez—*Lord Althorp* — mercadorias.
Brigue americano—*W. Price*—farinha de trigo.
Brigue portuguez—*Nova Amizade*—mercadorias.
Patacho francez—*Bon Pere*—idem.
Brigue inglez—*Cuatmala*—guano.
Brigue brasileiro—*Elvira*—fumo.
Brigue brasileiro—*Brilhante*—pipas vasias.
Patacho brasileiro—*Dous Amigos*—fumo e charutos.
Brigue brasileiro—*Nero*—fumo e barricas vasias.
Brigue brasileiro—*Rato*—farinha de trigo.
Galera ingleza—*Deer Slayer*—mercadorias.

Importaçao'.

Brigue nacional *Nero*, vindo do Rio de Janeiro, consignado a Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, manifestou o seguinte :

500 barricas em pé, 40 latas fumo ; a ordem.

1 caixão sellins; a M. M. Guedes.

228 barris polvora, 14 caixões differentes objectos para tropa, e 300 cortes de coronhas para dita ; ao arsenal de guerra.

Palhabote nacional *Dous Amigos*, vindo da Bahia, consignado a Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, manifestou o seguinte :

6 caixões e 1 barrica louça de barro, 1,779 caixinhas, 23 caixões e 3 pacotes charutos, 80 saccos café. 1 caixão chapéos de feltro, 1 dito tabaco em pó, 30 fardos fumo, 21 ditos tabaco, 900 quartinhas, 4 talhas de louça vidrada, 8 toros jacarandá, 1 caixão cortinas para uma cadeira de arruar, 1 sacco cola, 41 rolos folhas de zinco, 2 caixões platilhas de linho, 2 fardos pelucia de lãa, 2 caixas chitas, 252 saccas farinha de mandioca, 12 latas azeite de mamona, 100 taboasinhas de cedro ; a ordem.

2 barricas pimenta, 19 ditas gomma ; a Palmeira & Beltrão.

21 volumes fazendas ; a James Ryder & Companhia.

1 fardo espingardas ; a Brunn Praeger & Companhia.

5 meias pipas azeite de palma ; a Novaes & Companhia.

22 saccas café ; a José Mendes Ribeiro.

13 barricas e 27 saccas farinha ; a Manoel Ignacio de Oliveira.

2 caixões charutos ; a Rabe Schmettan & Companhia.

1 dito e 1 pacote ; a Antonio de Almeida Gomes & Companhia.

2 caixões charutos ; a Manoel do Amparo Cajú.

4 pacotes charutos ; a Salgado & Irmão.

4 ditos charutos ; a Miguel João Raio & Companhia.

Brigue nacional *Elvira*, vindo do Rio de Janeiro, consignado a Machado & Pinheiro, manifestou o seguinte :

20 caixas velas, 11 caixões chapéos, 150 volumes barricas vazias, 30 pipas vinagre, 372 saccas café, 4 barricas gomma, 1 sacco feijão, 90 rolos fumo, 2 volumes mercadorias, 1 caixa rapé, 2 volumes garrafas vazias ; a ordem.

2 caixões chá ; a Machado & Pinheiro.

1 dito chapéos ; a Baltar & Oliveira.

6 caixas papel ; a L. Leconte Feron & Companhia.

Barca ingleza *Midas*, vinda de Terra Nova, consignada a Mc. Calmont & Companhia, manifestou o seguinte :

2,820 barricas bacalhao ; aos mesmos consignatarios.

Brigue nacional *Brilhante*, vindo do Rio de Janeiro, consignado a Novaes & Companhia, manifestou o seguinte :

50 pipas vazias, 801 saccas cafe, 200 rolos fumo, 1 caixão chá ; a ordem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 24.	22:260$423
Idem do dia 25	628$797
	22:889$220

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 24	2:468$115
Idem do dia 25	249$433
	2:717$548

Exportaçao'.

Bahia, hiate brasileiro *Novo Olinda*, de 85 toneladas, conduzio o seguinte :—350 caixas, 150 meias ditas e 100 quartos passas, 8 barricas milho alpista, 24 barris azeite doce, 250 barricas bacalhao, 300 barris e 200 meios ditos manteiga, 20 gigos champagne, 10 caixas vinho, 1 dita colchetes, 12 barris oleo de linhaça, 1 caixa escovas, 2 ditas fazendas, 2 queijos francezes.

Brigue hamburguez *George Andréas*, de 242 toneladas, conduzio o seguinte : — 9,452 couros com 278,537 libras, 500 saccos com 2,500 arrobas de assucar.

Rio Grande do Sul pelo Rio de Janeiro, barca nacional *Ipojuca*, de 275 toneladas, conduzio o seguinte :—800 alqueires sal do Porto, 1,145 barricas e 900 saccos com 12,401 arrobas e 30 libras de assucar.

Idem, brigue nacional *Fluminense*, de 268 toneladas, conduzio o seguinte :—80 pipas cachaça, 1,070 barricas e 650 saccos com 11,038 arrobas e 41 libras de assucar, 1,000 meios de sola.

Perahiba, hiate nacional *Camões*, de 31 toneladas, conduzio o seguinte :—208 volumes generos estrangeiros, 111 ditos ditos nacionaes.

Aracaty, hiate nacional *Incencivel*, de 37 toneladas, conduzio o seguinte : — 1,306 volumes generos estrangeiros, 436 ditos ditos nacionaes.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 24	20:306$777
Idem do dia 25.	1:263$091
	21:569$868

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 23.	28:158$822
Idem do dia 25	959$690
	29:118$512

PRAÇA DO RECIFE 25 DE NOVEMBRO, AS 3 HORAS DA TARDE.

Revista semanal.

Cambios - - - - O vapor inglez foi portador de saques negociados esta semana a 28 e 27 3/4 d. por 1$, fexando-se hoje a este preço frouxo.

Algodão - - - - Entraram 908 saccas e vendeu-se de 5$400 a 5$800 por arroba, e senão vierem melhores noticias tem tendencia para baixar.

Assucar - - - - A entrada vai augmentando, mas só tem havido algumas vendas para Portugal e Valparaizo, estando as outras praças fóra do mercado por considerarem altos os preços que esperam baixe logo que cessarem aquellas compras; vendeu-se o mascavado de 1$450 a 1$740, e o branco de 2$600 a 3$200 por arroba.

Couros - - - - Venderam-se de 150 a 157 ½ rs. por libra dos seccos salgados.

Bacalhão - - - - Tivemos um carregamento de 2820 barricas chegadas de San João, que foram vendidas acerca de 14$ ficando em deposito 3,500 barricas.

Carne-secca - - Vendeu-se de 5$ a 5$400 por arroba, e ha em ser 3.500 arrobas.

Farinha de trigo - O mercado foi suprido com tres carregamentos, sendo 1,000 de Richmond pelo Rio de Janeiro, e 4,600 de Philadelphia em dous navios ; e como não estejam descarregados não teve preço. Retalhou-se a 30$ a de SSSF, e de 25$500 a 26$ a de Baltimore. Existem em ser inclusive os ditos carregamentos 6,100 barricas.

Desconto - - - - O banco baixou seus discontos a 9 e 6 por cento ao anno, o que he assaz lisongeiro para o commercio, e nós lhe tributamos nossos agradecimentos, esperando que elle alargue suas operações para se tornar esta medida mais favoravel. Póde-se cotar os discontos de 6 a 10 por cento ao anno.

Fretes - - - - - Tivemos uma alta nesta semana, chegando a 72—6—para o Canal ; como porem o assucar se conserva em preços altos, e tem chegado alguns navios declinou, não havendo offerta de mais de 65 —pelo assucar, e 9 — 16 d. pelo algodão, os quaes parecem firmes.

Ficaram no porto 76 embarcações : sendo, 4 americanas, 31 brasileiras, 1 dinamarqueza, 5 francezas, 4 hamburguezas, 4 hespanholas, 17 inglezas, 8 portuguezas, 1 prussiana e 1 sarda.

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 25.

Parahiba—2 dias, hiate brasileiro *Tres Irmãos*, de 31 toneladas, mestre José Duarte de Souza, equipagem 4, carga tóros de mangue ; a Joaquim Duarte de Azevedo.

Rio de Janeiro—20 dias, brigue hamburguez *Rio Packet*, de 250 toneladas, capitão B. D. Koper, equipagem 11, em lastro ; a Astley & Companhia.

Idem—19 dias, brigue portuguez *Oceano*, de 179 toneladas, capitão Francisco Jeronymo de Mendonça, equipagem 13, em lastro ; a Thomaz de Aquino Fonseca & Filhos.

Assu'—18 dias, brigue brasileiro *Novo Minerva*, de 204 toneladas, capitão João José da Silva Flores, equipagem 13, carga sal e palha ; a Amorim Irmãos. Veio largar o pratico e seguio para o Rio Grande do Sul.

Cette—44 dias, brigue francez *Couraguese Eugenie*, de 163 toneladas, capitão Deonie, carga vinho e mais generos ; a Lasserre & Companhia. Ficou de quarentena por 5 dias.

Navios sahidos no mesmo dia.

Rio Grande do Sul pelo Rio de Janeiro—Barca brasileira *Ipojuca*, capitão Manoel Luiz dos Santos, equipagem 17, carga assucar e sal. Passageiros, José Antonio da Cunha, menor, em sua companhia a escrava Delphina, João Labussiere.

Haiti pelo Maranhão e Pará—Barca franceza *Louise Marie*, capitão Tallibart, carga fazendas e mais generos. Passageiros, Joaquim da Costa Barreto Junior e 1 escrava, Altino Lellis de Moraes Rego Junior, M. A. Baudoux.

Ceará—Hiate brasileiro *Duvidoso*, mestre João Henriques de Almeida, carga varios generos. Passageiros, Francisco Ricardo Bravos Sussurana, José Alexandre de Amorim Garcia.

Parahiba—Hiate brasileiro *Camões*, mestre Severiano da Costa e Silva, carga varios generos. Passageiro, João José de Almeida.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta de fazenda, manda fazer publico, que a arrematação da obra dos reparos de 550 braças quadradas de empedramento na estrada de Páo d'Alho, foi transferida para o dia 30 do corrente.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 23 de novembro de 1854.—O director,

Antonio Ferreira da Annunciação.

O Dr. Francisco de Assis Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara e commercio desta cidade do Recife, por S. M. I. e C., etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que no dia 13 de dezembro proximo futuro, se ha de arrematar a quem mais der, na porta da casa da minha residencia, na rua estreita do Rosario n. 31, pelas quatro horas da tarde do dito dia, a renda annual do sobrado da rua do Livramento n. 32, avaliada em 400$000 rs. por anno, por tanto tempo quanto chegue para pagamento da execução de Joaquim Mauricio Gonçalves da Rosa, por si e como cessionario de Candido Alberto Sodré da Motta, contra Francisco do Prado & C.

E para que chegue a noticia de todos, mandei passar editaes que serão publicados pelo jornal e affixados na praça do commercio e sala das audiencias.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 22 de novembro de 1854.

Eu Manoel José da Motta, escrivão o subscrevi.—*Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

— Por esta subdelegacia foi apprehendida a um crioulo moço, que disse morar na freguezia do Recife e chamar-se José Francisco Antonio, (este nome parece falso, e o crioulo ser escravo), uma bonita e mansa cabra (bicho) com uma filha, a qual tinha o mesmo crioulo negociado com Francisco Antonio de Mello, morador na rua Imperial, pela pequena quantia de 3$000, a quem ha pouco vendera outra. Supponda-se ser a cabra furtada, se faz o presente, afim de que quem se julgar com direito a ella, a procure. Subdelegacia de S. José do Recife 22 de novembro de 1854.—O subdelegado,

Manoel Ferreira Accioli.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia tem de comprar os objectos seguintes:

Para a capella da fortaleza do Brum.

Ornamento branco completo, constante de casula, estola, manipulo, bolsa e véo 1, panno roxo para cobrir a imagem do Senhor 1, encadernação de um missal e reforma do galão das bolsas, encarnada e roxa, alvas 2, amitos 2, cordões 2, corporaes 2, toalhas para altar 2, ditas de mão para o lavatorio 2, panno de pala 2, purificadores 2, sanguinhos 4, tapete para supedaneo de altar 1, panno de lustrim roxo, covados 3 1/2, aspertorio para a pia d'agua benta 1.

Quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em carta fechada na secretaria do conselho as 10 horas do dia 29 do corrente mez. Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 22 de novembro de 1854.—*José de Brito Inglez*, coronel presidente. — *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial manda fazer publico para conhecimento dos contribuintes abaixo declarados, do imposto da decima urbana da freguezia da Boa-Vista pertencente aos exercicios de 1833 a 1852, que tendo-se concluido a liquidação da divida activa deste imposto devem comparecer na mencionada thesouraria dentro de 30 dias, contados do dia da publicação do presente edital, para se lhes dar a nota do seu debito, afim de que paguem na mesa do consulado provincial, ficando na intelligencia de que findo o dito prazo serão executados.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 21 de novembro de 1854. O secretario.

Antonio Ferreira d'Annunciação.

Antonia Francisca d'Albuquerque Monteiro	18$144
Antonia Isabel	2$781
Antonia Maria da Soledade . . .	17$160
Antonia Francisca Cadaval . . .	72$306
Antonia Joaquina	13$905
Antonia Lima Peixoto	20$160
Herdeiros de Adrianna Maria da Conceição	33$372
Angelica Francisca de Azevedo .	16$122
Alexandrina Candida Ribeiro de Mello	33$372
Annunciada Camilla Alves da Silva	40$320
Herdeiros de Bazilio Rodrigues Seixas	75$222
Bazilio Alves de Miranda Varejão .	25$029
Bernardo Lasserre	12$096
Bernardo Tolentino Manso da Costa Reis	4$449
Filhos de Bento de Barros . . .	3$337
Herdeiros de Boaventura Gonçalves.	11$587
Bento dos Santos Ramos	13$905
Bernardo José da Hora	20$022
Bento José da Silva Guimarães . .	10$080
Herdeiros de Bento José Alves . .	40$320
Bento Francisco Bezerra e outros .	20$160
Herdeiros de Balbina Francisca da Conceição	73$418
Bernarda Francisca das Chagas . .	12$096
Bernarda Maria do Prazeres . . .	6$048
Camara municipal d'Olinda . . .	20$160
Conrado Antonio do Espirito Santo	41$115
Capella de N. S. da Conceição da Ponte	13$547
Capella de N. S. da Conceição de Beberibe	16$686
Caetano da Rocha Pereira e outros	6$048
Caetano de Oliveira e Mello . . .	5$562
Casa da oração dos Inglezes . . .	724$950
Herdeiros de Costodio Moreira . .	7$230
Viuva e herdeiros de Caetano da Silva Azevedo	13$719
Candido de Albuquerque Maranhão	6$674
Dr. Candido José Cardozo Lima .	5$040
Christovam dos Santos Cavalcanti. .	1$547
Carlos José Teixeira de Azevedo .	3$870
Dr. Clemente José Ferreira da Costa	15$120
Cosme Damião	4$480
Clorindo Ferreira Catão	6$048
Claudina Jacintha das Neves . . .	13$905
Catharina Apolinaria de Menezes Maier	9$072
Catharina Maria de Menezes Maier e outra	35$280

(*Continuar-se-ha.*)

AVISOS MARITIMOS.

— Para o Rio de Janeiro seguirá breve o patacho nacional «Amizade Constante» por ter a maior parte da carga prompta ; para o resto da mesma e escravos a frete, para o que tem bons commodos, trate-se na rua da Cruz do Recife n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Pretende sahir com brevidade a escuna nacional «Tamega», por ter parte do seu carregamento : para o resto da carga e escravos a frete, trata-se com Novaes & C., na rua do Trapiche n. 54.

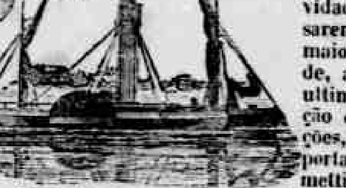
— Para a Bahia pretende sahir até o dia 30 do corrente o bem conhecido e veleiro hiate « Dous Amigos » por ter a maior parte de seu carregamento prompto ; para o resto da carga ou passageiros, trata-se com o consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, na travessa da Madre de Deos n. 3 e 5, ou com o capitão a bordo.

— Para o Porto pretende sahir com brevidade por ter a maior parte da carga prompta, a galera portugueza «Bracharense» de primeira marcha : quem na mesma quizer carregar ou ir de passagem, para o que offerece excellentes commodos, dirija-se aos consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario, primeiro andar, ou ao capitão, na praça do commercio.

PARA O MARANHA'O.

Pretende sahir por estes dias, o brigue nacional «Brilhante», por ter a maior parte de seu carregamento prompto : para o resto da carga e passageiros, tratase com Novaes & C., na rua do Trapiche n. 54.

Companhia de navegação a vapor Luso-Brasileira.



Os Srs accionistas desta companhia são convidados a realisarem com a maior brevidade, a quinta e ultima prestação de suas acções, para a importancia ser remettida a direcção : dirigindo-se a rua do Trapiche n. 26, casa de Manoel Duarte Rodrigues.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Segue viagem até 30 do corrente mez, a veleira escuna nacional «Linda», capitão José Ignacio Pimenta : para o resto da carga, escravos a frete e passageiros, trata-se com o consignatario Eduardo Ferreira Baltar, na rua do Vigario n. 5.

PARA O ARACATY.

Segue nestes dias o hiate *Capibaribe* : para o resto da carga trata-se na rua do Vigario n. 5.

Para o Rio de Janeiro

vai sahir com muita brevidade a barca nacional *Mathilde* por ter parte da carga prompta : quem na mesma quizer carregar o resto, ir de passagem, ou embarcar escravos a frete, para o que tem excellentes commodos, falle com o capitão Jeronymo José Telles, ou no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Vende-se a barca americana *Tremont*, de lote 199 toneladas, forrada e cavilhada de cobre ; a tratar com os consignatarios Henry Forster & Companhia.

LEILO'ES.

— O Dr. Thomassin, estando proximo a retirar-se para a Europa, fará leilão da sua mobilia por intervenção do agente Oliveira, consistindo em sofá, cadeiras, bancas de jogo, ditas redondas, mesa de jantar, ditas de gavetas, lavatorio com pedra e espelho, leito francez, commoda, lanternas, garrafas e copos, apparelho para chá, dito para jantar, trem de cozinha etc. etc. : segunda-feira, 27 do corrente, as 10 horas da manhãa, na casa de sua residencia n. 7, primeiro andar, rua de S. Francisco, defronte da ordem terceira.

—O agente Victor, fará leilão em seu armazem rua da Cruz n. 25, de esplendido sortimento de obras de marcineria novas e usadas, de differentes qualidades, lanternas com pés de vidro e casquinho, candieiros para meio de sala, um sellim inglez, relogios para algibeira de metal galvanisado, e outros muitos artigos que seria enfadonho menciona-los, etc. : ao meio dia em ponto vender-se-ha uma excellente escrava muito moça, de nação, com algumas habilidades. Terça-feira 28 do corrente, as 10 ½ horas da manhãa.

— Victor Lasne fará leilão por intervenção do agente Oliveira, de um bello sortimento de fazendas muito vendaveis, consistindo em cortes de vestidos de cambraia de seda, sedas lavradas, casemiras pretas e de cores, pannos de cores, meias de seda para senhora, meias cruas e de cores para homem, chales de seda, manteletes e muitas outras fazendas francezas e suissas: terça-feira 28 do corrente as 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cruz.

— José Francisco Gonçalves fará leilão por intervenção do agente Borja, quinta-feira 30 do corrente as 10 horas da manhãa, em sua casa na rua do Collegio n. 12, segundo andar, de uma excellente mobilia de jacarandá de gosto modernissimo, um optimo guarda vestidos, um dito guarda roupa de jacarandá, secretaria, commodas, guarda-louça, apparadores, sofá, consolos, marquezas e cadeiras de amarello, um rico santuario de jacarandá com varias imagens, vasos de porcellana e de vidro para enfeites de sala, diversos quadros, obras de ouro e prata, uma porção de louças e vidros de diversas qualidades para serviço de mesa, todos os utensilios de casa, etc., e outros muitos objectos que se acharão patentes no dia do leilão na mesma casa; assim como uma optima escrava.

Leilão de feijão.

Hoje as 11 horas haverá leilão de 60 saccas com feijão, que faz Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, por conta e risco de quem pertencer, defronte da porta da alfandega ; será em lotes a vontade dos compradores.

LEILAÕ DE QUEIJOS.

Hoje, segunda-feira 27 do corrente, ha leilão de 50 caixas com queijos hollandezes: no caes da alfandega.

— O agente Borja fará leilão quarta-feira 29 do corrente, em seu armazem na rua do Collegio n. 15, de uma quantidade immensa de objectos, como bem obras de marceneria novas e usadas de differentes qualidades, obras de ouro e prata, relogios diversos, candelabros, lanternas, candieiros etc., uma armação envidraçada para loja e outros muitos objectos que estarão patentes no mesmo armazem no dia do leilão ; assim como um excellente carro de quatro rodas e um excellente cavallo de estribaria sellado e enferado, que estarão em frente do armazem as 10 horas em ponto.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia ; alias não serão publicados.

COMPANHIA DE BEBERIBE.

A administração da companhia de Beberibe, resolveu em sessão de 24 do corrente, por em arrematação a taxa dos chafarizes por bairros, ou em sua totalidade, por tempo de um anno, a contar do 1 de janeiro de 1855 ; para o que convida a quem tal arrematação convier, a comparecer no escriptorio da companhia, no dia 12 de dezembro proximo vindouro ao meio dia, com as suas propostas em carta fechada, nas quaes deverão ser declarados os fiadores dos concurrentes, que poderão obter os precisos esclarecimentos a'cerca do rendimento da taxa, no escriptorio da companhia, das 9 horas da manhãa, a's 3 da tarde de qualquer dia util. Recife 25 de novembro de 1854.—O secretario, Luiz da Costa Portocarreiro.

—O abaixo assignado, adverte a'quellas pessoas que se dignam ser seus devedores, por compra de bilhetes de loteria ou outro negocio, que quando houverem de pagar-lhe seus debitos, o façam pessoalmente ao abaixo assignado, ou a seu caixeiro José Domingos Mendes.—Antonio José de Faria Machado

— Aluga-se ou empenha-se por 400$000 uma escrava, parda, ainda moça, com as seguintes habilidades : cose chão, lava de sabão e barrella, engomma liso e cozinha o diario de uma casa de pouca familia, por a isso estar costumada ; notando-se que seus serviços não se entenderá de portas para fóra, pois he recolhida : quem quizer qualquer negocio dos acima ditos, annuncie para ser procurado, ou dirija-se á taberna que volta para a Camboa do Carmo.

— No aterro da Boa-Vista, tenda de sapateiro, defronte do becco dos Ferreiros, se dirá quem tem um bom terreno fóra do centro da cidade, e em muito boa posição para se poder ter uma grande cocheira.

— Eduardo Gadault continúa a dar lições de desenho em sua residencia, assim como em particular ; as pessoas que quizerem aperfeiçoar-se nesta arte, obterão em sua direcção bons modelos e principios ; tambem retrata a oleo ou a fumo, e encarrega-se de qualquer copia de quadro para as igrejas : quem quizer utilisar-se de seu prestimo compareça na Camboa do Carmo, primeiro andar, sobrado n. 19. Na mesma casa vendem-se objectos necessarios ao desenho.

Loteria da provincia.

Amanhãa 28 do corrente, as 8 horas da manhãa, correm impreterivelmente as rodas da terceira parte da quinta loteria a favor das obras da matriz da Boa-Vista, cuja extracção não póde ter lugar no dia 24 do corrente em consequencia de doença repentina do thesoureiro. Os poucos bilhetes que restam acham-se a venda hoje até as 6 horas da tarde, nos lugares já annunciados. Pelo Senhor thesoureiro — *Luiz Antonio Rodrigues de Almeida.*

— Quem precisar de uma ama moça para casa de homem solteiro, ou de pouca familia : dirija-se a rua do Fogo n. 20.

— Precisa-se de uma senhora que queira ir para a Europa em companhia de uma familia : a pessoa que lhe convier, annuncie.

SOCIEDADE RECREIO MILITAR.

O baile de dezembro terá lugar a 10 : as propostas para convite são aceitas somente até o dia 28 a tarde, em que haverá reunião do directorio. O secretario, *Dr. Velho Filho.*

Gabinete Portuguez de Leitura.

Por ordem da directoria, scientifica-se aos senhores associados que quando alguns dos empregados do mesmo estabelecimento lhes faltem com o respeito que lhes he devido, se dignem communica-lo a directoria, para esta dar as providencias.—*M. F. de Souza Bandeira*, segundo secretario.

COMPANHIA DE BEBERIBE.

A administração da companhia de Beberibe, tem autorisado o Sr. caixa a pagar o decimo terceiro dividendo, visto que no dia 24 do corrente não se reunio numero de votos sufficientes para haver assembléa geral.—O secretario, Luiz da Costa Portocarreiro.

— O Dr. Thomassin com sua senhora retiram-se para fóra do imperio.

— Aluga-se um primeiro andar na rua estreita do Rosario n. 16 : a tratar no segundo andar do mesmo.

— Precisa-se de uma mulher que saiba cozinhar a fezer todo o serviço de uma casa de homem solteiro: na rua Nova n. 41, primeiro andar.

— De accordo com a parte segunda do artigo 41 dos estatutos da companhia de seguros maritimos Utilidade Publica, convidamos aos senhores accionistas a reunirem-se no dia 30 do corrente novembro, no escriptorio da mesma companhia, rua da Cadeia n. 42, ao meio dia. Recife 24 de novembro de 1854. — Os directores, *Manoel Joaquim Ramos e Silva, Luiz Antonio Vieira.*

— Precisa-se de uma ama de leite para acabar de amamentar uma criança de seis mezes: na rua Nova n. 19.

— No dia 23 do corrente, pelas 6 horas da tarde, perdeu-se na Soledade, na estrada que vai para o Manguinho, um relogio de prata um pouco desconcertado (suisso); roga-se a pessoa que o achar, leva-lo a rua da Cruz n. 27, ou a rua do Aragão, casa n. 33, que será recompensado.

HOTEL DA CAPUNGA.

Neste estabelecimento situado na povoação do mesmo nome, ao pé do antigo porto de embarque, nos domingos e dias santos se acharão todas as qualidades de petiscos, bem como, pasteis, empadas, bollinhos, podings, chá, café, chocolate, bebidas de todas as especies, jogo de bilhar, etc., e de domingo 26 do corrente em diante, haverá sorvetes.

—Roga-se a Illm. camara municipal de Olinda, que como sejam obrigados a olhar o bem de seus habitantes, reclamem a S. Exc. afim de cumprir com as obras de misericordia, que he dar de beber a quem tem sede, pois que os habitantes daquella desditosa acham-se reduzidos a ultima miseria de agua, o clamor he geral; isto lhe pede,—Um desesperado.

— Desappareceu a lettra n. 1714, sacada por Feidel Pinto & Companhia, em 30 de junho proximo passado a 6 mezes, aceita pelo Sr. João Francisco da Costa, da quantia de rs. 154$800, cuja os sacadores declaram de nenhum effeito, por já terem prevenido o aceitante.

Casa da aferição, pateo do Terço n. 16.

A pessoa competentemente autorisada pelo aferidor, faz ver a quem interessar possa, que o prazo marcado pelo regimento municipal, finalisa-se no dia 31 de dezembro proximo futuro, e que depois não se chamem a ignorancia. Recife 21 de novembro de 1854.—Pelo aferidor, *Praxedes da Silva Gusmão.*

Mais uma supplica a S. Exc. o Sr. conselheiro presidente da provincia, por um habitante da cidade d'Olinda.

Achando-se actualmente os habitantes da cidade d'Olinda, e principalmente a gente pobre, soffrendo sobremodo por falta d'agua potavel, em consequencia de ter sido arrombado com a cheia passada o aterro dos Arrombados, cujo concerto sendo de urgente necessidade para que a população d'Olinda não esteja a mercê de quem lhe queira lá ir vender uma carguinha d'agua a 480, e por empenhos, pelo que nunca chega á gente indigente da mesma cidade, que vive no maior desespero, até aqui não se tem feito nenhuma providencia que sirva para remover um tal clamor, merecido aquella população de S. Exc.: por isso pede-se respeitosamente a S. Exc. que tomando em consideração o actual estado da população d'Olinda, mormente a gente indigente, ou dê alguma providencia para que seja a cidade abastecida d'agua, ou autorise quanto antes o concerto do aterro no lugar Arrombado, afim de que possa haver agua no Varadouro, onde todos os habitantes da cidade e principalmente os pobres, sempre acharão esse recurso em suas necessidades, se estiver a mercê da vontade de alguem, embora lh'a vendam por um preço enorme, ou a tragar sede, visto como em nenhuma outra parte da cidade se pode achar recurso á esse mal.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, afiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de

Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

CASA DE COMMISSAO' DE ESCRAVOS.

Na rua Direita, sobrado de 3 andares, defronte do becco de S. Pedro n. 3, recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de commissão, não se levando por esse trabalho mais do que 2 por cento, e sem se levar cousa alguma de comedorias, offerecendo-se para isto toda a segurança precisa para os didos escravos.

O CRAVO.

No dia 1. de dezembro proximo vindouro reapparecerá o *Cravo*. Os senhores assignantes que quizerem continuar com as suas assignaturas, tenham a bondade de dirigir-se á rua Nova n. 52, loja do Sr. Boaventura. Adverte-se que a assignatura he de 800 rs. por trimestre, e vende-se avulso a 100 rs. cada numero.

— Precisa-se alugar um preto sem habilidades, mas que seja robusto: quem tiver annuncie para ser procurado.

— Precisa-se de uma ama para uma casa de tres pessoas de familia, para cozinhar, engommar e fazer o mais serviço da mesma: na rua do Guararapes por cima da padaria primeiro andar.

— Precisa-se de uma lavadeira que lave roupa com muita perfeição, que preste fiança da sua conducta, e que dê a roupa de 8 em 8 dias: no hotel da Europa da rua da Aurora n. 58.

Madama Rosa Hardy, modista brasileira, rua Nova n. 54.

Partecipa ao respeitavel publico, que acaba de receber um rico sortimento de chapéos de seda e de palha para senhoras, ditos para meninas de seda e de palha, chapéozinho de seda para baptisado, capellas de laranjas para noiva, ricos cortes de vestidos de barege de seda, cortes de seda escosseza, grodenaples furta cores e preta, ditos sarja preta lavrada, manteletes e capotinhos pretos e de cores, ricos chales de retros e bordados para senhoras, ditos de seda, ditos de lãa a imitação de cachemira, romeiras de filó bordado de seda branca e de cores, veos a imitação de blonde para noiva, lenços de mão de cambraia de linho, ditos de cambraia e algodão, transas de seda e algodão, branca e de cores, toucas e vestidos de baptisado, espartilhos, fitas e bicos de seda de linho e blonde, meias de seda para crianças, pentes de tartaruga, camizinhas de senhoras, leques e outras fazendas que se vendem por preço commodo.

— Francisco Lucas Ferreira, com cocheira de carros funebres no pateo do Hospital n. 10, encarrega-se de qualquer funeral, sendo padres, musica, cera, armação na igreja ou em casa, carros de passeio e tirar guia da camara, e ahi encontrarão tudo com aceio, segundo dispõe o regulamento do cemiterio.

— Compra-se effectivamente bronze, latão e cobre velho: no deposito da fundição d'Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição em S. Amaro.

RCALOS HARDY, OURIVES, RUA NOVA N. 34,

recebeu de Paris um lindo sortimento de obras de ouro de lei: correntes modernas de 6 palmos para relogio, pelo preço de 65$000 a 80$000; trancelins chatos com passador, ricos sinetes, adereços inteiros, etc., adereços, cassoletas esmaltadas, um grande sortimento de rosetas para senhoras e meninas, alfinetes, anneis e pulceiras, obras feitas na terra, annelões, medalhas, trancelins, cordões, colares, gargantilhas, brincos, rosetas, alfinetes, tudo se vende muito barato.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhã até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A POTHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.
Ditas 36 ditos a . . . . . . 20$000
Ditas 48 ditos a . . . . . . 25$000
Ditas 60 ditos a . . . . . . 30$000
Ditas 144 ditos a . . . . . . 60$000
Tubos avulsos . . . . . . 1$000
Frascos de meia onça de tinctura. . . . . . 2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptа-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

Trapiche do Cunha.

O trapiche do Cunha descarrega com toda a promptidão saccos de legumes, pela diminuta quantia de 40 rs. o sacco.

TOALHAS

E GUARDANAPOS DE PANNO DE LINHO PURO.

Na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia, vendem-se toalhas de panno de linho, lisas e adamascadas para rosto, ditas adamascadas para mesa, guardanapos adamascados, por preços commodos.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

BANCO DE PERNAMBUCO.

Em virtude da requisição feita pela direcção do Banco de Pernambuco, em data de 18 de novembro corrente, he convocada a assembléa geral do mesmo Banco, para se reunirem no dia 29 do corrente novembro afim de tratar-se da fusão do Banco de Pernambuco com o do Brasil, a's 11 horas no lugar do costume. Recife 21 de novembro de 1854.—Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, presidente.—José Bernardo Galvão Alcoforado, primeiro secretario.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— Novos livros de homeopathia uefrancez, obras todas de summa importancia:
Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes . . . 20$000
Teste, molestias dos meninos . . . 6$000
Hering, homeopathia domestica. . . 7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica. . . 6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes . . . 16$000
Jahr, molestias nervosas. . . 6$000
Jahr, molestias da pelle. . . 8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes 16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos. . . 10$000
A Teste, materia medica homeopathica. . 8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica 7$000
Clinica de Staoneli . . . 6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . 4$000
Diccionario de Nysten . . . 10$000
Atllas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . . 30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua do Collegio n. 25, primeiro audar.

— Aluga-se para o serviço de bolieiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira a do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

—O Sr. Adolpho Manoel Camello Lins, escrivão de Iguarassu', queira quando vier a esta praça, dirigir-se a livraria da praça da Independencia n. 6 e 8, a negocio que lhe diz respeito.

—O Sr. José Norberto Casado Lima, queira apparecer na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia que se lhe precisa fallar a negocio.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Dá-se dinheiro a juros sobre penhores de ouro ou prata, em pequenas quantias; na rua Velha n. 35.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

Na estrada dos Afflictos, sitio confronte a capella, dão-se consultas homeopathicas.

— No hotel da Europa, na rua da Aurora, dá-se almoço e jantar para fóra, por preço muito razoavel.

O bacharel em mathematicas B. Pereira do Carmo Junior dará principio no dia 1.º de dezembro proximo futuro, a um novo curso de arithmetica, algebra e geometria, na rua Nova, sobrado n. 56: para os senhores estudantes que tencionarem fezer exames em março proximo vindouro se prescindirá das explicações de algebra.

JOAO' PEDRO VOGELEY,

fabricante de pianos, afina e concerta os mesmos com toda perfeição e por modico preço: todas as pessoas que se quizerem utilisar de seu prestimo, dirijam-se a rua Nova n. 41, primeiro andar.

— No hotel da Europa, na rua da Aurora, tem comida e bons petiscos a toda hora, por preço commodo.

Joias.

Os abaixo assignados, donos da loja de ourives, na rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico que estão sempre sortidos dos mais ricos e melhores gostos de todas as obras de ouro necessarias, tanto para senhoras como para homens e meninas, continuam os preços mesmo baratos como tem sido; passar-se-ha uma conta com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim garantido o comprador se apparecer qualquer duvida. — *Seraphim & Irmão.*

Aluga-se uma sala com mobilia, em um lugar muito proprio para advogacia, e tem muito boas escadas: a tratar na rua do Queimado n. 7, loja da Estrella.

— O tachigrapho do «Jornal do Commercio» João Ferreira Vilella, em quanto se demora nesta provincia encarrega-se de qualquer sessão do jury, completa ou em parte, tanto da capital como do interior: quem de seu prestimo quizer se utilisar, dirija-se á rua do Cabugá n. 16, terceiro ou quarto andares.

— Precisa-se de um caixeiro de idade 14 a 18 annos, e que tenha alguma pratica de fazendas, para uma casa de negocio na villa de Porto do Calvo; para seu ajuste, dando fiador a sua conducta, dirija-se á rua da Cadeia, loja de Bastos & Gonçalves.

— Precisa-se de uma ama de leite, que seja branca ou parda: no largo do Terço n. 44.

— Precisa-se de uma mulher forra ou escrava, que engomme e cozinhe perfeitamente: quem estiver nestas circumstancias, dirija-se ao pateo do Paraizo, sobrado que faz quina para a rua da Roda.

— Furtaram no dia 22 do corrente mez um relogio de ouro, coberto, patente suisso, com um trancelim fino de ouro, tendo este um passador esmaltado: a quem fôr offerecido, roga-se o favor apprehende-lo e leva-lo a rua da Aurora, casa de Gabriel Soares Raposo da Camara, que será recompensado.

— Sahio á luz a biographia do Dr. Gomes em um folheto de 30 paginas, grande in 8.º, com o seu retrato e o *fac-simile* da sua firma, gravados do original pintado pelo exactissimo Sr. Carvalho, pelo Sr. P. Azevedo com espantoso talento natural. Vende-se na loja de livros do Sr. Figueiroa, na praça da Independencia, nas boticas dos senhores Bartholomeu e Pinto, rua do Rosario larga, do Sr. Joaquim Ignacio Ribeiro praça da Boa Vista, do Sr. Bravo rua da Madre de Deos, e no armazem do Sr. Manoel dos Santos Fontes rua do Collegio n. 25. Preço 1$.

UM PRODIGIO DO METHODO CASTILHO DE LEITURA REPENTINA, RUA DA PRAIA.

Diz o illustre litterato, a paginas XI da sua 3.ª edicção, que o seu methodo cura a gaguez; com effeito, o seguinte caso he mais uma maravilha em favor do Sr. Castilho. Encarregou-me o Rvm. Sr. padre Lemos de ensinar um menino mudo; eu não sabia como desempenhar a minha missão, fui-lhe gritando as regras e mais preceitos do methodo, quando oh! prodigio, no fim de 15 dias o menino entra a pronunciar todo o alphabeto, junta as sillabas, canta as regras e executa as marchas sillabicas com toda a perfeição! Os incredulos podem desenganar-se com o pai do dito menino. O director da escola de leitura repentina estimaria muito que todos os illustres redactores dos jornaes desta cidade fossem das 7 as 9 da noite, horas em que estarão mais desoccupados, testemunhar ocularmente a excellencia deste methodo. As lições de noite para os homens 5$000 mensaes; de dia para os meninos 3$000. O director dá livros, pedras, e tudo o mais preciso aos discipulos; na rua da Praia, palacete amarello.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, tresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— Aluga-se annualmente ou pela festa uma propriedade de pedra e cal com commodos sufficientes para qualquer familia, no lugar do Poço da Panella, contigua ao ex-collegio de S. Boaventura: a tratar na fundição do Brum ns. 6, 8 e 10, com o caixeiro da mesma.

— Precisa-se alugar uma escrava que saiba cozinhar o diario de uma casa; na rua Nova n. 1, ou na rua da Roda n. 9.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para casa de pouca familia: na rua de S. Francisco n. 18.

— Maia & Alves fazem publico a seus credores, que desde o dia 16 de novembro corrente se acha dissolvida a sociedade que tinham na taberna da rua Nova n. 71, e que José Joaquim Alves ficou responsavel pelo activo e passivo da dita sociedade, continuando o negocio debaixo do seu proprio nome.

— Aluga-se o primeiro andar da casa da rua do Vigario n. 29: a tratar no armazem ou taberna defronte.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar: no largo do Terço, casa n. 44.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Não tendo corrido hontem as rodas da terceira parte da quinta loteria, a favor das obras da matriz da Boa-Vista, por ter adoecido o thesoureiro repentinamente, o mesmo thesoureiro faz publico que terça-feira 28 do corrente, corre infallivelmente.

NO CONULTORIO
DO DR. CASANOVA,
RUA DAS CRUZES N. 28,

continua-se á vender carteiras de homeopathia de 12 tubos (grandes, medianos e pequenos) de 24, de 36, de 48, de 60, de 96, de 120, de 144, de 180 até 380, por preços razoaveis, desde 5$000 até 200$000.
Elementos de homeopathia, 4 vols. 6$000
Tinturas a escolher (entre 380 qualidades) cada vidro 1$000
Tubos avulsos a escolha a 500 e 300

Srs. Redactores. — Ainda ha justiça sobre a terra; ainda ha autoridades que não julgam por rattenções e considerações pessoaes, e sim em vista da lei, sem torcer-lhe a lettra e o espirito, e segundo o allegado e provado: he por tanto conveniente e acertado dar publicidade a os seus actos de justiça, para dest'arte attrahir cada vez mais sobre ellas o respeito e estima dos seus concidadãos.

Motivos particulares, que agora não desejo declarar, fizeram-me cahir na desafeição e inimizade de alguem, do que resultou ser eu processado por infracções que falsamente se disse ter eu commettido contra o disposto no decreto de 29 de setembro de 1851, e regulamento annexo; mas nesse processo acabo de ser absolvido, pela sentença que abaixo se lê, e que offereço aos meus gratuitos inimigos e detractores para que nella se mirem, e conheçam a injustiça de suas acintosas accusações.

Muito agradeço aos Illms. Srs. Drs. delegado Carvalho, e promotor publico Cavalcanti de Albuquerque esse acto de justiça que comigo praticaram, e com o qual provaram que para sustentar os desregrados caprichos de alguem são incapazes de trahir suas consciencias e violentar a lei.

Dando publicidade a estas linhas e á sentença junta, muito obrigarão ao seu antigo assignante

José da Rocha Paranhos.

João Saraiva de Araujo Galvão, escrivão do juizo municipal da primeira vara da cidade de Pernambuco, e da delegacia do primeiro districto do termo da cidade do Recife, por S. M. I. e C. que Deos guarde etc.

Certifico que a sentença de que trata o supplicante em sua petição retro, he da forma, modo, maneira e theor seguinte:

Não havendo provas com que deva o réo José da Rocha Paranhos ser condemnado, e não sendo o termo de vizita sanitaria, a folhas 6, revestido das formalidades de que trata o artigo 65 do decreto de 29 de setembro de 1851, que manda que taes exames sejam feitos por peritos, e não por perito; attendendo mais que o réo foi examinado em o anno de 1831, para exercer a profissão de pharmacia, e que o seu titulo fôra registrado em diversas camaras municipaes, sendo uma dellas a desta cidade, e que o reconhecendo legal, dera-lhe licença para ter botica aberta, como se vê a folhas 19, 20, 21, 22 e 23, que he conforme com o disposto nos artigos 30 e 35 do citado decreto, por tanto, julgo improcedente as partes officiaes de folhas 3 a 6, e condemno a municipalidade nas custas.

Delegacia deste primeiro districto do Recife 30 de outubro de 1854.— *Francisco Bernardo de Carvalho.*

— Aluga-se para se passar a festa uma boa casa em Olinda, rua da bica de S. Pedro, com 3 salas 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

C. STARR & C.

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continua a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha

DEPOSITO DE MACHINAS

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) de que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que seria enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprometem a fazer executar, com a maior presteza, perfeição, e exacta conformidade com os modelos ou desenhos, e instrucções que lhe foremfornecidas.

— Precisa-se alugar 2 pretos para trabalhar em um sitio muito perto desta cidade; dá-se o sustento, com a condição de dormir, e paga-se mensalmente: a tratar no largo do Corpo Santo n. 13, segundo andar.

— Aluga-se uma casa para passar a festa, no Monteiro, a margem do rio, pintada de novo, com excellentes commodos para familia: quem pretender dirija-se a rua da Cadeia do Recife loja n. 53.

COMPRAS.

— Compra-se uma escrava que tenha leite, com cria ou sem ella: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 42.

— Compra-se prata brasileira e hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54, loja.

— Compra-se peroba de primeira qualidade, ou outra madeira propria para fazer pipas; tendo os tôros 7 palmos de comprido: na distilação do Franca na praia de Santa Rita.

VENDAS.

COM TOQUE DE AVARIA.

Chitas escuras e fixas a 4$500 e 5$000 rs. a peça: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

Isabel segunda e Espartero.

Chegou á loja de miudezas da rua do Callegio n. 1, ricas estampas em ponto grande de Isabel II, rainha da Hespanha, e de Espartero, regente da Hespanha, que se vendem a 2$000 até 10$000, proprias para ornar salas por serem muito ricas; a ellas antes que se acabem.

Panoramas para jardim.

— Brunn Praeger & Companhia, na rua da Cruz n. 10, receberam e vendem um sortimento de globos de espelho, de diversos tamanhos e cores, que formam o mais lindo panorama, postos em uma columna no meio do jardim, como se usa hoje na Europa, nos jardins de bom gosto.

— Brunn Praeger & Companhia, na sua casa, rua da Cruz n. 10, teem á venda pianos tanto horisontaes como verticaes dos melhores autores, obras de ouro de 18 quilates, do mais apurado gosto, pinturas em oleo, paisagens etc., com moldura dourada, vistas de Pernambuco geraes e especiaes, cadeiras e sofás para terraços e jardins, oleados de ricas pinturas para mesa, vinho de Champagne, licores de differentes qualidades, presuntos, genebra em frasqueiras, instrumentos para musica.

— Vendem-se dous sellins inglezes com pouco uso, um para homem e outro para senhora: na rua da Cruz n. 10.

— Vendem-se 4 escravos, sendo 1 mulatinho de idade 11 annos, 1 molecote crioulo de idade 14 annos, 1 dito de bonita figura de idade 22 annos, e 1 escrava propria para todo serviço: na rua Direita n. 3.

— Vende-se uma mulata de 26 a 27 annos, e 1 mulatinho filho da mesma, de 5 a 6 annos: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 13.

Vinho de Colares e de Thomar.

Vende-se vinho de Colares tinto e de Thomar branco, em barris pequenos: na rua da Cadeia do Recife n. 48, casa de Augusto C. de Abreu.

— Vendem-se velas estearinas em embrulhos de 5 em libra, de qualidade superior: na Boa-Vista, rua da União n. 3, esquina.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja da Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

—Vende-se panno e guarnição para forro de um cabriolet: na rua do Livramento sobrado n. 24, primeiro andar.

Novos chapéos para senhoras e meninas.

Ricos chapéos para senhoras meninas, os mais modernos e de melhor gosto: na rua Nova loja n. 16 de José Luiz Pereira & Filho.

Chapéos para homens.

Chapéos francezes para homem, muito modernos e com elegantes fórmas: na rua Nova loja 16, de José Luiz Pereira & Filho.

— Vende-se ou permuta-se por outro menor, ou por uma casa terrea nesta cidade, um sitio bastante grande, com boa casa de vivenda de pedra e cal, em terreno proprio, com muitos arvoredos deitando fructas, com duas estribarias, cocheira, quartos para escravos, boa baixa para capim, com cercados para vaccas, distante desta praça 1 legua; recebe-se em transacção uma escrava moça que não tenha vicios: quem quizer fazer esse negocio dirija-se ao Aterro da Boa-Vista n. 34, 3.º andar, que se dará as informações precisas.

— Na loja da rua do Crespo n. 6, tem um grande sortimento de caixas para rapé a emitação das de tartaruga, pelo modico preço de 1$280 cada uma.

— Vende-se a taberna da rua do Pilar n. 88 englobadamente ou a retalho: os pretendentes dirijam-se neste caso a mesma taberna, e naquelle de venda englobada á Tasso & Irmão, ou ao liquidatario da firma de Franca & Irmão.

— Vende-se uma porção do botões de metal amarelle, lizos e ovados, proprios para o novo uniforme da guarda nacional, ha grandes e pequenos: na rua da Cruz n. 13 1. andar.

— Vende-se um preto da Costa, moço, de bonita figura e bem possante e robusto, para todo serviço, he ganhador paga, duas patacas por dia, vende-se por precisão: quem o pretender dirija-se a rua das Larangeiras n. 14.

Para uma encommenda.

Na rua da Cruz n. 52 compra-se uma escrava de 18 a 20 annos, que seja de boa figura e intelligente no serviço de casa de familia.

3.ª parte da 5.ª loteria da matriz da Boa-Vista.

CONFORME O PLANO APPROVADO PELO GOVERNO.

Bilhetes só com a assignatura do thesoureiro . . . . 8$000
Meios ditos idem. . . . . . . 4$000

Captivos ao imposto geral de 8 por cento nos 3 primeiros premios.

CASA DA FORTUNA

ATTERRO DA BOA-VISTAN. 72 A.

O dia terça feira 28 do corrente, esta' novamente marcado pelo Thesoureiro respectivo, para a extracção' dos premios, e caso aconteça o contrario, positivamente se garante recomprar com mais 10 por cento de premio sobre o custo de todos os bilhetes da dita loteria que se venderem pelo preço acima declarado, tao' somente na casa da Fortuna do aterro da Boa-Vista n. 72 A, tendo lugar a recompra dos referidos bilhetes do dia 29 do corrente até a vespera de outro qualquer dia, que (só por força do destino) for terceira vez marcado para a dita extracção, e para se não confundirem com outros os bilhetes que se venderem com a dita condição, serão carimbados no centro com o signete da firma do dono da dita casa: a elles que são de muito rica numeração e promettem grandes premios. Recife 25 de novembro de 1854.—Gregorio Antunes de Oliveira.

Jacaranda' a' retalho.

Vende-se as duzias, muito bom jacaranda' por preço commodo: no armazem de madeira de pinho do Sr. Joaquim Lopes de Almeida, atraz do theatro velho, ou a tratar com Antonio de Almeida Gomes & C. na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

FRUCTAS NOVAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11, deposito das bichas de Hamburgo, vendem-se as fructas seguintes: peras frescas, maçãas, ameixas francezas em latas, sardinhas em latas, queijos londrinos, latas de ameixas, de damascos, e peras confeitadas com caixas de flores, proprias para mimos, e outras muitas cousas, assim como a verdadeira bolachinha de soda.

— Vende-se por modico preço uma balança braço de Romão com conchas e correntes de ferro, propria para armazem de assucar; na cocheira defronte do convento de S. Francisco.

NOVAS INDIANAS DE SEDA EE DE QUADROS A 800 RS. O COVADO.

Chegou pelo ultimo navio de França uma fazenda inteiramente nova, de seda de quadros largos, com o lindo nome Indiana, que pelo seu brilho parece seda, pelo diminuto preço de 800 rs. o covado; dão-se as amostras com penhores: na rua do Queimado, loja n. 40.

CUTILARIA DE GUIMARAES,

Vende-se na loja de ferragens da rua da Cadeia n. 44, as mais bem acreditadas tesouras para barbeiros.

— Na loja de selleiro de Domingos José Ferreira, rua Nova n. 19, tem para vender sola de lustre branco, propria para correiames de fuzileiros da guarda nacional, assim como tem bezerro de lustre branco e amarello proprio para canhões e cintos de pagens, mais barato do que em outra qualquer parte.

CASSAS FRANCEZAS A 450 RS. A VARA.

Vendem-se cassas francezas finas de lindos padrões a 450 rs. a vara, chamalote de seda de cores a 800 rs. o covado, luvas de seda brancas e côr de palha para meninas e meninos, riscados escocezes de quadros largos a 260 rs. o covado: na rua do Queimado loja n. 40

— Vende-se um escravo de nação, proprio para serviço de rua ou servente de pedreiro, do que tem alguns annos de pratica: na rua do Pilar n. 141.

— Vendem-se 12 cadeiras de oleo, novas, 6 ditas de amarello, usadas, 2 bancas de amarello, usadas, tudo por preço muito commodo: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 20.

— Vende-se um boi muito manso, costumado a puxar carroça: na Estancia sitio de Debourcq.

— Veudem-se 6 cadeiras e uma banca de jacarandá em bom uso; na rua de Santa Rita, defronte da casa n. 54.

FAZENDAS BARATAS.

Rua do Livramento n. 8, loja de 3 portas ao pé do armazem de louça.

Vendem-se romeiras de filó de linho bordadas, muito superiores, a 4$500, 5$, 6$ e 7$000; camisinhas de cambraia bordadas para senhora a 2$000; cassas de cores de gosto moderno a 360, 400, 500, 600 e 700 rs. a vara, chitas francezas muito finas a 260 e 280 o covado; córtes de cassa de 2 e 3 babados a 2$000 e 2$400; meias de algodão para menina e menino, chapeos de massa francezes, fórma moderna, a 6$ e 6$500; e outras muitas fazendas por barato preço.

— Vende-se porção de milheiros de tijolos de alvenaria grossa, muito bons, a 20$000, posto em qualquer porto da cidade do Recife: quem pretender, dirija-se ao armazem de materiaes da rua da Concordia que tem taboleta, ultima casa ao sul.

Vendem-se gigos com superior champagne, da ja' bem conhecida marca estrella, e quartolas com vinho de Bordeaux de superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche n. 11.

CASEMIRAS E PANNOS.

Vende-se casemira preta e de côr para palitós por ser muito leve a 2$600 o covado, panno azul a 3$ e 4$000, dito preto a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 5$500, córtes de casemira de gostos modernos a 6$000, setim preto de Macáo a 3$200 e 4$000 o covado: na rua do Crespo n. 6.

Vamos

comprar chapéos de seda para senhora os mais modernos, ricos e baratos que existe nesta praça: vendem-se na rua Nova n. 11, loja do Gadault.

— Vende-se um sitio na Capunga Nova por commodo preço, com boa casa: a tratar na rua da Roda n. 15, segunda casa a sahir por detraz do quartel de policia.

—Alcool de 36 a 40 gra'os: vende-se na distilação da praia de S. Rita.

—Vendem-se barricas com maçãas vindas no gello, a dinheiro, garrafas de rolão hamburguez e massa de tomates: na rua da Cadeia n. 15, loja de Bourgard.

CONHECIDO DEPOSITO DE POTASSA E CAL.

Na rua de Apollo armazem n. 2 B, continua a ter superior potassa da Russia e Rio de Janeiro, e cal de Lisboa em pedra: tudo a preço que muito satisfara' aos seus antigos e novos freguezes.

— Vende-se chocolate superior de Lisboa: no armazem defronte da escadinha da alfandega.

— Vendem-se arados americanos, chegados ultimamente no brigue americano *W. Price*, pelo mesmo preço do costume: na rua do Trapiche n. 8.

Gello.

— Avisa-se aos freguezes dó gello e aos assignantes que a venda do mesmo he no antigo deposito da rua da Senzalla Velha n. 118, porém pelo lado do caz do Apollo em seguimento aos fundos dos armazens onde esteve o Sr. José Antonio de Araujo, a entrada he por um portão que fica no meio de dous mais que existem.

Palitós de alpaca a 6$400.

Na rua do Queimado n. 7, loja da Estrella, de Gregorio & Silveira, vendem-se palitós de alpaca mesclados, muito bonitas cores, pelo baratissimo preço de 6$400.

CAMISAS FEITAS.

Vendem-se camisas francezas as mais bem feitas e melhores modellos que tem vindo a esta praça, por preço commodo: na rua do Crespo n. 23.

SACCAS COM FARINHA DE MANDIOCA.

Vendem-se por menos preço do que em outra qualquer parte: na loja n. 26 da rua da Cadeia do Recife, esquina do Becco Largo.

— Vende-se uma porção de varas, estacas e faxinas para cerca, e por preço muito commodo: na rua da Gloria n. 69.

— Na taberna da rua do Livramento n. 38, vende-se o afamado fumo de Garanhuns.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se sola muito boa e pelles de cabra, em pequenas e grandes porções: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

VENDAS.

Chegaram recentemente algumas saccas do bom farello, que estão expostas a venda nos armazens defronte da escadinha, ou na travessa da Madre de Deos, armazem de Novaes & C.

Lindos córtes de lanzinha para vestido de senhora, com 15 covados cada córte, a 4$500.

Na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

MELPOMENE.

Vende-se melpomene de lãa, gosto escossez, padrões novos, vindos pelo ultimo vapor, pelo preço de 480 rs. o covado: na rua do Crespo n. 23.

VINHO DO PORTO SUPERIOR FEITORIA

em caixas de 1 ou 2 duzias de garrafas: vende-se no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

RELOGIOS INGLEZES DE PATENTE.

Continuam a vender-se por preço commodo; no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

FAMA

No aterro da Boa-Vista, defronte da boneca n. 8, chegou ultimamente um completo sortimento de todos os generos de molhados dos ultimamente chegados, e vende-se por preço muito razoavel: manteiga ingleza a 480, 720, 800 e 880; dita franceza a 640; arroz do Maranhão a 80 e 100 rs.; presunto a 480; chá hysson a 1$600, 1$920, 2$500 e 2$800; dito do Rio a 1$600; velas de espermacete a 880, 960 e 1$120 a libra; caixas de estrellinha muito superior a 5$000; passas, figos, ameixas, desembarcadas ultimamente, tudo de superior qualidades.

— Na rua da Soledade casa n. 70, ha muito grande variedade de novas qualidades de roseiras e dahlias, e outras flores: os senhores que as tem encommendado queiram mandar busca-las.

SALSAPARRILHA

Chegada ultimamente do Para' de qualidade regular, vende-se a preço commodo: na rua do Trapiche n. 6, segundo andar.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

GRANDE SORTIMENTO DE BRINS PARA CALÇAS E PALITO'S.

Vende-se brim trançado de linho de quadros a 600 rs. a vara; dito a 700 e 1$000; dito mesclado a 1$400; córtes de fustão branco a 400 rs.; ditos de cores de bom gosto a 800 rs.; ganga amarella lisa da India a 400 rs. o covado; córtes de cassa chita a 2$000 e 2$200; lenços de cambraia de linho grandes a 640; ditos pequenos a 360; toalhas de panno de linho do Porto para rosto a 14$000 a duzia; ditas alcoxoadas a 10$000; guardanapos tambem alcoxoados a 3$600: na rua do Crespo n. 6.

O QUE GUARDA FRIO GUARDA CALOR:

portanto, vendem-se cobertores de algodão com pello como os de lãa a 1$400; ditos sem pello a 1$200; ditos de tapete a 1$200: na rua do Crespo n. 6.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

—Vende-se em casa de Rabe Schmettau & C., na rua do Trapiche n. 5, o seguinte:

Ricas obras de brilhantes
Optimos pianos verticaes.
Um dito horisontal com pouco uso.
Vidros de differentes tamanhos para espelhos.
Tudo por preços muito commodos.

Com toque de avaria.

Madapolão muito largo a 3$000 e 3$500 rs. a peça: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

CHALES E MANTELETES DE SEDA DE BOM GOSTO.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia: vende-se chales de seda a 8$000, 12$000, 14$000 e 18$000 rs., manteletes de seda de cor a 11$000 rs., chales pretos de lãa muito grandes a 5$600 rs., chales de algodão e seda a 1$280 rs.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Marcuil — e os rotulos das garrafas são azues.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Cobertores escuros muito grandes e encorpados, ditos brancos com pello, muito grandes, imitando os de lãa, a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

Pannos finos e casemiras.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia, vende-se panno preto á 2$400, 2$800, 3$, 3$500, 4$500, 5$500, 6$000 rs. o covado, dito azul, a 2$, 2$800, 4$, 6$, 7$, o covado; dito verde, á 2$800, 3$500, 4$, 5$ rs. o covado; dito côr de pinhão a 4$500 o covado; cortes de casemira preta franceza e elastica, á 7$500 e 8$500 rs.; ditos com pequeno defeito, á 6$500; ditos inglezenfestado a 5$000; ditos de côr a 4$, 5$500 6$ rs.; merinó preto a 1$, 1$400 o covado.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasas como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

Cassas francezas a 320 o covado.

Na rua do Crespo, loja da esquina que vira para a Cadeia, vendem-se cassas francezas de muito bom gosto, a 320 o covado.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, o algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamauhos, para dito.

— Vinho do Rheno, de qualidades especiaes, em caixas de uma duzia, charutos de Havana verdadeiros: rua do Trapiche n. 5.

— Na rua da Cadeia do Recife n. 60, vendem-se os seguintes vinhos, os mais superiores que tem vindo a este mercado.
Porto,
Bucellas,
Xerez côr de ouro,
Dito escuro,
Madeira,
em caixinhas de uma duzia de garrafas, e á vista da qualidade por preço muito em conta.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

Completos sortimentos de fazendas de bom gosto, por preços commodos.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia, vendem-se cortes de vestidos de cambraia de seda com barra e babados, á 8$000 rs.; ditos com flores, á 7$, 9$ e 10$ rs.; ditos de quadros de bom gosto, á 11$; córtes de cambraia franceza muito fina, lisa, com barra, 9 varas por 4$500; córtes de cassa de côr com tres barras, de lindos padrões, á 3$200, peças de cambraia para cortinados, com 8½ varas, por 3$600, ditas de ramagem muito finas, á 6$; cambraia de salpicos miudinhos, branca e de côr muito fina, á 800 rs. a vara; atoalhado de linho acolxoado, á 900 a vara, dito adamascado com 7½ palmos de largura, á 2$200 e 3$500 a vara; ganga amarella liza da India muito superior, á 400 rs. o covado; cortes de collete de fustão alcoxoado e bons padrões fixos, á 800 rs.; lenços de cambraia de linho á 360; ditos grandes finos, á 600 rs.; luvas de seda brancas, de côr e pretas muito superiores, á 1600 rs. o par; ditas fio da Escocia á 500 rs. o par.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

— Vende-se fio de sapateiro, bom: em casa de S. P. Johnston & Companhia, rua da Sensala Nova n. 42.

Borzeguins a 5$000!

Para fechar contas vendem-se borzeguins de casemira e gaspeados de couro de lustre a 5$000 o par: na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar.

— Vende-se uma taberna com os fundos a vontade do comprador: no pateo da Santa Cruz n. 2.

— Na rua das Cruzes n. 41, segundo andar, vende-se uma escrava de elegante figura, de nação Costa, que cozinha e lava de sabão, e optima quitandeira.

SENHORES DO BOM E BARATO, ATTENÇAO.

No pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, continua-se a vender manteiga ingleza a 480, 560, 640 e 800 rs.; franceza muito boa a 560; passas novas a 300 rs.; aletria, macarrão e talharim a 320; bom doce de cajú secco a 500 rs.; ararula á 160; gomma a 140; bolachinhas de Lisboa muito novas a 320; Napoleão a 400; ararula a 560; ingleza a 320; assucar branco fino a 100 rs.; azeite de carrapato a 240; dito doce a 640 a garrafa; arroz branco a 480 a cuia; do Maranhão a 80 rs. a libra; toucinho de Lisboa, novo, a 400 rs.; azeitonas a 320 a garrafa; vinhos de todas as qualidades de differentes preços, e banha muito alva a 480.

ARREIOS PARA CARROS.

Em casa de Brunn Praeger & C., ha para vender um lindo apparelho para 2 cavallos feito por encommenda, e de qualidade superior a todos que tem vindo a esta praça, com guarnição de metal que nunca se estraga; esta obra se recommenda principalmente para um particular por ser de optimo gosto, e feita com toda a elegancia: vende-se na rua da Cruz n. 10.

—Vende-se a armação da loja da rua do Cabuga', que serve para qualquer negocio por ser a principal rua do bairro de S. Antonio, ao pé da segunda loja do Sr. Peres, adverte-se que cede-se pelo mesmo preço em que esta' dita armação e chaves: a tratar na loja de miudezas da rua do Rosario larga n. 26.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a' venda os bilhetes da loteria 47· do Monte Pio, que correu em 16 do corrente, as listas vem pelo vapor brasileiro até 4 do vindouro dezembro, e os premios serão pagos logo que se fizer a distribuição das mesmas listas, sem o desconto de 8 p. c. do imposto.

VACCA DE RAÇA TOURINA.

Vende-se uma vacca de raça tourina, parida ha 15 dias, com uma linda cria, e dando abundante e optimo leite; para ver e tratar, na Capunga, sitio do Sr. L. A. Dubourcq.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

—Vende-se a verdadeira potassa da Russia, e cal virgem, vinda no brigue portuguez «Tarujo III», chegado no dia 5 do corrente: na praça do Corpo Santo n. 14.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

Deposito de panno de algodão da fabrica de todos os santos na Bahia.

Vende-se este bem conhecido panno, proprio para saccos e roupa de escravos; no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 34.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:
Sortimento variado de ferragens.
Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.
Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.
Um piano inglez dos melhores.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— No dia 22 do corrente, pelas 8 horas da noite, fugiram da casa da rua larga do Rosario n. 22, segundo andar, dous escravos, José crioulo, e Antonio de nação, com os seguintes signaes: José crioulo representa 45 annos, côr bem preta, baixo, magro, barbado e com suissas pretas; levou duas calças, uma de brim pardo com listras pretas em quadros grandes, sendo estas listras pintadas, e outra calça vestida por cima, de panno grosso azul, e esta velha; levou duas camisas, uma de algodão grosso por baixo e outra velha por cima, chapéo de couro, tem a falla muito mansa. Antonio de nação, representa 50 a 55 annos, côr fula, cheio do corpo, levou calça de algodão de riscado azul e camisa igual, com uma correia na cintura segurando as calças, e chapéo de palha: roga-se as autoridades policiaes ou capitães de campo, apprehende-los e leva-los á rua larga do Rosario n. 22, segundo andar, que serão generosamente recompensados.

100$000 de gratificação.

Desappareceu no dia 8 de setembro de 1854 o escravo crioulo, amulatado, de nome Antonio, que representa ter 30 a 35 annos, pouco mais ou menos, nascido em Cariri Novo, d'onde veio ha tempos, he muito ladino, costuma trocar o nome e intitular-se forro; foi preso em fins do anno de 1851 pelo Sr. delegado de policia do termo de Serinhaem, com o nome de Pedro Sereno, como desertor, e sendo remettido para a cadeia desta cidade a ordem do Illm. Sr. desembargador chefe de policia com officio de 2 de janeiro de 1852 se verificou ser escravo, e o seu legitimo senhor foi Antonio José de Sant'Anna, morador no engenho Caité, da comarca de Santo Antão, do poder de quem desappareceu, e sendo outra vez capturado e recolhido a cadeia desta cidade em 9 de agosto, foi ahi embargado por execução de José Dias da Silva Guimarães, e ultimamente arrematado em praça publica do juizo da segunda vara desta cidade no dia 30 do mesmo mez pelo abaixo assignado. Os signaes são os seguintes: idade de 30 a 35 annos, estatura e corpo regular, cabellos pretos e carapinhados, côr amulatada, olhos escuros, nariz grande e grosso, beiços grossos, o semblante fechado, bem barbado, com todos os dentes na frente: roga se, portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo e pessoas particulares, o favor de o apprehenderem e mandarem nesta praça do Recife, na rua larga do Rosario n. 14, que receberão a gratificação acima de 100$000; assim como protesto contra quem o tiver em seu poder occulto.—*Manoel de Almeida Lopes.*

PERN.: TY. DE M. F. DE FARIA. — 1854.